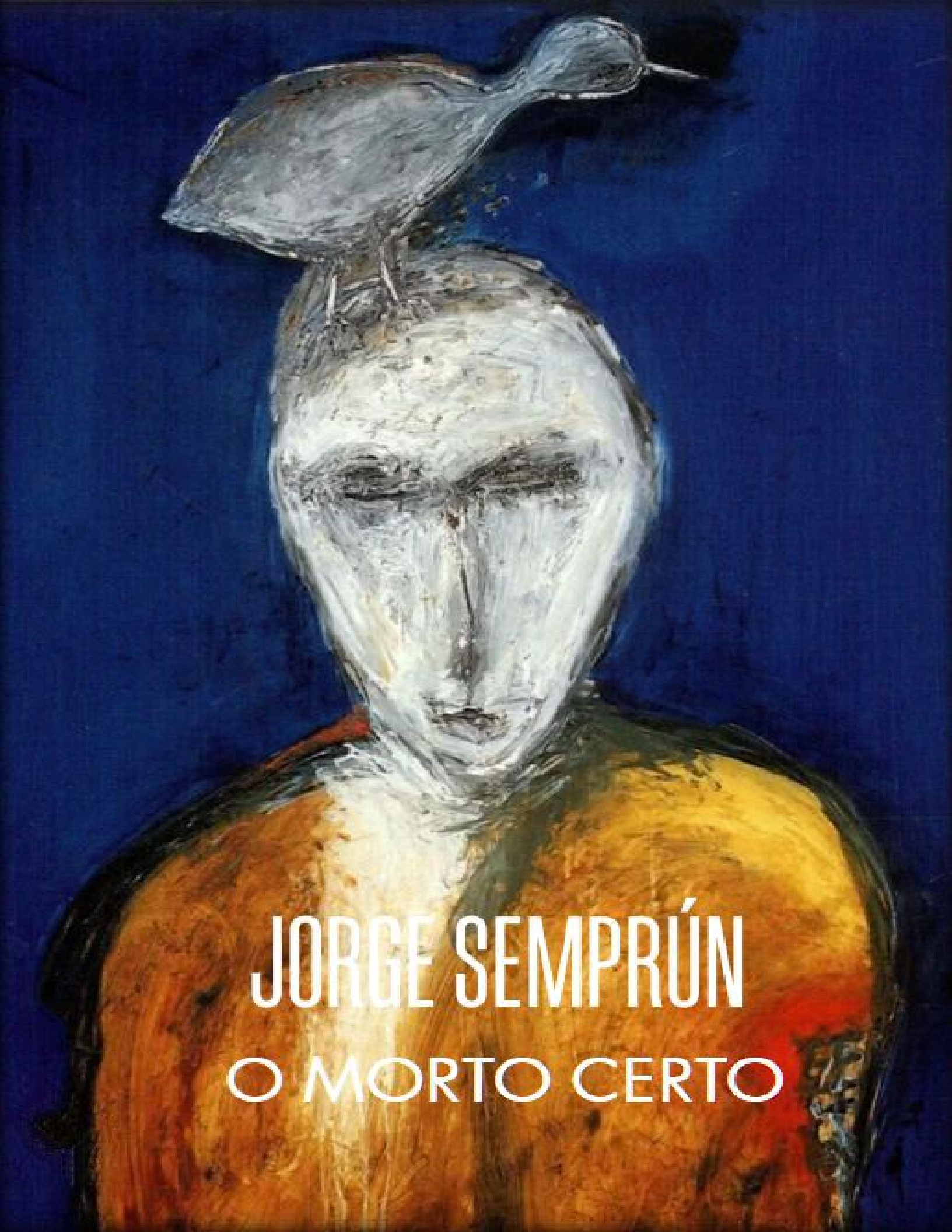


JORGE SEMPRÚN

O MORTO CERTO

JORGE SEMPRÚN

O morto certo

Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro



O morto certo
Jorge Semprún
©2001 by Éditions Gallimard
Título original: Le mort qu'il faut
Todos os direitos reservados.
Diretora editorial
Janice Florido
Gerente editorial.
Carla Fortino
Produtora editorial
Adriane Gozzo
Revisão
Paula Brandão
Regina Elisabete Barbosa
Projeto gráfico
Claudio Braghini jr. / Casa de Ideias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Semprun, Jorge
O morto certo / Jorge Semprun ; [tradução Eloisa Araújo Ribeiro]. - São Paulo : Arx, 2005.
Título original: Le mort qu'il faut.
ISBN: 85-7581-203-3
1. Romance francês I. Título.
05-2297-CDD-843
Índices para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura francesa 843
2005
Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à Siciliano S.A.
Editora Arx
Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 3305
CEP 05145-200 - São Paulo - Brasil
e-mail: arx@siciliano.com.br

Contracapa

Do inferno do campo de concentração, lições para a vida toda.

Relato sem meios tons sobre o campo de concentração de Buchenwald, onde o escritor foi prisioneiro por dois anos, *O morto certo* traz à tona a chave de um passado que só agora Semprún ousa revelar.

O cotidiano do campo, por exemplo, em que os dirigentes alemães da rede clandestina usufruíam de todas as prerrogativas, enquanto uma massa de homens enfermos ou muito velhos para o trabalho apodrecia em galpões imundos. E é justamente a identidade de um desses sujeitos, chamados de "muçulmanos" pela elite clandestina, que Semprún terá que assumir para continuar vivo. A partir da troca de identidade com esse moribundo, estudante de filosofia como ele, o autor inicia sua meditação sobre as escolhas do ser humano, a solidariedade, o destino incerto e a salvação sempre esquiva. Um livro vigoroso, denso e impressionante, mas também lírico e comovente, que encerra experiências reais, impossíveis de serem esquecidas.

Orelhas

Surpreendente, corajoso, assustador, este romance restaura a linha rememorativa dos relatos semiautobiográficos do consagrado escritor Jorge Semprún, mas acrescenta um fato novo, inquietante, só agora divulgado. Aos vinte anos, combatente da Resistência francesa, Semprún é capturado e encarcerado no campo de concentração de Buchenwald. Após um ano, a rede de espionagem interna capta uma mensagem destinada à antena da Gestapo: os nazistas querem informações sobre um certo Jorge Semprún. Como a célula clandestina de Buchenwald não pode arriscar perder o companheiro, arma um estratagema: o rapaz assumiria a identidade de outro homem, um jovem estudante como ele. Seria o morto certo! A partir desse episódio aterrorizante, em que Semprún recorda o homem que lhe deu a vida ao morrer, o escritor faz um ajuste de contas com o passado e com a própria consciência. De seu relato, brotam revelações sobre o cotidiano do campo. Mas o que salta à vista, sobretudo, é como o comando informal do campo cabia aos comunistas alemães, donos de todos os privilégios. Enquanto isso, a imensa plebe e, mais do que esta, os

chamados "muçulmanos", aqueles que não podiam mais trabalhar, entre doentes e velhos, morriam à míngua pelos cantos. Um romance difícil de esquecer, que cola na memória imagens de forte apelo emocional e reflexões ternas e dolorosas sobre os limites do homem e a sempre difícil capacidade de redenção.

Jorge Semprún nasceu em Madri em 1923. Filho de ministro do governo republicano, foi obrigado a buscar asilo na França durante a Guerra Civil. Membro da Resistência francesa, ficou preso por dois anos no campo de concentração de Buchenwald, período que retratou em vários romances, como *A grande viagem*. Foi roteirista de Costa-Gavras (*Z* e *A confissão*) e Alan Resnais (*A guerra acabou*) e Ministro da Cultura da Espanha entre 1988 e 1991. Ganhou o Prêmio Literário dos Direitos do Homem com o livro *A escrita ou a vida*.

A Fanny B., Léonore D. e Cécilia L.,
jovens leitoras, exigentes e alegres.

Tenho certeza de que minha morte me lembrará alguma coisa.

ROLAND DUBILLARD

Primeira Parte

1

— Conseguimos o morto certo! — grita Kaminsky. Ele chega apressado, não espera se aproximar de mim para lançar a boa notícia.

Era um domingo de dezembro: sol de inverno. As árvores, ao redor, estavam cobertas de orvalho. Neve por toda parte, aparentemente desde sempre. Ela possuía, em todo caso, o reflexo azulado do eterno. Mas o vento havia parado. Suas rajadas habituais na colina de Ettersberg, rudes, ríspidas, glaciais, já não chegavam até o final do terreno onde ficava o barraco das latrinas do Pequeno Campo.

Fugidiamente, ao sol, na ausência do vento mortífero, poderíamos esquecer, pensar em outra coisa. Foi o que eu me disse, ao chegar ao lugar do encontro, diante do barraco das latrinas coletivas. Poderíamos dizer que a chamada tinha acabado há pouco tempo, que havia, diante de nós, como a cada domingo, algumas horas de vida: uma fração apreciável de tempo que não pertenceria à SS.

Poderíamos fechar os olhos, ao sol, e imaginar como preencheríamos esse tempo disponível, milagre semanal.

Não havia muitas opções, mas limites precisos — sabíamos disso. Mas sempre há escolha, em qualquer lugar, provavelmente; para o comum dos mortais, em todo caso.

Mesmo restrita, uma escolha era possível; era excepcional, exclusiva das tardes de domingo, mas real.

Podíamos optar por dormir, por exemplo. Aliás, a maioria dos deportados corria para os dormitórios as' sim que a chamada do domingo terminava. Esquecer-se, perder-se, sonhar talvez. Eles caíam direto na palha dos estrados, desfaleciam logo. Depois da chamada, depois da sopa do domingo — de massas, a mais grossa da semana, sempre bem-vindas —, a necessidade do nada reparador parecia prevalecer.

Podíamos também fazer um esforço, superar o sono, o cansaço de viver, para ir encontrar colegas. Recriar uma comunidade, às vezes, uma comunhão, quando esta não era apenas o vilarejo natal, ou o maqui, do movimento de resistência; quando era, além disso, política ou religiosa, aspirando a uma superação, e, portanto, a uma transcendência, aspirando você para ela.

Fazer um esforço para sair de si, no final das contas. Trocar sinais, algumas palavras, noticias do mundo, gestos fraternos, um sorriso, as guimbas de *machork*a, trechos de poemas. Pequenos trechos, doravante, migalhas, passagens esparsas, pois a memória desfazia-se, amenizava-se. Os mais longos poemas que se sabia de cor, *Le bateau ivre, Le cimitière marin, Le voyage*, reduziam-se a algumas estrofes sem sentido,

disparatadas. Ainda mais comoventes, claro, emergindo ainda na bruma do passado aniquilado.

Naquele domingo, precisamente, as noticias trocadas eram mais tranquilizadoras: os americanos resistiam em Bastogne, não cediam um milímetro de terreno.

Mas o sol de dezembro era enganador. Não esquentava nada. Nem as mãos, nem o rosto, nem o coração. O frio glacial feria as tripas, diminuía o fôlego. A alma ficava afetada, dolorida. Enquanto isso, Kaminsky chegava correndo, com ar alegre. Gritava a boa noticia, embora ainda estivesse a certa distância.

Pronto: tinham o morto certo. Imóvel, agora, diante de mim, ereto em suas botas, maciço, com as mãos enfiadas nos bolsos laterais de seu capote azul de Lagerschutz.

Mas seu rosto móvel e seus olhos vivos refletiam a excitação.

— *Unerhört*! — exclama, excitado. — Ele tem a sua idade, com algumas semanas de diferença! Um estudante também!

Um morto que se parece comigo, em outras palavras. Ou, então, sou eu quem já se parece com ele.

A conversa com Kaminsky, como de costume, dá-se em duas línguas entremeadas. Ele lutou na Espanha, nas brigadas, e fala um espanhol ainda fluente. Gosta de inserir palavras, locuções inteiras em espanhol, às vezes, em nossas conversas em alemão.

— *Unerhört*! — exclamou então Kaminsky! E acrescenta, provavelmente para salientar o caráter realmente inaudito desse morto conveniente:

— Parisiense, como você.

Será que sou mesmo parisiense? Não é hora de abordar essa questão: Kaminsky me mandaria para aquele lugar. Talvez até mesmo em russo. Na mistura matizada dos idiomas de Buchenwald — de onde o inglês era excluído, infelizmente, Shakespeare e William Blake teriam, no entanto, dado conta do recado —, o russo, parece-me, é a língua que dispõe da variedade mais rica de expressões destinadas a mandar alguém para aquele lugar.

Kaminsky ri, com uma espécie de alegria brutal. — Você tem sorte!

Já me disseram essa frase muitas vezes, ao longo desses anos. Uma constatação feita várias vezes. Em todos os tons, inclusive no da animosidade. Ou da desconfiança, da suspeita. Eu deveria me sentir culpado por ter tido sorte, a de sobreviver, em particular. Mas não sou dotado para tal sentimento, tão rentável, entretanto, literalmente.

Ao que tudo indica, de fato, e isso sempre me surpreendeu, é preciso mostrar alguma vergonha, uma consciência culpada, ao menos, se quiser ser uma testemunha apresentável, digna de fé. Um sobrevivente digno desse nome, merecedor, que se possa convidar para colóquios sobre a questão.

Certamente, a melhor testemunha, a única e verdadeira testemunha, na realidade, segundo especialistas, é aquela que não sobreviveu, aquela que foi até o fim da experiência e morreu. Mas nem os historiadores nem os sociólogos conseguiram resolver essa contradição: como convidar as verdadeiras testemunhas, ou seja, as mortas, para seus colóquios? Como fazê-las falar?

É uma questão, em todo caso, que o próprio tempo responderá: logo não haverá mais testemunhas incômodas para a memória atravancadora.

Eu tinha sorte, era inútil negar. Mas não mostrarei as provas imediatamente, pois isso nos desviaria da questão principal: a de contar como eles encontraram o morto certo. E para que serve o morto certo, por que cai tão bem hoje.

— Daqui a pouco — acrescentava Kaminsky —, quando você vier ao *Revier*, vai conhecê-lo.

Eu rejeito a ideia. — Sabe, sei como são os mortos! Vejo toda hora, em toda parte... Posso imaginar esse, o meu!

Vinte anos, como eu, estudante parisiense: sim, posso imaginar.

Kaminsky dá de ombros. Parece que não entendi nada. Aquele morto, o meu (eu, logo, porque, provavelmente, ficarei com seu nome), está vivo. Ainda vivo, pelo menos. Por mais algumas horas, certamente. Vou conhecê-lo, com certeza.

Ele me explica como será.



Tudo começou no dia anterior. No sábado de manhã, portanto, a uma hora difícil de precisar. De repente, houve golpes surdos, insistentes, no fundo de meu sono.

Um sonho tinha se congelado em torno desse barulho: estavam fechando um caixão, em algum lugar, no fundo de meu sonho, em algum lugar à esquerda, ao longe, no território sombrio do sono.

Sabia que era um sonho, sabia qual caixão estava sendo fechado nesse sonho. Sabia, sobretudo, que ia acordar, que os golpes redobrados (um martelo, na madeira do caixão?) iam me acordar a qualquer instante.

Pronto: Kaminsky estava ao meu lado, no estreito corredor que separa os estrados do dormitório. Ele batia com seu punho fechado sobre o encosto da cama mais

próximo de minha orelha. Atrás dele, eu via o olhar preocupado de Nieto.

Mesmo no inesperado do brusco despertar, do sono brutalmente interrompido, era fácil compreender que algo insólito estava acontecendo.

Kaminsky não era apenas um colega, era também um dos responsáveis pela organização militar clandestina. Quanto a Nieto, ele era um dos três principais dirigentes, o número um da troïka, na verdade, da organização comunista espanhola. Kaminsky e Nieto juntos perto de mim não era algo banal. Levantei-me, alerta. — Vista-se — disse Kaminsky. — Precisamos conversar! Um pouco mais tarde, conversávamos.

Estávamos no lavatório do primeiro andar do bloco 40. Acabava de molhar o rosto com água gelada do tanque central. A névoa acolchoada do sono se dissipava.

O lavatório estava deserto, já que todos os deportados estavam em seus postos de trabalho naquela hora da manhã. No dia anterior, eu tinha feito parte da equipe da noite no *Arbeitsstatistik*. Não havia tido muito trabalho no arquivo central, do qual me ocupava. Por isso mesmo Willi Seifert, nosso kapo,[1] havia instaurado a equipe da noite, a Nachtschicht, para que pudéssemos descansar alternadamente.

Eu tinha expedido bem rápido a inscrição dos movimentos da mão de obra deportada assinalados pelos diversos serviços. Em seguida, pude conversar tranquilamente com os veteranos alemães que aceitavam essa troca — não eram muitos. Ao alcance da mão, na verdade, só tinha Walter.

O resto da noite, li. Acabei o romance de Faulkner, que peguei emprestado na biblioteca para essa semana de trabalho noturno.

Por volta das seis horas da manhã, depois da chamada e da partida dos comandos de trabalho, eu voltei para o bloco 40. Sebastián Manglano, meu companheiro madrileno, vizinho de colchão, estava na linha de montagem das fábricas Gustloff. Teria toda a largura do estrado só para mim. A água gelada do tanque central tinha dissipado o gosto amargo e áspero do sono ruim interrompido: eles podiam falar comigo.

Foi Kaminsky quem resumiu a situação. Naquela manhã havia chegado uma nota de Berlim. Vinha da direção central dos campos de concentração, estava destinada à Politische Abteilung, a antena da Gestapo em Buchenwald. E essa nota era a meu respeito, pedia informações sobre mim. Ainda estava vivo? Se sim, estava em Buchenwald ou em um campo anexo, em um comando exterior?

— Temos dois dias pela frente — acrescentou Kaminsky. — Pister estava com pressa, ia viajar. A nota só será entregue na Politische Abteilung na segunda-feira!

Hermann Pister era o oficial superior da SS que comandava o campo de Buchenwald. Ele revelou que não tinha entregado imediatamente a nota de Berlim

para a Gestapo do campo.

Tínhamos até segunda-feira, repetia Kaminsky. Nieto estava tão surpreso quanto eu com a segurança de Kaminsky, com a precisão de suas informações. Mesmo que não dissesse nada, limitando-se a enumerar fatos como se tivesse sido a testemunha direta deles — ele afirmava, por exemplo, que Pister trancara a nota de Berlim em um armário metálico de seu escritório —, conhecíamos suas fontes.

Conhecíamos, ao menos em suas linhas gerais, o funcionamento do aparelho de informações dos comunistas alemães de Buchenwald.

Fora, provavelmente, um "triângulo violeta", um rebelde, membro da seita dos Bibelforscher, quem tinha avisado da chegada da nota de Berlim. Os Bibelforscher, os "pesquisadores da Bíblia", as testemunhas de Jeová, em outras palavras, já não eram muitos em Buchenwald, no inverno de 1944. Internados porque se recusavam a usar armas em virtude de suas convicções religiosas, eles foram muitas vezes submetidos, no passado, a troças coletivas, a represálias homicidas. Havia vários anos, no entanto, desde que Buchenwald, em particular, havia entrado na órbita da indústria de guerra nazista, que os Bibelforscher sobreviventes eram, geralmente, destinados a postos privilegiados de empregados, oficiais ou secretários junto aos chefes das SS.

Alguns deles aproveitavam para prestar serviços consideráveis à resistência organizada pelos comunistas alemães, seus compatriotas, que ocupavam os principais postos do poder interno em Buchenwald.

Assim, quase toda decisão importante de Berlim referente ao campo era conhecida pela organização clandestina, que podia se preparar para sua colocação em prática, evitar ou atenuar seus efeitos mais negativos.

— Nosso informante — diz Kaminslcy só pôde ler o inicio da nota de Berlim! Guardou seu nome, o pedido de informações sobre você. Na segunda-feira, quando o documento for entregue à *Politische Abteilung*, ele conhecerá o restante. Saberemos, então, quem está pedindo noticias suas e por quê!

Por que, efetivamente, ainda se interessam por mim em Berlim? Não tenho a menor ideia, parece-me absurdo.

— Vamos esperar até segunda-feira — disse-lhes.

Eles não concordam, de jeito nenhum. Nem Kaminsky nem Nieto compartilham meu ponto de vista. Lembram-me que houve, nas últimas semanas, vários casos de resistentes franceses, ou britânicos presos na França, que foram procurados pela Politische Abteilung, convocados a ir à torre de controle e executados. Falam-me de Henri Frager, meu chefe na Jean-Marie Action,[2] que fazia parte daqueles desaparecidos: recapturado pela Gestapo no campo e assassinado.

Sem dúvida, eu dizia, mas tratava-se, toda vez, de agentes importantes dos

serviços aliados de informação e de ação, chefes de redes, responsáveis militares de primeiro plano.

Sou apenas um sub, um suboficial, disse a eles.

Frager, precisamente, tinha afirmado que eu seria inscrito com o nível de suboficial nos registros militares das SS. Nenhuma medida comum, então! Nenhuma razão imaginável para que a Gestapo se interessasse ainda por mim, mais de um ano depois de minha prisão. Com certeza esses caras tinham me esquecido.

— Essa é a prova que não! — retorquiu Kaminsky, categórico. — Não te esqueceram, ainda estão preocupados com você!

Eu não podia negar, mas não fazia sentido: devia haver outra explicação.

Obstinados, não querendo deixar nada ao acaso, interrogaram-me mais sobre minhas atividades na Resistência, procurando compreender o interesse de Berlim. Falei de novo do MOI, de Jean-Marie Action, uma rede Buckmaster[3], das circunstâncias precisas de minha prisão em Joigny.

Mas eles já sabiam de tudo aquilo. Nieto, ao menos, sabia de tudo aquilo. Já tinha me interrogado quando me reenquadrou para a organização comunista espanhola, depois de minha chegada no bloco 62, do Pequeno Campo.

Foi ele quem decidiu, depois de um momento de discussão e de interrogações:

— Escute, hoje, nada a temer. Mas, na segunda-feira, precisaremos estar prontos para tudo, para reagir imediatamente.

Seu olhar sempre fora sério, mas se tornará estranhamente próximo, fraterno.

— O Partido não quer se arriscar a te perder — acrescentou. A fórmula era um tanto solene, mas o sorriso de Nieto corrigia essa ênfase.

Kaminsky interveio.

— Hoje, nada, é verdade. Pode continuar a dormir. À noite, você se apresenta ao *Arbeitsstatistik*, como previsto, para a equipe da noite. Mas amanhã, domingo, depois da chamada do meio-dia, a gente se encarrega de você. Vamos fazer com que seja admitido na enfermaria, acometido por uma doença grave e repentina... Veremos qual. Assim, para a chamada de segunda-feira, você será contado normalmente no efetivo dos doentes do *Revier*. Depois, conforme as notícias, ou você volta para a vida do campo, depois de quarenta e oito horas ou de alguns dias de ausência justificada, ou desaparece. Se a nota de Berlim for realmente inquietante, precisamos tentar fazer com que morra administrativamente. É aí que a coisa se complica. Não é fácil achar no prazo necessário um morto que convenha, cuja identidade você possa assumir. E os controles dos médicos das SS são sempre possíveis! Provavelmente, se tudo der certo, terá de partir em um comando exterior, para cortar os laços com Buchenwald, onde gente demais te conhece pelo seu verdadeiro nome.

Essa história me chateia demais. A ideia de ter de deixar Buchenwald me chateia demais. Preciso acreditar que é possível se acostumar com tudo. O provérbio espanhol *Más vale malo conocido que bueno por conocer* diz uma grande verdade, resignada e pessimista, como todas as verdades da sabedoria popular... Antes o mal conhecido do que o bem por conhecer!

— Uma vida nova com um falso nome, em outro lugar, não vejo interesse! — disse-lhes, tristemente furioso.

Ainda mais furioso por não conseguir acreditar em um perigo real. — Um nome que não será o seu, efetivamente — comentou Kaminsky, plácido. — Quanto à vida, ela será sua. Uma vida verdadeira, apesar do nome falso.

Ele tem razão, mas aquilo me chateia demais. Acho que vou voltar ao dormitório, para me esparramar no espaço inteiro do estrado. Voltar para meu sonho, quem sabe?

---

[1] Prisioneiro de vigilância em campo de concentração. (N. da T.)

[2] Forças Francesas do Interior. (N. da T.)

[3] Movimento de Resistência Internacional. (N. da T.)

2

No dia seguinte, domingo, sob o sol do inverno, enganador, Kaminsky anuncia que encontraram o morto certo.

Que é um moribundo, aliás. Não sei por que essa ideia me perturba, me incomoda. Teria preferido que o jovem parisiense, estudante além de tudo, já estivesse morto.

Mas não digo nada a Kaminsky. Ele seria ríspido comigo, com seu espírito brutalmente positivo.

Um morto, um moribundo: que diferença faz? O que muda? — Vá para o *Revier* às seis horas — ele me diz. — Vou te esperar. Ele ri, fica visivelmente excitado em pregar essa peça nas SS. Ele me oferece um cigarro, provavelmente para festejar o acontecimento: uma marca alemã de fumo oriental. É o que eles habitualmente fumam, os privilegiados, os *Prominenten*, os kapos, os chefes de bloco, os homens do *Lagerschutz*, a polícia interna, assegurada pelos próprios deportados alemães.

Willi Seifert me oferece o mesmo tipo de cigarro, quando me convoca para ir ao seu escritório do *Arbeitsstatistik* para conversarmos cara a cara.

A erva de machorka russa, para ser enrolada em papel jornal, não é para eles, é para a plebe de Buchenwald.

Faz sol, tudo foi dito, dou uma tragada naquele cigarro de privilegiados.

Quanto ao fumo, ao alimento, faço parte da plebe, certamente. Fumo a erva amarga de *machorka*. Raramente, aliás. Aqui e ali, uma guimba dividida, deliciosa. E me alimento exclusivamente com as rações do campo.

Pela manhã, às quatro e meia, antes da chamada e da reunião dos comandos de trabalho, o *Stubendienst*, o serviço dos alojamentos, primeiro escalão da administração interna feita pelos próprios presos, distribui um copo com uma bebida quente e escura que chamam de café, para ser breve e entendido por todos.

Ganhamos, ao mesmo tempo, a ração de pão e de margarina do dia, à qual se acrescenta, de modo irregular, uma fatia de uma espécie de salsicha, de consistência estranhamente esponjosa, claro, mas prodigiosamente apetitosa: dá água na boca nessas manhãs.

Depois de um dia de trabalho, a chamada noturna e a volta aos barracões, o *Stubendienst* distribui a ração de sopa; um mexido leve de restos de legumes, repolhos, rutabaga, principalmente, e raros filetes de carne magra. A única sopa relativamente grossa da semana é a sopa de massas do domingo. Um regalo, de chorar — mas eu já disse isso. E, Cada um dispõe como quer de sua ração diária.

Alguns a devoram imediatamente. Às vezes, até mesmo em pé, quando não há mais lugar nas mesas dos refeitórios. Não terão mais nada para comer até a sopa da noite. Doze horas de trabalho forçado, mais duas horas, em média, de chamada e de transporte. Seriam quatorze horas com a barriga vazia. Outros, dentre os quais tento estar, guardam uma parte da ração diária para a pausa de meio-dia. Não é fácil. Há dias, muitos, em que não consigo. É preciso se segurar, ser violento, para não devorar tudo de uma só vez. Pois se vive em uma angústia ascosa de fome permanente. Tem-se de esquecer por um instante a fome do próprio instante, obsessiva, para imaginar concretamente a que se terá ao meio-dia se não guardar nada para essa hora. Tem-se de tentar reduzir, controlar a fome real, imediata, com a ideia da fome por vir, virtual, mas lancinante.

Independentemente do que resulte dessa luta intima de cada dia, só tenho a ração do campo para me alimentar, a mesma, em princípio, para todos os presos.

Alguns, no entanto, difícil saber quantos (várias centenas de deportados, em todo caso), escapam à regra comum.

Não falo dos privilegiados, kapos, chefes de bloco, Vorarbeiter (contramestres), homens do Lagerschutz, e assim por diante. Estes nem sequer tocam na sopa, desprezam-na, ignoram, vivem em um circuito alimentar paralelo, conhecido das SS, é claro, pelo menos nas grandes linhas de apropriação e de distribuição. E isso é tolerado por eles. Só haveria conflito, logo resolvido no âmago pelas autoridades nazistas, caso a atividade desse circuito paralelo prejudicasse os interesses e os tráficos das próprias SS.

Mas não falo dos *Prominenten*. Falo da plebe de Buchenwald que, aliás, não é uma massa informe, indiferenciada, mas um conjunto social relativamente estruturado, hierarquizado, segundo critérios de pertencimento político ou nacional, de lugar no sistema de produção, de qualificação profissional, de conhecimento ou ignorância da língua alemã — língua dos mestres e dos códigos de trabalho, de comunicação e de comando. Língua de sobrevivência possível, portanto.

Em função também, é claro — falo por último disso, mas é primordial —, do estado de saúde, do frescor físico.

Todas as condições objetivas se agenciam de uma maneira que não tem mais nada a ver com as divisões de classe das sociedades do lado de fora. Assim, em Buchenwald, é melhor ser operário qualificado do que professor universitário ou um antigo prefeito. E, se for estudante, é melhor se virar em alemão para compensar a falta de qualificação que o proíbe de trabalhar na fábrica, na linha de montagem da Gustloff, formidável filão. Até mesmo na plebe do campo, portanto, há centenas de deportados que escapam à regra comum da porção exata. Em certos comandos de

trabalho, com efeito, geralmente aqueles da manutenção interna, da intendência de Buchenwald, há, às vezes, um excedente a ser distribuído, sopa ou rações de pão e de margarina. Assim, nas cozinhas, no armazém central, nos banhos e na desinfecção, na enfermaria, no serviço dos alojamentos, é bem comum os deportados disporem de algum suplemento apreciável de alimento.

Mas não sou designado para um desses comandos de manutenção. Estou no *Arbeitsstatistik*, o escritório que gerencia a mão de obra deportada, que a distribui nas diferentes fábricas ou lugares de trabalho, que organiza o transporte para os comandos externos.

É um lugar de prestigio e de poder, sem dúvida. Posso me dirigir de igual para igual aos chefes de bloco, aos kapos. Sabem que estou no *Arbeit*, já me viram com Seifert ou com Weidlich, adjunto deste último. Escutarão meu pedido, qualquer que seja ele. Não levarão em conta meu número de matrícula, que prova que cheguei recentemente, que tenho apenas um ano de campo a meu favor. Não se espantarão de ver o "S" de *Spanier*, espanhol, impresso em preto sobre meu triângulo vermelho, no lugar do coração. No entanto, quem comanda aqui são, sobretudo, os alemães ou os checos do protetorado de Bohemia-Morávia.

Mas não faz mal: apesar de meus vinte anos, apesar de meu número recente, apesar do "S" preto sobre o triângulo vermelho, eles me escutarão. Serão atenciosos, servis, até mesmo educados nos limites da rudeza habitual, é claro. · Primeiro, porque falo com eles em alemão. Depois, porque sabem que faço parte do *Arbeitsstatistik*.

Uma espécie de funcionário de autoridade, em suma.

Nenhum privilégio alimentar, no entanto, é atribuído àqueles que trabalham no *Arbeit*. Quero dizer, àqueles que, como Daniel Anker e eu, trabalham ali sem pertencer realmente à casta dirigente, à aristocracia vermelha, ao círculo dos veteranos dos anos terríveis.

— O que você está fazendo? — Kaminsky me pergunta, aparentemente estupefato.

Naquele dia, estávamos no outono ainda. Uma luz vermelha salpicava a floresta do Ettersberg. Estávamos na pausa do meio-dia. Eu estava na sala dos fundos do *Arbeitsstatistik*.

Era uma pergunta absurda. Dava para ver o que eu estava fazendo: estava comendo.

De manhã, não tinha resistido à vontade de devorar toda a minha porção de margarina. Só tinha conseguido guardar, mais ou menos, a metade da ração diária de pão preto. Estava sentado à mesa e comia essa metade de ração, lentamente, saboreando cada mordida.

Kaminsky me olhava, visivelmente espantado. — Mas... estou comendo. Não dá

pra ver que estou comendo? — repliquei em um tom brusco.

Tinha cortado a pequena fatia de pão preto que ainda me restava em quadradinhos. Punha os pedaços de pão na boca, um após o outro. Mastigava-os bem lentamente, degustando a consistência grumosa, a acidez tônica do pão preto. Só engolia depois de ter reduzido cada minúsculo pedaço a uma espécie de papa deliciosa.

Mas havia sempre um momento em que o bocado de pão era engolido, em que a última migalha lentamente mastigada desaparecia. Não havia mais pão. Nunca houve, na verdade. Apesar de todos os subterfúgios, das fraudes e das voltas. Sempre havia muito pouco pão para que eu me lembrasse dele. Tinha acabado, não podia me lembrar.

Nunca havia pão suficiente para que eu "criasse uma memória dele", em espanhol dir-se-ia *hacer memoria*. A fome logo voltava, insidiosa, invasiva, como uma surda pulsão nauseante.

Só podíamos criar uma memória com lembranças. Com o irreal, em suma, com o imaginário.

Assim, no domingo, os deportados se reuniam em pequenas comunidades de vizinhança e coleguismo para contar piadas. Não era possível se lembrar da sopa do dia anterior nem daquela do próprio dia, que tinham desaparecido sem deixar vestígios nos desvãos do corpo, mas era possível se reunir para ouvir alguém contar minuciosamente a refeição de noivado da prima Dupont, que ocorrera cinco anos atrás. Só podíamos nos saciar de lembranças.

Em todo caso, eu estava sentado à mesa na sala dos fundos do *Arbeit* e deglutia lentamente os quadradinhos de pão preto.

Tinha esquentado um copo dessa bebida que continuarei a chamar de "café", para não desanimar o leitor, nem distrai-lo do essencial. Sempre havia uma garrafa de café na sala dos fundos do *Arbeit*.

Os fogareiros elétricos estavam totalmente proibidos, na verdade. E sua fabricação, nos ateliês do campo, era ilegal. Em princípio, sua utilização era considerada pelas SS como um ato de sabotagem. Outrora, ela teria sido severamente punida.

Mas os tempos haviam mudado, a disciplina afrouxara e em todas as saletas dos chefes de bloco, nos refeitórios de todos os comandos de manutenção, dentro do campo propriamente dito, havia fogareiros elétricos, rudimentares, mas bem úteis. Na sala dos fundos do *Arbeit*, tínhamos dois ou três: propriedade coletiva.

"O campo não passa de um sanatório!", proclamavam os veteranos comunistas alemães.

No início, eu achava que estavam exagerando, que aquele humor de sobreviventes

nos insultava um pouco, nós, os novatos, os recém-chegados. Mas à medida que os relatos de uns e outros — não havia nada mais apaixonante do que fazer os antigos falarem — recompunham para mim o passado de Buchenwald, acabei adivinhando o que eles queriam dizer.

Certo, entendemos: o campo não passava de um sanatório!

— Estou vendo que está comendo — exclamou Kaminsky. — Mas por que pão seco?

Ele parece pasmo. Parece pensar que é um absurdo comer pão seco.

De seu ponto de vista, deve ser incompreensível mesmo: Sinto vontade de insultá-lo, de lhe dizer algumas verdades, ao menos para fazê-lo cair na real. Mas vejo, repentinamente, seus olhos se arredondarem, seu olhar se fixar em uma espécie de iluminação. Ele se lembra, provavelmente. Lembra-se da época em que o campo não era um sanatório, lembra-se da magra ração de pão preto, esquecida; lembra-se da sopa rala de outrora.

— Não tem nada para comer com seu pão seco, é isso! — exclama. É isso, na verdade, só isso. Ele cai na real e me arrasta, pedindo-me para segui-lo. Deixamos o barracão onde fica o *Arbeitsstatistik*, a *Schreibstube*, a "secretaria" e a biblioteca. Em frente, na entrada da esplanada da praça de chamada, fica o barracão do *Lagerschutz*.

Reina ali um odor de limpeza e de pratos cozidos. Kaminsky me leva até seu armário pessoal. As prateleiras estão cheias de mantimentos. Ele pega um pedaço de margarina e me dá. De manhãzinha, um pedaço de margarina daqueles, de forma cúbica, é cortado pelo *Stubendienst* que distribui nossas rações diárias, em partes, com um fio de aço para vários deportados: eram oito rações quando cheguei em Buchenwald, em janeiro de 1944; dez, no fim do verão. Doze agora, no auge do inverno.

Os sobreviventes, se houver, terão uma boa aparência. Contemplo o armário de Kaminsky enquanto ele me passa um pedaço cúbico de margarina, idêntico àqueles cortados de manhãzinha em doze rações diárias para os simples mortais, dos quais faço parte.

Eu já conhecia os armários pessoais dos veteranos. Na sala dos fundos do *Arbeit*, todos nós tínhamos armários pessoais. Os dos veteranos transbordavam de mantimentos.

Às vezes, vi pão branco mofar ali.

Só havia dois armários praticamente vazios: o de Daniel Anker e o meu.

Em meu armário e no de Daniel Anker, além dos copos e das tigelas, havia, habitualmente, a parte das rações diárias que havíamos conseguido guardar para a pausa de meio-dia, ou então para as longas horas da equipe da noite, se fosse o caso.

Nos dias em que a sopa era substituída por uma ração de batatas cozidas, guardávamos as cascas. Comíamos antes as batatas descascadas e guardávamos as cascas para torrá-las em fogareiros elétricos. Era uma iguaria delicada.

Acontecia também de não ter nada em nossos armários, além de nossos copos e de nossas tigelas, nos dias em que não conseguíamos, Anker e eu, vencer a fome no momento da distribuição matinal.

A última vez que vi Daniel Anker foi em uma livraria de Saint-Germain-des-Prés. Eu estava autografando exemplares de um de meus livros. Ele deve ter notado a surpresa em meu olhar, o espanto.

— Sim, Gérard — ele me disse —, estou vivo! Adivinhou que eu estava tentando calcular sua idade. — Não se canse, meu velho! Acabo de festejar meu nonagésimo primeiro aniversário.

Olho para ele, siderado: o cabelo ralo, bem branco, claro, mas ainda jocoso, com os olhos vivos. Isso me dá uma certa margem!

— Merda, não se vanglorie demais! Senão vão nos dizer que Buchenwald era apenas um sanatório!

Ele ri, me abraça. Não sabemos como pôr fim ao nosso abraço, sacudidos pela gargalhada e pela emoção.

Ele se afasta. — *Das Lager ist nur ein Sanatorium, heute*! Anker fala perfeitamente alemão, por isso era o homem de ligação do PCF[4] no *Arbeit*. Ele quase berrou a frase de outrora, dos veteranos rabugentos de outrora. As pessoas olham para nós na livraria.

Mas não posso aproveitar essa excelente oportunidade para falar de meu companheiro Daniel Anker. Tenho de voltar a Kaminsky, ao domingo de dezembro ensolarado.

---

[4] Partido Comunista Francês. (N. da T.)

3

— Aí estão eles! — gritou, repentinamente.

Sua voz é insolitamente aguda, irritada, parece. Viro a cabeça, sigo seu olhar.

Ali estão eles, é verdade. Começam a chegar. Andando devagarinho, às vezes apoiando-se uns contra os outros ou em bengalas e bastões provisórios, improvisados, arrancando suas galochas da neve lamacenta, a passos decompostos, lentos, mas obstinados, eles chegam.

Querem, provavelmente, aproveitar o sol de inverno naquele domingo. Mas teriam vindo de qualquer jeito, em qualquer domingo, também sob as borrascas de neve e de chuva.

Vinham aos domingos, depois da chamada, fosse qual fosse o tempo.

As latrinas coletivas do Pequeno Campo eram o lugar de encontros, de trocas, de palavras, de liberdade. Mercado de lembranças, de troca também, no vapor fedorento da fossa. Por nada nesse mundo, qualquer que fosse o esforço a ser feito — visto que um esforço seria imaginado, pelo menos —, eles não faltariam a essas tardes de domingo.

— Esses muçulmanos de merda — resmunga Kaminsky. Foi ele o primeiro a empregar esse termo na minha frente: "muçulmanos". Eu conhecia a realidade que tal palavra designava: a minoria ínfima da plebe do campo, que vegetava à margem do sistema de trabalho forçado, entre a vida e a morte. Mas ainda não sabia, até o dia em que Kaminsky a utilizou, que tal palavra, cuja origem é obscura e controversa, existia, como termo genérico, no sabir de todos os campos nazistas.

Antes de conhecer a palavra "muçulmano", eu dava aos deportados que exibiam os sinais característicos da decrepitude fisica e da ataraxia moral, nomes provenientes da vida anterior, das sociedades do lado de fora: Lümpen ou "mendigos".

Sabia bem que era uma aproximação, que a sociedade do campo de concentração e a do lado de fora não eram de modo algum comparáveis, mas tais palavras aproximativas bastavam para me fazer compreender o que eu via.

Desde o dia em que ele empregara pela primeira vez o termo, compreendi que Kaminsky não gostava dos muçulmanos.

Mas essa não é a palavra certa, a palavra conveniente. Não se trata de gostar ou não; na verdade, os muçulmanos o desconcertam, é isso. Perturbam, por sua simples existência, a visão que ele forjou para si do universo do campo de concentração. Eles contradizem, e até mesmo negam, o comportamento que lhe parece indispensável

para sobreviver. Os muçulmanos introduzem em seu horizonte ideológico um elemento de incerteza inapreensivel, pois escapam, por sua própria natureza, sua marginalidade improdutiva, sua ataraxia, à lógica maniqueísta da resistência, da luta pela vida, pela sobrevivência.

Os muçulmanos estão além dessas noções: além da vida, da sobrevivência. Todos os nossos esforços para ficarmos juntos, para ficarmos bem, devem lhes parecer incongruentes.

Até mesmo insignificantes.

Para quê? Já estão em outra parte, flutuando em uma espécie de nirvana caquético, de vazio doentio, no qual qualquer valor é abolido, no qual apenas a inércia vital do instinto — luz vacilante de uma estrela morta: alma e corpo esgotados — os faz ainda se mexer.

— Esses muçulmanos de merda — resmunga Kaminsky. Olho o primeiro grupo que se aproxima, tentando distinguir nele "o meu", o meu jovem muçulmano francês.

Ele não está ali. Há duas semanas não o vejo, e isso me inquieta. — Me largo — diz Kaminsky (em espanhol: vou nessa). — Até às seis horas, no *Revier*!

Dá três passos para se afastar e se vira. — Até lá, aja como de costume... Divirta-se com seu professor e seus muçulmanos.

Em sua voz, misturam-se ironia e irritação. Meu professor é Maurice Halbwachs, é claro. Desde que soube de sua chegada em Buchenwald, alguns meses atrás, aproveitava o lazer de domingo para visitá-lo no bloco 56, um dos blocos onde se amontoavam os idosos e os inválidos, inaptos para o trabalho.

Halbwachs era o vizinho de cama de Maspero. Ambos morriam lentamente. A rigor, Kaminsky podia admitir, senão compreender, meu interesse pelo professor da Sorbonne.

Ele não achava muito tônicas nem muito positivas as conversas filosóficas — necessariamente enredadas, de seu ponto de vista — das quais às vezes eu lhe falava um pouco. Mas, enfim, ele podia admitir.

— Ia te fazer bem ir ao bordel, aos domingos! — exclamava ele, quando falávamos de minhas visitas a Halbwachs.

Eu mostrava para ele que o bordel era reservado aos alemães. Mas não aos alemães em geral, apenas àqueles do Reich, aos Reichs, *deutselte*. Os alemães das minorias fora das fronteiras do Reich, os *Volksdeutsche*, não tinham direito a isso.

— É para você e para os seus — eu dizia. — Aliás, você vai lá?

Ele balançava a cabeça. Não, não ia, pensei. Isso não me surpreendia. O Partido alemão desaconselhava a seus militantes pedir uma entrada para o bordel, por razões de segurança. E Kaminsky era um militante disciplinado.

Mas eu interpretara mal seu balançar de cabeça. Ele não era um alemão do Reich, foi isso o que quis me dizer. Claro, ele usava, como todos os seus compatriotas, o triângulo vermelho sem nenhuma letra de identificação nacional. Por necessidades da vida administrativa do campo, era, portanto, considerado um alemão. Mas, em uma lista especial da Gestapo, estava classificado como comunista espanhol, Roupanier, por causa de sua filiação às brigadas internacionais.

— É a Gestapo que controla a concessão das entradas no bordel — disse —, então, é provável que eu nunca consiga uma!

— Em suma, aqui, quando se é comunista espanhol, não se tem o direito de dar umazinha! — concluí.

Falei em espanhol, é claro, pois não sabia a gíria conveniente em alemão, ou a que convinha, se preferir.

Kaminsky havia se mandado. A expressão em espanhol adequada, *echar un polvo*, deixara-o feliz, pois lhe trazia lembranças.

Ele gostava de suas lembranças da Espanha. Não apenas daquelas em que ele havia dado umazinha, mas de todas as suas lembranças da Espanha. Até mesmo das castas.

Seja como for, Kaminsky acabou se acostumando aos meus encontros com Maurice Halbwachs. "Não é muito estimulante passar sua tarde de domingo ao lado da morte", praguejava ele, mas, enfim, admitia que se pudesse ter respeito, afeição admiradora, por um velho professor.

Por outro lado, ele não compreendia meu interesse pelos muçulmanos, de jeito nenhum.

4

Bethsaida, a piscina das cinco galerias, era um recanto de tédio. Parecia um sinistro lavadouro, sempre castigado pela chuva e pelo mofo...

Um ano antes, ao atravessar pela primeira vez a soleira das latrinas coletivas do Pequeno Campo, pensei no texto de Rimbaud...

Eu o recitara para mim mesmo. Em voz alta, aliás, indistinta e confusa no tumulto desse pátio dos milagres.

Nem piscina nem galerias, é claro. No entanto, a evocação patética era pertinente: era mesmo um "sinistro lavadouro". Outras palavras do texto de Rimbaud pareciam descrever o que eu via: "[...] Os mendigos se agitavam nos degraus centrais [...) os panos brancos ou azuis seus membros estropiados. Ó aguadouro militar, banho público." Era um barracão de madeira, com dimensões análogas a todas as de Buchenwald. Mas o espaço disponível não era fechado, dividido em duas alas simétricas — dormitório, refeitório, lavatório, de cada lado da entrada — como nos barracões do Grande Campo. Aqui, uma fossa de cimento, onde corria incessantemente um filete de água, atravessava o prédio em quase toda sua extensão. Uma viga grossa, mal cortada, passava por cima da fossa e servia de assento. Duas outras vigas, mais leves, paralelas, fixadas a uma altura superior, permitiam o apoio dorsal dos que se agachavam, e duas fileiras de deportados mostravam o traseiro. Habitualmente, dezenas de deportados defecavam ao mesmo tempo, na lama pestilenta característica do lugar.

Ao redor, ao longo das paredes do espaço retangular, havia fileiras de pias de zinco com água fria corrente.

Era para lá que os deportados do Pequeno Campo eram obrigados a ir, já que em seus barracões não havia, como nos dos Grande Campo, instalações sanitárias. Só os chefes de bloco e os membros do *Stubendienst* dispunham de tais instalações, mas elas eram proibidas para a plebe.

Os deportados vinham, portanto, para o barracão coletivo fazer suas necessidades, sua toalete, para lavar roupas também, sempre sujas.

A diarreia era, na verdade, o quinhão habitual das duas categorias de presos que povoavam o Pequeno Campo. Aqueles que acabavam de chegar e ainda estavam em período de quarentena (antes do envio para um comando exterior ou a designação para um posto de trabalho estável no Grande Campo) eram vítimas dos problemas que a mudança brusca de regime alimentar e o consumo de uma água fétida, não

muito potável, provocavam.

A segunda categoria, camada inferior da plebe do campo, era constituída de algumas centenas de deportados inaptos ao trabalho, inválidos ou cortados pelo sistema de produção e seu rigor despótico. Estes últimos se decompunham no fedor de uma agonia mais ou menos lenta, que corroía e liquefazia suas entranhas.

Mas o barracão das latrinas ainda estava praticamente vazio quando entrei lá, naquele domingo, depois da partida de Kaminsky.

Meu jovem muçulmano francês estava lá.

Eu o tinha notado em um domingo, há muito tempo, na chegada do outono. Quase no momento em que soubera da chegada de Maurice Halbwachs, de sua presença no bloco dos inválidos. Foi, provavelmente, num domingo em que fui visitar meu antigo professor que eu o notei.

Ao sol, do lado de fora do barracão das latrinas, do lado do pequeno bosque que se estende até a enfermaria, ficava o *Revier*.

Tinha reparado em seu número de matrícula. Ele — se for lícito, ou apropriado, empregar um pronome pessoal, talvez teria sido mais certo, mais apropriado dizer "isso" —, em todo caso, não passava disso, de um amontoado de trapos inomináveis. Um monte disforme, desfigurado, encostado na parede externa do prédio das latrinas.

Mas o número da matrícula estava claramente visível. Tive um sobressalto: aquele número era bem próximo do meu. Era possível imaginar: na noite de minha chegada a Buchenwald, oito meses atrás, esse ser — era uma suposição, uma aposta, mas era possível presumir que esse monte numerado, amontoado, arriado, imóvel ao sol ainda morno do outono, com o rosto invisível, a cabeça encolhida por entre os ombros, fosse dotado de existência —, oito meses atrás, na noite interminável da chegada em Buchenwald, esse ser deve ter corrido bem perto de mim, pelo corredor subterrâneo que ligava o prédio dos chuveiros e da desinfecção ao do armazém de roupa. Deve ter corrido completamente nu, como eu. Deve ter, como eu, pegado no ar as roupas impróprias, disparatadas — cena grotesca, tivemos tempo de nos dar conta, talvez tivéssemos rido juntos, se ele tivesse ficado a meu lado —, que jogavam para ele enquanto andava a passos largos diante do balcão do *Effektenkammer*.

Para terminar, nu, todo raspado, de banho tomado, desinfetado, pasmo, ele deve ter ficado diante dos presos alemães, que preenchiam nossas fichas pessoais.

Logo atrás de mim, poucos números depois, poucos metros atrás de mim. De repente, ele levantou a cabeça. Sem dúvida ainda estava bem vivo para sentir meu olhar.

Meu olhar angustiado, devastado, pesado sobre ele.

E esse ser não tinha apenas um número de matrícula, mas também um rosto. Sob o

crânio raspado, coberto de crostas purulentas, aquele rosto estava reduzido a uma espécie de máscara sem grande relevo, quase plana: estrutura óssea aparente, frágil, armada sobre um pescoço descarnado. Mas essa máscara quase transparente, translúcida, era habitada por um olhar estranhamente juvenil. Insustentável, olhar vivo sobre uma máscara mortuária.

Esse ser devia ter a minha idade: mais ou menos vinte anos — e por que a morte não teria tido vinte anos?

Eu nunca tinha sentido de modo tão forte a proximidade de alguém.

Não era apenas o acaso daquele número de matrícula, tão próximo, que me permitia imaginar nossa chegada em Buchenwald, anônimos um para o outro, desconhecidos um do outro, mas juntos, ligados por uma fraternidade de destino quase ontológica, mesmo que nunca tivéssemos nos encontrado antes na vida.

Não era apenas aquele acaso, por mais rico que fosse em possibilidades de comunicação, de comunhão.

Nossa proximidade era mais profunda, não se devia apenas à circunstância de nossos números. Na verdade, eu tinha a certeza — desconcertante, insensata, talvez, mas assegurada por si mesma, sem falhas —, a certeza de que ele teria me contemplado, se fosse o caso, invertido o acaso, com o mesmo interesse, o mesmo desinteresse, a mesma gratidão, a mesma compaixão, a mesma fraternidade exigente que eu sentia aflorar, condensar-se em minha alma, em meu olhar.

Esse morto vivo era um jovem irmão, talvez uma cópia minha, meu *Doppelgeinger*: um outro eu ou eu mesmo como outro. Era a alteridade reconhecida, a identidade existencial percebida como possibilidade de ser outro, precisamente, que nos tornava tão próximos. Uma sequência de acasos, de azares mínimos, de sortes inesperadas, havia nos separado no percurso inicial de Buchenwald. Mas eu podia me imaginar facilmente em seu lugar, como ele poderia, provavelmente, colocar-se no meu.

Sentei-me ao lado desse desconhecido de minha idade. Falei com ele, e ele parecia escutar. Contei-lhe sobre a noite remota da chegada em Buchenwald, a noite de nossa chegada, juntos. Eu queria, mesmo estando sua capacidade de escuta, de atenção, de compreensão atenuada, abrandada, pelo desamparo físico e espiritual, eu queria reavivar nele a chama do cuidado de si, da memória pessoal. Ele só poderia se interessar novamente pelo mundo se conseguisse se interessar por si mesmo, por sua própria história.

Falei durante muito tempo, e ele escutou meu relato. Será que ele compreendia?

Às vezes, eu tinha a impressão de que ele reagia: piscando, parecendo sorrir, movendo repentinamente os olhos ao tentar fixar meu olhar, em vez de se perder em outra parte, no retiro, no indefinido. Mas, naquele dia, ele não disse nada, naquele

primeiro dia, nem uma palavra sequer.

Limitou-se a fazer um gesto, um gesto que não era de súplica, aliás, nem de hesitação, mas, curiosamente, imperioso. Imitou um cigarro sendo enrolado e levado aos lábios, a fumaça que sai da boca.

Acontece que Nikolaï, o *Stubendienst* russo do bloco 56, onde Halbwachs estava morrendo, que fazia questão de me provar sua sujeição — não era inútil, devia pensar, cair nas graças de um cara como eu, que trabalhava no *Arbeitsstatistik* —, tinha acabado de me oferecer um punhado de cigarros, de *machorka*.

Dei um deles para o jovem muçulmano e o acendi. Ele ficou com os olhos cheios de água de tanta felicidade.

No domingo seguinte, choveu. Acabei encontrando-o dentro do barracão das latrinas, na balbúrdia quente e pestilenta. Dessa vez, ele me escutou novamente, sem dizer uma palavra. E dei-lhe dois cigarros de *machorka*, antes de ele os exigir com um gesto imperativo, quase arrogante.

Resumindo, eu o pagava com tabaco para que me escutasse contar minha vida. E não fiz mais nada, dali em diante: minha vida anterior e a de Buchenwald, misturadas, entremeadas. Meus sonhos também. Os de antes, assombrados (o "assalto ao sol da brancura dos corpos de mulheres"), e os sonhos de Buchenwald, enviscados na presença inapreensível e viscosa da morte. Ninguém poderá medir objetivamente se esse tratamento foi benéfico. Tenho tendência a não duvidar disso.

Foi no terceiro domingo que ele pronunciou, de repente, algumas palavras. Duas palavras, na verdade, apenas duas palavras, mas peremptórias.

Como eu insistia para ter uma resposta dele a uma questão, não me lembro mais qual, que me parecia importante, ele me observou com um ar de imensa comiseração, como se observa um débil, uma criança com problemas mentais.

— Falar cansa — disse ele.

Sua voz era rouca, mal colocada, vacilava entre os agudos e os graves, era pouco atraente. Uma voz que não devia ter servido para muita coisa nos últimos tempos, que se tornara novamente selvagem.

Em seguida, o inverno caiu sobre Buchenwald: borrascas de chuva glacial e neve. O barracão das latrinas do Pequeno Campo tornou-se uma parada necessária no caminho do bloco 56, onde Maurice Halbwachs definhava.

Mais ou menos no meio do caminho entre o bloco 40, o meu prédio de cimento, de dois andares, na entrada do Pequeno Campo, do qual ficava separado por um arame, não eletrificado, ultrapassável em diversos acessos permanentes — e o bloco 56, onde o marasmo tomava os inválidos, muçulmanos ou não, o barracão das latrinas tornava-se, no inverno, um porto de calor e de repouso, apesar do mau cheiro, do tumulto, do

espetáculo de degradação que havia ali.



Em um domingo desse inverno de 1944, um dos mais frios, sob a borrasca de neve, eu encontrei meu jovem muçulmano. Sentado a seu lado, eu me reaquecia, antes de encarar a última parte do trajeto. Ficamos em silêncio. Diante de nós, diante de nosso olhar que se tornara indiferente, alinhava-se uma longa fileira de deportados agachados, defecando. Encolhidos na dor lancinante da defecação. Não longe dali, à nossa esquerda, um grupo de velhos brigava por causa de uma guimba de cigarro que provavelmente não circulava de modo igual. Alguns se julgavam lesados, protestavam. Mas a exaustão fazia desse protesto, que eles provavelmente queriam que fosse veemente, um simulacro de gestos e de murmúrios lamentáveis.

Não pude deixar de declamar, em voz alta, o poema em prosa de Rimbaud, no qual, às vezes, pensava desde que conheci as latrinas coletivas do Pequeno Campo.

— *Bethsaida, a piscina das cinco galerias, era um recanto de tédio. Parecia um sinistro lavadouro, sempre castigado pela chuva e o mofo...*

Ele soltou uma espécie de grito rouco, subitamente desperto de sua letargia caquética.

E eu prossegui: — *Os mendigos se agitavam nos degraus centrais, empalidecidos por esses clarões das tempestades precursores de raios infernais...*

Um branco na memória: o restante do poema se esvaiu.

Foi ele quem continuou a recitação. Sua voz tinha perdido o grasnido metálico, a ressonância ventríloqua que tinha no dia em que eu o ouvira pronunciar duas palavras.

De um rasgo, de um traço, de um fôlego, como se houvesse reencontrado a um só tempo sua voz e sua memória, seu próprio ser, ele recitou o restante:

— *Escarnecendo de seus olhos azuis cegos, envolvendo com panos brancos ou azuis seus membros estropiados. O aguadouro militar, o banho público...*

Ele ria com lágrimas nos olhos: a conversa tornou-se possível.

5

Eu havia descoberto os muçulmanos — que ainda não chamava assim — no barracão das latrinas coletivas, a partir do período de minha quarentena no bloco 62.

Foi me escondendo lá, entre eles, que consegui, às vezes, evitar as corveias às quais era submetida a massa dos recém-chegados, em quarentena até a partida ou até a inserção no sistema de trabalho do Grande Campo, em função da qualificação profissional ou do interesse da organização clandestina.

As corveias da quarentena eram, em sua maioria, terríveis, às vezes, assassinas.

Estávamos ali, na verdade, diretamente sob a autoridade dos *Scharführer*, os suboficiais das SS. Eles próprios vinham do Pequeno Campo, aos berros, em bandos armados com cassetetes e com longas matracas de borracha (as famosas Gummi) para arrastar algumas dezenas de deportados dos quais precisavam para uma determinada corveia.

Entravam no barracão, esvaziam-no em alguns minutos com pontapés e com as Gummi, arrancando das camas aqueles dentre nós que pretendiam cochilar apesar da algazarra infecta da escória.

Uma vez reunidos os presos de que precisavam diante do barracão, as colunas formadas por fileiras de cinco (*zu fünf, zu fauf*!, ladainha obsessiva do comandante das SS), a marcha começava, sob golpes e gritos.

Naqueles momentos, eu precisava opor, rapidamente, à linguagem gutural e primária das SS, reduzida a algumas palavras grosseiras de insulto ou ameaça (*Los, los! Schnell! Schwein! Scheisskerl*!), opor a ela, em meu foro íntimo, em minha memória, a música da língua alemã, sua precisão complexa e cambiante.

Eu tinha menos dificuldade em me abstrair do caos ambiente se conseguisse evitar uma das extremidades da fileira de cinco, sendo ideal o lugar do meio, que ficava fora do alcance das matracas. Então, no bramido gutural das SS, eu podia evocar ou invocar, silenciosamente, com mais facilidade, a língua alemã.

Wer reitet so spät durch Nacht und Wind... Ou então: *Ich weiss nicht was soll es bedeuten, dass ich so traurig bin*... Ou ainda: *EM Gespenst geht um in Europa: das Gespenst des Kommunismus*...

Até mesmo quando não eram as próprias SS que vinham juntar os deportados, até mesmo quando mandavam os chefes de bloco do Pequeno Campo conduzir a determinado lugar e em determinada hora certo número de presos da quarentena, o trabalho propriamente dito acontecia sempre sob o controle direto deles.

Ou seja, no horror da brutalidade mais arbitrária. As corveias eram muitas, sempre duras, às vezes, insuportáveis. Inúteis, além de tudo. Na pedreira, por exemplo, na Steinbruch, transportava-se pedras de um lugar para outro, aparentemente sem motivo, para levá-las de volta, na maioria das vezes, ao ponto de partida. As pedras eram pesadas, castigavam a ossatura dos ombros, sobre a qual as colocávamos para transportá-las a passos rápidos. As SS e os cães corriam ao nosso lado, perseguindo-nos com latidos, com pequenas mordidas na batata da perna, com golpes de Gummi nos rins.

A pior das corveias e, no entanto, a menos absurda, a única à qual se poderia atribuir um ar de utilidade em a da Geirtnerei. Ou seja, a corveia de jardinagem.

Que era, na verdade, e assim a chamávamos, a "corveia de merda". Tratava-se de transportar o esterco natural pego no coletor dos esgotos de Buchenwald até a horta da guarnição das SS. Nossos excrementos nutriam a terra em que cresciam as saladas verdes, os legumes frescos da cantina das SS.

Era preciso transportar a matéria fecal em caixotes de madeira, que suspendíamos com uma longa vara. Eram carregados por duas pessoas, uma na frente da outra, de um ombro a outro.

A alegria suprema dos suboficiais das SS consistia, naqueles dias, em colocar juntos os deportados mais diferentes: um magro e um gordo; um baixo e um alto; um magricela e um forte; um russo e um polonês. O desequilíbrio criava, inevitavelmente, problemas, e às vezes provocava conflitos entre os dois carregadores, surgindo daí uma animosidade.

Nada fazia os oficiais das SS rirem mais do que as rixas entre deportados, nas quais intervinham imediatamente com golpes de matraca.

De todo modo, mesmo que conseguíssemos ajustar os passos, regular o ritmo da marcha, o dilema não se resolvia.

Se respeitássemos a cadência exigida pelas SS, não podíamos evitar que o lixo contido nos caixotes espirrasse em nós. Éramos então punidos por sujar as roupas, o que contrariava os estritos regulamentos de higiene.

Se conseguíssemos evitar a sujeira e os respingos fedorentos, também acabávamos sendo punidos: não tínhamos respeitado os prazos dados para fazer a caminhada entre o depósito coletor das latrinas e a horta desses senhores.

Uma verdadeira corveia de merda!

Ao pé do rochedo de onde extraíamos a pedra — era uma corveia de pedreira, Steinbruch, naquele dia —, um suboficial das SS nos esperava.

Era ele quem designava a cada um de nós o pedaço de rocha granítica que seria preciso transportar.

Meu vizinho mais próximo na fila da corveia era um jovem russo de olhos claros, com ombros largos, muito forte. É preciso dizer que os jovens russos de Buchenwald eram todos fortes. Eu me perguntava de onde tinha saído aquele. Em todo caso, não era do bloco 62, o meu, onde, por hora, só havia franceses. Resistentes presos na França, ao menos, dentre os quais alguns espanhóis.

Provavelmente, esse jovem russo inesperado tenha sido capturado por acaso e por má sorte no Pequeno Campo.



Um pouco mais tarde, depois de ele salvar minha vida — ou minha pele, em todo caso —, supus que o jovem russo era uma encarnação do Homem novo soviético, tal como eu o imaginava, libertando-se do invólucro entristecido do passado, não apenas em certos discursos políticos que se podia achar grandiloquentes, mas também na realidade de Platonov ou de Pilniak, os poemas de Maiakovski.

Era bobagem, claro; ingênuo, ao menos; de uma inocência cega, ideológica.

Ficou confirmado, desde então, que o Homem novo soviético — a utopia mais sanguinária do século —, deve ser procurado, antes, do lado do procurador Vichimsky, ou do lado de Pavel Morozov, aquele garoto que denunciou os pais pouco entusiastas à polícia de Stalin, fato nobre que fez dele um herói da União Soviética.



Mas naquele dia, na pedreira de Buchenwald, depois de o jovem russo ter salvado se não minha vida ao menos minha pele, projetei nele virtudes do Homem novo: generosidade, fraternidade, dom de si, humanismo real... "O homem, o capital mais

precioso", não era esse o titulo de um famoso discurso de Stalin?

Após tal hipótese ir historicamente por água abaixo, já não sei o que pensar do jovem russo. Se ele não podia encarnar o fantasma do Homem novo oriundo da Revolução, quem era ele? Não terá sido uma figura jovem, mas muito antiga, arcaica, do anjo guardião? O anjo bom, el cingel buena, de minha leitura adolescente de Rafael Alberti?

De qualquer forma, o jovem russo pusera em seus ombros a pedra que o SS me atribuíra, pesada demais para mim. Deixou para mim a sua, bem mais leve, aproveitando um instante inesperado de desatenção do suboficial sádico. Com esse gesto, ele me permitiu ir até o fim de uma corveia que poderia ter sido nefasta para mim.

Gesto inaudito, totalmente gratuito. Ele não me conhecia, nunca ,mais me veria, não podia esperar nada de mim. Membros anônimos, impotentes da plebe do campo, estávamos em um mesmo plano de igualdade desprovida de poder. Gesto de pura bondade, portanto, quase sobrenatural. Ou seja, exemplar da radical liberdade de fazer o bem, inerente à natureza humana.

6

Mas voltemos ao ponto de partida, ao pé do rochedo. O suboficial da SS da pedreira nos observava, o jovem russo e eu, medindo nossas respectivas forças, provavelmente.

Eu acabara de fazer vinte anos, era um rapaz magro, desengonçado. Nada de impressionante, com certeza, não muito forte. A SS não sabia nada de mim, julgava-me por minha aparência, minha magreza, acentuada, sem dúvida, por alguns meses de prisão e de campo. Em todo caso, comparado ao jovem russo, eu certamente não pesava muito.

O suboficial nos olha, nos compara. Um sorriso se abre em seu rosto. Sorriso contente e cruel: humano, demasiado humano. O inimitável sorriso da humana alegria do mal.

Com um gesto, ele me atribui um grande pedaço de rocha, que deve pesar toneladas. Em seguida, designa uma bem mais leve, um granito leve cinza, para meu companheiro atlético de equipe.

O SS continua a sorrir, esfrega as mãos com luvas de couro preto. Uma longa matraca de borracha está pendurada em seu pulso esquerdo.

Ele não sabe nada de mim, esse canalha: vou lhe mostrar. Ele não estava lá, naquela noite de setembro de 1943, na floresta de Othe. Tínhamos nos deparado com uma barreira da *Feldgendarmerie*, quando transportávamos carregamento de armas e explosivos lançados para Jean-Marie Action. No fogo cruzado da emboscada, fomos obrigados a abandonar as trações dianteiras, cujos pneus acabavam de ser furados por rajadas de armas automáticas. O chefe do maqui, um oficial da reserva, a quem entregávamos esse carregamento, tinha realizado uma operação delicada, durante a noite, na confusão ensurdecedora de um combate cego. Ele conseguira dispor um grupo de cobertura, que continuou a trocar tiros com os Feldgendarmes, e que, por sorte, ficou agrupado em sua posição, temendo, provavelmente, dispersar-se no bosque. Enquanto isso, nós, carregados como jumentos, levamos as armas e os explosivos até o esconderijo previsto, caminhando cerca de quinze quilômetros na floresta noturna, sob o peso do precioso fardo.

Não havia sequer uma única metralhadora Stem, nem um grama de explosivo tinha sido perdido.

Ao amanhecer, finalmente, quando tudo tinha sido escondido no porão de batatas que ia servir de depósito provisório, lembrei-me de uma página de Saint-Exupéry:

efetivamente, nenhum animal teria sido capaz disso!

Pego o pesado pedaço de rocha, levo-o ao meu ombro direito. Uma raiva sombria me leva adiante, um acesso de ódio aquece meu coração.

Um quilômetro depois, eu me pergunto se não contei demais com minhas forças. Estamos no caminho que contorna a pedreira. Vista ampla sobre a paisagem: floresta de fauna ainda com neve, colina de Ettersberg sob a fumaça tutelar do crematório, planície da Turíngia, rica e fértil, ao longe, no piemonte.

O mais difícil parecia estar feito; no entanto, a ladeira agora desce. Mas contei demais com minhas forças. O pedaço de rocha me rasga o ombro, oprime minha caixa torácica. Não tenho mais fôlego. Cada novo passo exige um esforço que me turva a vista. Precisava parar um instante e retomar o fôlego.

O jovem russo está logo atrás de mim. Anda a passos leves, aparentemente sem dificuldades. Mas não me ultrapassa, zela por mim.

O suboficial da SS nos segue tranquilamente, fumando um cigarro. Aguarda o momento em que vou desabar. Continua a sorrir como um tolo.

Uma confusão explode no fim da fila, de repente. Há um tumulto, ouvem-se gritos. Deportados e oficiais das SS correm em todos os sentidos.

Nosso suboficial puxa sua pistola automática do estojo. Põe uma bala no cano. Desce correndo até o local do incidente.

O jovem russo vem ao meu alcance. E me diz algumas palavras, que não compreendo. Em russo, compreendo apenas os xingamentos, aliás, bem monótonos. Trata-se sempre de ir ofender uma mulher da família, de preferência a mãe daquele que se está insultando.

Ele não xinga por enquanto. Não ouço nem a palavra "mãe" nem a palavra "ofensa".

Deve estar me dando conselhos. Ou melhor, instruções. Não compreendo as palavras, mas compreendo os gestos. Compreendo que ele quer pegar o pedaço grande de rocha que estou transportando para me dar o dele. Age rápido. Tira de mim a carga que me oprimia, me tirava o fôlego. Pego, em troca, a pedra que ele carregava. Sinto vontade de gritar de alegria: é levíssima, uma pluma, uma borboleta, um sorriso de mulher, uma nuvem felpuda no céu azul! — *Bistro, bistro*! — grita o jovem russo.

Isso eu compreendo muito bem. Ele quer que sejamos rápidos, antes que o suboficial da SS volte. Descemos a ladeira. Para mim tornou-se fácil, caminho a passos pequenos e rápidos na descida. O jovem russo anda tão rápido quanto eu, apesar da rocha que transporta: uma força da natureza.

Depositamos nossa carga sobre o monte de pedras que outra corveia, amanhã,

talvez, em algum dia próximo, deslocará novamente, pela beleza das tarefas inúteis. Absurdas, mas educativas. Até mesmo reeducadas. Não esqueçamos que Buchenwald, no organograma nazista, é um campo de reeducação pelo trabalho, *Umschulungslager*.

O jovem russo olha para mim, fresco como uma rosa, visivelmente contente por ter enganado o suboficial da SS. Fala comigo e encontro em seu discurso um verbo bem conhecido: "ofender". Pela ausência da palavra "mãe", geralmente acompanhada pelo dito verbo, concluo que ele expressa, dessa vez, a alegria de ter "xingado" a SS.

Como se não bastasse, ele divide comigo a metade do cigarro de *machorka*. Fumamos, a primavera se anuncia, e parece que é só se deixar viver. Ao me dar minha parte do tabaco, ele me chama de Tovaritch. Naquele momento, aquilo reforça em mim a ideia de que se trata de uma encarnação do Homem novo soviético. Hoje, as hipóteses devem ser outras.

Tovaritch, ou seja, "camarada".

Depois dessa experiência, tentei evitar as corveias de quarentena: é compreensível.

Não poderia contar a cada vez com a sorte que parecia me perseguir. Que não parou de me perseguir, aliás. Na Espanha, dez anos mais tarde, na clandestinidade antifranquista, a sorte sempre me acompanhava. Diziam-me também, na Espanha, que eu tinha sorte, como Kaminsky me fez notar naquele domingo, remoto, em Buchenwald. Mas em minha língua materna, a metáfora que expressa isso é mais direta do que em francês, mais carnal: "*Tu si que has nacido com una flor en el tufo*!", exclamavam. Nascer penteado ou com uma colher de prata na boca, à francesa; com uma flor no cu, à espanhola, era a mesma coisa. Sem dúvida seria possível discorrer semiologicamente sobre a diferença entre ambas as expressões, tirar conclusões sobre a oralidade e a analidade das duas línguas. Mas este certamente não é o momento.

A decisão de criar um grupo de autodefesa foi tomada em uma noite, no barracão das latrinas, depois da chamada e da sopa, antes do toque de recolher. Éramos três, se bem me lembro: Yves Darriet, Serge Miller e eu. Foi Yves quem trouxe Claude Francis-Boeuf para o grupo. E Miller trouxe Hamelin. Eu não levei ninguém, não conhecia ninguém.

O princípio de funcionamento do sistema de autodefesa era simples: era preciso evitar ser surpreendido pela formação repentina de uma colônia de corveia, assegurar os poucos minutos suficientes para se enfiar nas latrinas.

Para conseguir isso, um de nós, alternadamente, ficava de guarda do lado de fora do bloco 62. A chegada de uma tropa da SS não podia passar despercebida. Nós os víamos de longe se agrupar na praça da chamada, no alto da encosta de Ettersberg, sobre a qual o campo estava construído. Claro, não era sempre para arrastar

deportados para uma corveia que os destacamentos da SS entravam no campo. Entravam também para fazer razias punitivas — cada vez menos frequentes —, para revistar um barracão, verificar se não havia gente preguiçosa ou escondida nos blocos.

Em todo caso, o vigia nos assinalava o aparecimento das SS e corríamos para nos refugiar nas latrinas.

Uma vez lá, estávamos em segurança. O barracão sanitário era um lugar de asilo, efetivamente, e área · de um estranho status de extraterritorialidade. As SS nunca ultrapassavam sua soleira. Os kapos também não, se levar em conta minha experiência pessoal.

A única vez, porém, em que vi um kapo — um político, aliás, um "triângulo vermelho" — passear nas alteias que ficavam ao longo da fossa central, os motivos de sua presença no barracão eram particulares.

Esse preso alemão, que tinha um posto importante na hierarquia administrativa interna, havia sido afastado de qualquer responsabilidade politica clandestina porque era um pederasta "passional".

Foi o próprio Seifert, o kapo do *Arbeitsstatistik*, que empregou o adjetivo *leidenschaftlich*, no dia em que esse homem viera ao nosso escritório por causa de um serviço.

Foi com uma espécie de espanto quase respeitoso que Seifert havia qualificado a singularidade daquele homem.

Eu havia compreendido que o kapo gostava dos rapazes com um amor absoluto, radical, que estava pronto para sacrificar tudo por essa paixão. Já havia sacrificado sua participação no Partido comunista, assumindo todas as consequências que tal sacrifício acarretaria para ele em Buchenwald.

O respeito de Seifert, essa espécie de espanto admirativo que se percebia em sua maneira de contar essa história, tinha uma causa precisa. Não eram os costumes do kapo que Seifert respeitava, é claro. Era difícil esperar uma atitude compreensiva ou tolerante, respeitosa ainda menos, sobre esse assunto por parte de um veterano comunista.

Mas parecia que kapo — se já soube seu nome, esqueci-o totalmente: kapo, portanto, como nome próprio — tinha tido um comportamento extremamente corajoso, alguns anos antes.

Por volta de 1942, depois da agressão nazista contra a URSS, um certo Wolff, antigo oficial da Wehrmacht, tornou-se decano do campo, o posto mais alto ao qual um preso alemão podia ter acesso na administração interna. Naquele momento, a supremacia dos vermelhos estava, mais uma vez, comprometida pelo fato de os verdes, os criminosos de direito comum, terem caído novamente nas graças do

comando SS.

Homossexual notório, Wolff estava submetido a seu jovem amante, um polonês que fazia parte de um clã de extrema direita, xenófobo e antissemita. Ora, na batalha que Wolff, seus sectários e seus meninos travaram contra os vermelhos para expulsá-los de todos os postos de influência, parece que K. — de kapo: a lembrança de seu nome não me vem de jeito algum! — teve um comportamento de uma coragem insensata, defendendo seus amigos políticos contra o clã de Wolff, perdendo assim, por fidelidade mais a suas ideias do que a suas paixões, qualquer possibilidade de chegar a um cargo de poder interno ou de se manter nele.

Em todo caso, independentemente do grau de exatidão histórica dessa narrativa lendária de Buchenwald, K. foi o único kapo vermelho que vi passear um dia no barracão das latrinas coletivas do Pequeno Campo. Ele andava ao longo da fossa, observando todos aqueles corpos meio desnudos, as coxas, as bundas, os sexos oferecidos ao seu olhar.

As latrinas não eram frequentadas apenas por inválidos e velhos, muçulmanos ou não, inaptos para o trabalho ou rejeitados pelo sistema do trabalho forçado, amontoados em alguns barracões-mortuários, dentre os quais o mais emblemático, sem dúvida, era o bloco 56.

Encontravam-se ali também os recém-chegados do campo de quarentena propriamente dita, ou seja, os deportados que acabavam de ser arrancados do mundo do lado de fora, da vida anterior. Aqueles, em suma, cujo frescor físico ainda era apreciável. Apetitosos, portanto, para alguém que tinha apetite por corpos masculinos.

Era, sem dúvida, entre os mais jovens que K. procurava uma presa, uma vítima condescendente, ou um parceiro. Não era impensável: um olhar de desejo, uma troca sugerida, um carinho feito ou proposto, um desespero a ser dividido.

De repente, encontramo-nos cara a cara.

Era um homem de uns quarenta anos, do lado bom dos quarenta anos. Bem moreno, a pele fosca. Suas olheiras, olhar devastado, deixavam adivinhar o desastre íntimo de uma busca insaciada. Ele me viu, me reconheceu. Reconheceu ao menos em mim alguém que trabalhava no *Arbeit*, que ele já havia visto ao lado de Sedem grande senhor da guerra na selva de Buchenwald.

Houve um brilho em seu olhar. De surpresa, a princípio. Depois, de cumplicidade: será que eu estava ali pelos mesmos motivos que ele? Cumplicidade logo iniciada, matizada ao menos, por uma inquietação negra: será que eu não iria fazer concorrência no mercado de gays?

Eu o tranquilizei com um gesto. Não, não estava caçando, não precisava temer.

Os kapos vermelhos de Buchenwald evitavam o prédio das latrinas do Pequeno Campo: pátio dos milagres, *piscina de Bethsaida*, mercado de trocas de toda espécie.

Eles detestavam o vapor pestilento de "banho popular", de "aguadouro militar", o amontoado de corpos descarnados, cobertos de úlceras, de trapos disformes, os olhos exorbitados nos rostos cinzentos, escavados por um sofrimento abominável.

— Um dia — Kaminsky me dizia, assustado ao saber que, às vezes, eu ia lá, aos domingos, quando ia visitar Halbwachs no bloco 56 ou quando voltava de uma conversa com ele —, um dia, eles vão se jogar em cima de você, em bando, para roubar seus sapatos e seu capote de *Prominent*! O que você está querendo ali, cara?

Não havia jeito de fazê-lo entender. Eu procurava, justamente, o que o assustava, o que ele receava: a desordem vital, perturbadora e calorosa, da morte que nos cabia, cujo curso visível tomava aqueles calçamentos fraternos. Éramos nós que morríamos de esgotamento e de diarreia naquela pestilência. Era ali que podíamos ter a experiência da morte do outro como horizonte pessoal.

Pode-se compreender, então, por que os kapos vermelhos evitavam aquele barracão.

Era o único lugar de Buchenwald que escapava ao poder deles, que sua estratégia de resistência não conseguiria jamais investir. O espetáculo que ali se mostrava, em suma, era o de seu fracasso sempre possível. O espetáculo de sua derrota sempre ameaçadora. Sabiam bem que seu poder era frágil, por essência, exposto que estava aos caprichos e às mudanças imprevisíveis da política global de Berlim.

E os muçulmanos eram a encarnação, lamentável e patética, sem dúvida, mas insuportável, dessa derrota sempre temida. Eles mostravam de maneira brilhante que a vitória das SS não era impossível. As SS não achavam que éramos merda, menos-que-nada, subomens? A visão dos muçulmanos só podia reforçar essa ideia.

Exatamente por essa razão, era, em compensação, difícil compreender por que as SS também evitavam as latrinas do Pequeno Campo, a ponto de ter feito delas, de modo involuntário, provavelmente, um lugar de asilo e de liberdade. Por que as SS fugiam do espetáculo que deveria alegrá-las, reconfortá-las, o espetáculo da decadência de seus inimigos?

Nas latrinas do Pequeno Campo de Buchenwald, elas poderiam ter aproveitado o espetáculo dos subomens, cuja existência tinham postulado para justificar sua arrogância racial e ideológica. Mas não, elas se abstinham de ir até lá: paradoxalmente, aquele lugar de vitória possível era um lugar maldito. Como se as SS — nesse caso, teria sido um sinal derradeiro, um derradeiro clarão de sua humanidade (indiscutível: um ano em Buchenwald tinha me ensinado, concretamente, o que Kant ensina: que o Mal não era inumano, mas, muito pelo

contrário, uma expressão radical da liberdade humana) — tivessem fechado os olhos diante do espetáculo de sua própria vitória, diante da imagem insustentável do mundo que elas pretendiam estabelecer graças ao Reich milenar.

7

— Você acha que os americanos vão resistir em Bastogne? — Walter pergunta subitamente.

Na noite anterior, de sábado para domingo, no momento do toque de recolher, eu tinha ido para meu posto no *Arbeitsstatistik*, como previsto. Transcrevi primeiro no arquivo central os movimentos de mão de obra assinalados pelos diferentes serviços. Anotei as fichas dos deportados que se beneficiavam de uma *Schonung*, uma isenção de trabalho por motivo de doença. Em seguida, apaguei o nome dos mortos: as fichas pessoais eram colocadas em dia a lápis. Era mais prático, mudava muito, na verdade. Era preciso apagar sempre e reescrever. Para terminar, inscrevi, também, os nomes dos que chegaram em novas fichas, ou naquelas que voltaram a ficar limpas depois do apagar de uma vida precedente.

Mais tarde, fui encontrar Walter na sala dos fundos do *Arbeitsstatistik*. O velho Walter, dizia cá com meus botões. Na verdade, não era tão velho assim. Tinha envelhecido antes da hora. Ele tinha conhecido os primeiros anos de Buchenwald, inimagináveis. Quando o campo ainda não era um sanatório. Em , no momento de sua prisão, ele teve o maxilar fraturado pela Gestapo durante um interrogatório.

Ainda sofria com isso, não podia mastigar praticamente nada. Todos os dias, ia procurar no *Revier* uma tigela de sopa especial, uma espécie de papa açucarada.

Walter era um dos raros veteranos comunistas alemães com quem era possível conversar. Um dos raros que não tinha ficado louco. Agressivamente louco, pelo menos.

Eu me aproveitava disso, perguntava-lhe muitas coisas sobre o passado do campo. E ele me respondia. Meu conhecimento desse passado vem, em grande parte, das histórias que ele me contou, durante longas noites.

Só havia um episódio da história deles sobre o qual não consegui que ele me dissesse uma única palavra, apesar de minha insistência. Ele se recusava a falar, na verdade, dos anos 1939 a 1941, o período do pacto germano-soviético. Teria sido maravilhoso, no entanto, saber o que eles pensavam, sentiam, na época, esses comunistas alemães presos em um campo por Hitler, o aliado de Stalin! Como tinham vivido esse dilaceramento? Como esse pacto, objetivamente — ao menos uma vez esse advérbio, sinistro, caia realmente bem! —, o pacto germano-soviético teve consequências concretas em Buchenwald?

Nada, nem sequer uma palavra: silêncio obstinado, olhar deliberadamente obtuso,

como se não compreendesse minhas questões, como se não houvesse realmente nada a dizer. Como se não houvesse tido pacto de amizade entre Hitler e Stalin, em suma.

Walter trabalhava comigo no arquivo central, isso facilitava a conversa. E fazíamos, com frequência, parte da mesma equipe da noite.

Ele havia requentado dois copos da bebida escura que vou continuar chamando de "café".

Lá fora, a noite estava calma. A neve luzia, azulada, sob os feixes giratórios dos projetores que varriam, em intervalos regulares, as almas do campo. Um clarão vermelho assinalava a atividade do crematório. Mas a voz rouca, excessiva, do *Rapportführer* SS, ordenando que se apagassem os fornos, *Krematorium ausmachen!*, não seria, com certeza, ouvida. Não precisávamos esperar alertas aéreos naquela noite. A aviação aliada teria muito que fazer em outra parte, na frente das Ardenas.

— Você acha que os americanos vão resistir em Bastogne? — pergunta Walter.

Parecia que ele tinha lido meus pensamentos. Mas não é de espantar que ele leia meus pensamentos: há alguns dias, só pensamos nisso.

Sob as ordens de von Rundstedt, que renovava assim a manobra estratégica do estado-maior nazista, que fora decisiva em 1940, as tropas alemãs tinham lançado uma contraofensiva na frente das Ardenas.Tinham acabado com as linhas aliadas: o fim da batalha dependia da resistência dos americanos em Bastogne. Em Buchenwald soavam rumores inquietos. Nenhum de nós pensava que os nazistas tivessem ainda a possibilidade de ganhar a guerra. Mas o simples fato de conseguir prolongá-la, adiando a perspectiva de uma vitória aliada, era em si aterrorizante. Se Bastogne não resistisse, nossa esperança de sobrevivência diminuiria. Nossa capacidade de sobreviver enfraqueceria. Quem resistiria, naqueles campos, a mais alguns meses suplementares de fome e de esgotamento?

Mas Walter não faz realmente a pergunta. É antes um voto, uma invocação. Espero que os americanos possam resistir em Bastogne, é esse o sentido.

Só posso formular o mesmo voto que ele.

— Espero — digo a ele.

Só que a preocupação de Walter era mais complexa.

— Será que os americanos são bons soldados? — prosseguiu ele, efetivamente. — Eles se ferraram de um jeito bem esquisito com os japoneses, no início!

— No inicio — digo-lhe — os soviéticos também se ferraram.

Ele assente com a cabeça, concorda. Mas, visivelmente, não gosta que eu o tranquilize com um argumento desses.

— Será que não é preciso ser um pouco fanático para ser um bom soldado? — pergunta-se Walter, pouco depois.

Ele me pega desprevenido, devo dizer. Sobretudo porque ele não para por aí.

— Será que somos tão bons soldados, nós, comunistas, por sermos bem fanáticos?

Walter falou com uma voz quase imperceptível, como se tivesse medo de que o escutassem. Mas não há mais ninguém além de nós dois na sala dos fundos do *Arbeit*. Provavelmente tem medo de ouvir o que acabou de dizer, de se ouvir dizer uma coisa daquela.

Olho para ele, o velho Walter grisalho, com o maxilar fraturado pela Gestapo.

Lembro-me de *A esperança*, de André Malraux. Quando se trata dos comunistas, é comum pensar nesse romance. Sobretudo quando se acaba de relê-lo, como tinha acontecido comigo algumas semanas antes de minha prisão em Joigny. Lembro-me de Manuel, jovem intelectual comunista que se tornou chefe de guerra, explicando que está perdendo sua alma, tornando-se menos humano, à medida que, precisamente, torna-se um bom comunista, um bom chefe militar. Em *A esperança*, Manuel acaba de ordenar a execução de alguns desertores, jovens antifascistas, voluntários da primeira hora, que fugiram do combate no momento de um ataque dos blindados italianos do exército franquista. Ele descobre que será preciso, doravante, sufocar, às vezes, sentimentos nobres, como a piedade, a compaixão, o perdão magnânimo da fraqueza alheia, para tornar-se um verdadeiro chefe militar. Ora, é preciso haver verdadeiros chefes militares, um verdadeiro exército, para ganhar a guerra do povo contra o fascismo. Mas não é com Walter que quero falar de Malraux, de *A esperança*.

Poderei falar dele com Kaminsky, que lutou nas brigadas internacionais e conheceu ali alguns exemplos do romance de Malraux.

A memória de Walter tem referências de outra época, de outra cultura política, menos aberta ao mundo, limitada pelas orientações sectárias impostas pelo Komintern, na Alemanha dos anos trinta: classe contra classe.

De todo modo, a questão de Walter ficará em suspenso. Era, entretanto, pertinente, e poderia nos levar longe: será que somos tão bons soldados porque somos fanáticos, nós, os comunistas?

Mas a porta da sala dos fundos se abre, Meiners entra. Certamente não será na frente dele que continuaremos a falar.

> "*E você...? Henry Sutpen. E está aqui...? Há quatro anos. E voltou para sua casa...? Para morrer. Para morrer...? Sim. Para morrer. E você está aqui...? Há quatro anos. E você é...? Henry Sutpen.*"

Deixei Walter na sala dos fundos do *Arbeit*. Silencioso, dando deliberadamente as costas a Meiners. Voltei para minha mesa de trabalho, junto ao arquivo central. Tinha

a intenção de acabar a leitura do romance de Faulkner, *Absalom, Absalom!*

Eu o tinha escolhido na biblioteca para essa semana de trabalho noturno. Sei bem que isso vai irritar algumas pessoas. Ou surpreendê-las, e até mesmo inquietá-las: sei até demais. Há vários anos, quando mencionei que havia encontrado na biblioteca de Buchenwald a obra *Lógica*, de Hegel, e que a tinha lido — nas mesmas condições: durante uma semana de equipe noturna, *Nachtschicht*, única circunstância em que a leitura era possível, e exclusivamente se o trabalho fosse em um escritório ou em um comando de manutenção... na linha de montagem da usina de Gustloff, por exemplo, de três turnos de oito horas, era impensável! —, eu recebi algumas cartas indignadas. Ou tristes. Como ousava afirmar que havia uma biblioteca em Buchenwald? Por que inventar uma coisa dessas? Será que eu queria fazer acreditar que o campo era uma espécie de casa de repouso? Outros leitores, mais astutos, abordavam a questão sob um ângulo diferente. Ah é, havia então uma biblioteca em Buchenwald? E você tinha tempo de ler? Mas, então, não era tão terrível assim! Será que não exageraram na descrição das condições de vida nos campos nazistas? Eram realmente campos da morte?

Tais cartas não foram numerosas, claro. Não respondi a nenhuma delas. Se esses leitores surpresos ou desconfiados tinham má-fé, nenhum de meus argumentos poderia convencê-los. Se tivessem boca, conseguiriam por si só constatar a absoluta veracidade de meu relato. Havia mesmo uma biblioteca em Buchenwald. A evidência documental pode ser encontrada facilmente. Assim, se alguém tiver tempo e gostar de viajar, pode visitar a cidade de Weimar. A cidade de Goethe, não é? Charmosa. Os vestígios de sua presença estão em toda parte. Como também as lembranças de Schiller, de Liszt, de Nietzche, de Gropius, em suma, aqueles da mais elevada cultura europeia. Se houver sol — por que não escolher, para tal viagem, a bela estação? —, pode-se fazer um passeio às margens do Ilm, nos arredores da cidade. No fim de um vale verde, arborizado, ergue-se a pequena casa de veraneio de Goethe, o *Gartenhaus*. Há um banco ali, depois da pontezinha sobre o Ilm: lugar insensato para se sentar. O pensamento que o tomará sem dúvida tocará o ponto mais vivo de sua memória e de sua alma.

Pois no dia anterior — ou até mesmo de manhã, se escolheu a tarde para o passeio até o *Gartenhaus* — você terá percorrido os poucos quilômetros que separam Weimar do campo de concentração de Buchenwald, sobre a colina de Ettersberg, onde Goethe, precisamente, gostava tanto de passear com o inefável Eckermann. Terá visitado esse lugar de memória, esse sitio arqueológico da história europeia da infâmia. Provavelmente, você terá ficado muito tempo no Museu de Buchenwald. Todas as explicações sobre a biblioteca do campo estão ali. Poderá até mesmo contemplar o

exemplar de *Lógica*, de Hegel, que tive em minhas mãos, o meu. Em compensação, e sinto muito por isso, não encontrará o romance de Faulkner que li em dezembro de 1944, quando essa história começou: o exemplar da biblioteca de Buchenwald não foi encontrado.

De todo modo, se você não tiver nem tempo, nem vontade, nem meios de fazer a viagem para Weimar, basta entrar em uma livraria, pedir o livro de Eugen Kogon, *O Estado SS*, publicado em uma coleção de bolso bem conhecida. A existência e o histórico da biblioteca de Buchenwald estão confirmados, documentados ali. Com um titulo diferente (*L'enfer arganisé*), o livro de Kogon foi publicado em francês em 1947. Trata-se de um testemunho capital em diversos aspectos. Em primeiro lugar, porque Kogon ocupou um posto-chave na administração interna de Buchenwald, o que lhe permitiu ter uma visão de conjunto do sistema do campo de concentração.

Ele foi, efetivamente, o adjunto do médico-chefe da SS Dingschuler, responsável pelo bloco das experiências médicas. Nesse posto, com habilidade, coragem e perseverança, Kogon prestou serviços consideráveis à resistência antifascista de Buchenwald.

Eugen Kogon, aliás — e isso torna seu testemunho e sua pesquisa ainda mais importantes —, não era um militante comunista. Democrata-cristão, adversário convicto da ideologia marxista, ele participou da resistência antinazista em Buchenwald correndo risco de vida, ao lado de seus camaradas comunistas alemães, mas sem nunca abdicar de sua autonomia moral.

Eugen Kogon explica assim, em seu livro, a origem da biblioteca de Buchenwald: "A biblioteca dos presos foi fundada em Buchenwald no início de 1938. Para ter os 3.000 primeiros volumes, os presos foram autorizados a receber livros de suas casas; ou então eles deveriam dar uma quantia, com a qual o *Kommandantur* comprou obras nacionais-socialistas... De seus próprios arquivos, ela oferecia 246 livros, entre os quais 60 exemplares do *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, e 60 exemplares de *O mito do século XX*, de Alfred Rosenberg. Essas últimas obras mantiveram-se em bom estado, novas em folha, inutilizadas nas prateleiras da biblioteca. Com o passar dos anos, o estoque da biblioteca subiu para 13.811 livros encadernados e 2.000 brochuras... Ao longo do inverno de 1942-1943, apresentei-me constantemente como voluntário, quando foram colocados vigias noturnos no bloco 42 de Buchenwald, onde regularmente se roubava pão dos armários; eu ficava sozinho de três às seis da manhã na sala, e assim tinha tempo, em meio àquela calma magnífica, de examinar os tesouros da biblioteca do campo. Que impressão estranha a de se encontrar sentado sob uma lâmpada fraca, sozinho com *O banquete*, de Platão, ou *Le chant du çygne*, de Galsworthy, com Heine, Kalbund ou Mehring..."

Quanto a mim, dois anos mais tarde, na calma da sala do *Arbeitsstatistik*, ao pé da chaminé avermelhada do crematório, foi com o romance de Faulkner, *Absalom, Absalom!*, que passei algumas noites de dezembro, bem felizes!

Deixei o velho Walter para retomar minha leitura. No momento em que Meiners surgiu, eu estava me perguntando se ia falar ao Walter da nota de Berlim que se referia a mim. Sua opinião me interessava. Além disso, eu confiava em sua discrição: ele não contaria a ninguém.

Mas Meiners entrou, nenhuma conversa seria possível. Alto, de belo porte, cheio de saúde, Meiners tinha o jeito de certos atores do cinema alemão dos anos 30, personagens das comédias do UFA.[5] O tipo de um Hans Albers, por exemplo.

Semelhança acentuada por suas vestimentas, que não tinham relação alguma com a dos deportados comuns, fossem eles Kapos ou *Prominenten*. Era preciso ter um olhar atento para distinguir sobre sua veste de esporte bem cortada, ou sobre a perna direita de sua calça de flanela cinza, o retângulo bem pouco regulamentar de seu número de matrícula. A mesma coisa para o triângulo de identificação nacional, ainda menos perceptível sobre a lã cinza por não ser vermelho, cor viva, mas preto.

Meiners era, efetivamente, o que se chamava de um "associal" no jargão administrativo nazista. Interno depois de várias condenações por roubo, canalhice ou abuso de confiança, Meiners tinha desempenhado um papel importante na vida do campo, na época em que o oficial da SS Karl Koch era o comandante de Buchenwald. Encarregado da administração da cantina da SS, ele viajava, embora preso, por toda a Alemanha para fazer suas compras, organizando, ao mesmo tempo, toda espécie de tráfico e enriquecendo — ele beneficiava Koch e outros oficiais da SS com seus ganhos ilícitos — graças a um sistema de notas falsas e brindes.

Mas Karl Koch — cuja mulher, Ilse, é possível se lembrar, gostava dos belos presos; ela os despia antes em sua cama para apreciá-los e contemplar, se fosse o caso, suas tatuagens, que ela recuperava assim que o prisioneiro era executado e a pele fosse convenientemente tratada para fazer abajur com elas —, no entanto, foi vítima das lutas internas que gangrenavam o universo das SS Totenkopf, especialmente os encarregados da vigilância dos campos de concentração.

Demitido quando comandava um campo na Polônia, levado de volta a Weimar-Buchenwald, julgado a portas fechadas por corrupção, Koch acabou fuzilado alguns dias antes da libertação do campo pelo exército americano. Sem o apoio cúmplice de Koch, nem por isso Meiners, o "triângulo preto", foi punido de modo severo demais: um vagabundo sempre pode servir para alguma coisa. Ele foi mandado embora da administração da cantina da SS, claro, mas nomeado para o *Arbeitsstatistik*, junto a Seifert, para dedurá-lo, vigiá-lo, tentar contrariá-lo. Meiners não era uma pessoa

importante. Diante de Seifert, senhor da guerra em Buchenwald, ele realmente não importava. Em alguns meses, apesar do apoio externo de Schwarz, responsável pela SS do *Arbeitsstatistik*, do serviço do trabalho, dito de outro modo, Meiners foi reduzido por Seifert a um papel de pálida figuração. Seriam necessários homens mais determinados, mais corajosos, menos vagabundos também, para dar início ao poder do núcleo vermelho do *Arbeitsstatistik*. Na época em que eu trabalhava lá, delegado pela organização comunista espanhola, Meiners já não tinha autoridade alguma, era apenas encarregado de pequenos trabalhos miseráveis. Bem contente, provavelmente, no fundo, por lhe permitirem levar uma vida obscura, porém mimada, de privilegiado irresponsável.

Meiners e eu nos odiávamos. Era camuflado, é verdade: nenhuma alteração de voz em nossas conversas ocasionais, nenhum enfrentamento público. Mas se um de nós tivesse achado um meio de fazer o outro desaparecer, acho que nem ele nem eu teríamos hesitado um segundo.

Os motivos de meu desprezo — de meu ódio, pois era visivelmente ódio, calor, furor, razão de viver — são fáceis de ser adivinhados: Meiners encarnava, sob sua aparência de bonachão banal, tudo o que eu detestava. Tudo o que eu queria destruir, os defeitos que chamávamos de "burgueses", contra o que, contra quem, eu lutava. De certa maneira, era quase uma sorte — um bom conforto, em todo caso — ter em minhas mãos, sob meus olhos, uma encarnação tão perfeita do inimigo. Claro, eu não me esquecia que as SS eram, tendo em vista as circunstâncias, nosso principal inimigo. Por outro lado, eu pensava que eles eram apenas a guarda pretoriana de uma sociedade de exploração em crise. Lutar contra as SS sem mudar essa sociedade me parecia um pouco limitado. Eu concordava, em suma, com a palavra de ordem de alguns movimentos clandestinos da França ocupada, "Da resistência à revolução".



Meiners entrou na sala dos fundos do *Arbeit*. Walter e eu paramos imediatamente de falar.

Ele não dá a mínima. Está habituado às bolhas de silêncio que se formam a sua volta, no *Arbeit*. Sabe que não se pode esperar muito do calor atencioso de nossa

pequena comunidade militante e cosmopolita. Ele assobia a ária de uma canção de amor de Zarah Leander, uma daquelas que o *Rapportführer* SS de serviço no domingo faz tocar regularmente, naquele dia, no circuito dos alto-falantes do campo.

Prefiro a voz sombria de Zarah Leander ao amargo assobiar de Meiners, é claro. Ele acaba de abrir seu armário pessoal, e vai, provavelmente, preparar um sanduíche.

Na outra ponta da mesa onde Walter e eu estamos sentados, ele se ajeita: pequena toalha, prato de faiança, faca e garfo de prata. Coloca tudo em torno dos pedaços de pão branco; os frios, uma lata de patê... Serve-se uma grande tulipa de cerveja. De repente, no momento em que começa a passar uma camada grossa de patê sobre um pedaço de pão branco, previamente untado com margarina, Meiners levanta a cabeça e me fixa, o olho preto, exorbitado.

Deve se lembrar, e sente-se incomodado. Algumas semanas antes, também à noite, estávamos cara a cara, na sala dos fundos do *Arbeit*. Sozinhos, daquela vez, cara a cara. A mesma cerimônia se desenrolava: pequena toalha colocada sobre a mesa rugosa, talheres refinados, disposição de alimentos apetitosos.

Eu bebia um copo de café. Tinha acabado de degustar cascas de batatas grelhadas. Eu o observava, e tive vontade de estragar sua refeição. "Vai parar logo de comer essa merda na minha frente?", exclamei. "Seu patê fede!" Desconcertado, ele colocou o nariz na lata de patê para sentir os cheiros. "Merda!", insisti. "É feito de que, seu patê? Com a carne de crematório?" E assim por diante. Em suma, Meiners acabou tendo ânsias de vômito, não conseguiu terminar sua refeição, fugiu da sala dos fundos do *Arbeit*.

E desde essa noite ele sente ódio de mim. Odiava em mim o estrangeiro, o comunista, o futuro vencedor. Odiava-me ainda mais por não ter a possibilidade de me desprezar, porque eu teria ignorado a língua alemã. Eu a falava melhor do que ele. Meu vocabulário era mais rico que o dele. Aliás, para chateá-lo, às vezes eu recitava em voz alta poemas dos quais ele não tinha o menor conhecimento. Nesses momentos, seu ódio tornava-se vermelho vivo.

Meiners me olha, sem dúvida se lembra. Estoura. Por que o olho assim, com esse ar de nojo? Meu patê é excelente, grita, vem da cantina da SS, é patê de porco, puro porco. Mais um pouco e ele gritaria que seu patê é *judenrein*, não contaminado pela judiaria. Mais um pouco e ele nos diria que seu patê é cem por cento ariano, que expressa a beleza ancestral da raça germânica. Quem sou eu para criticar seu patê ariano? Ele berra, enquanto reempacota todos os ingredientes de seu sanduíche.

— Vou voltar — proclama ele —, quando só tiver *Reichdeutsche* aqui!

Mostro para ele que é difícil, para não dizer impossível, em Buchenwald, não se misturar com estrangeiros. Sempre se é o estrangeiro de alguém. Só há um lugar onde

se pode estar cercado unicamente de *Reichsdeutsche*, de alemães do Reich: o bordel. Têm de ir ao bordel, digo-lhe, se quiserem ficar entre vocês.

Walter dá uma gargalhada, Meiners bate violentamente a porta metálica de seu armário pessoal.

---

[5] Sigla de Universum Films Alctiengesenchaft (N. da T.).

8

Deparei-me com *Absalom, Absalom!* no catálogo mimeografado da biblioteca do campo. Por acaso, ao folhear as páginas da brochura. Eu passava várias horas por dia diante da porta da biblioteca. Ela ficava, na verdade, no mesmo barracão que o *Schreibstube*, a secretaria, e o *Arbeitsstatistik*. Entre os dois escritórios, no meio do barracão, que ficava na primeira fileira de prédios em torno da praça de chamada, bem ao lado do crematório cercado por uma sebe alta.

Prevendo uma próxima semana de trabalho noturno, consultei o catálogo. E cai sobre Faulkner por acaso, folheando as páginas da brochura. Já não me lembro o que estava procurando, nada de especial, provavelmente. Só folheava. Na letra "H" estava compilada uma quantidade enorme de exemplares de *Mein Kampf*, de Adolf Hitler. Nada de surpreendente nisso: quando o campo de Weimar-Buchenwald foi criado, em 1937, os chefes nazistas pretendiam fazer dele um modelo de campo de reeducação.

Com esse fim, com fins de *Umschulung* dos militantes e dos antifascistas, internados na colina do Ettersberg, uma coleção de livros nazistas foi colocada na biblioteca do campo.

Mas o objetivo de reeducação dos adversários políticos do regime nazista foi logo abandonado. O campo tornou-se o que não deixou mais de ser: um campo punitivo, de extermínio pelo trabalho forçado. Extermínio indireto, se preferir, na medida em que não havia câmera de gás em Buchenwald. Nada de seleção sistemática, portanto, dos mais jovens, dos mais fracos, dos mais desprovidos, para uma morte imediata. A mão de obra deportada, passível de se fazer corveias à vontade, faminta, espancada, era, no entanto, em sua maioria, integrada em um sistema de produção de armamento cujo resultado não podia ser zero. Uma mão de obra, portanto, que não podia ser simplesmente exterminada, sobretudo a partir do momento em que o espaço do império nazista na Europa, encolhendo sem parar, já não podia ser renovada à vontade.

Assim, portanto, *Absalom, Absalom!*, de William Faulkner. Em alemão, é claro. Com um "m" no fim do nome bíblico, como em inglês, aliás. A tradução, de Hermann Stresau, tinha sido publicada pela editora Rowohlt, em 1938. No mês de março desse mesmo ano, para ser mais preciso, com uma tiragem de quatro mil exemplares. Mas não foi em Buchenwald que soube, e muito menos guardei, todos esses detalhes. Tinha lido o romance, durante uma semana de trabalho noturno, em dezembro de

1944. Ao longe se desenrolava a batalha das Ardenas, cujo fim não podia nos ser indiferente. Mas eu não guardara o nome do tradutor nem o número de exemplares da tiragem de 1938, ano da capitulação de Munique e da Noite de Cristal, uma de suas consequências.

Lembrava-me de trechos inteiros do romance, frases que eu repetia como encantações. Em alemão, é claro. Foi em alemão que li pela primeira vez *Absalom, Absalom!*

> *Und Sie sind? Henry Sutpen. Und Sie sind hier? Vier Jahre. Und Sie kehrten zurück? Um zu sterben. Ja. Zu sterben? Ja. Zu sterben. Und Sie sind hier? Vier Jahre. Und Sie sind? Henry Sutpen.*

Sim, naquele dia de dezembro, naquele domingo, enquanto Kaminsky procurava um morto conveniente, cujo lugar eu poderia tomar, ou seja, um morto que teria continuado a viver com seu próprio nome, mas habitando meu corpo, minha alma também, talvez, enquanto Kaminsky parecia ter encontrado o morto certo para mim, para que eu continuasse a viver, caso a nota de Berlim fosse realmente inquietante — e eu tinha sorte, mais uma vez, era incrível, um garoto da minha idade, com poucas semanas de diferença, estudante, além do mais, e parisiense!, uma sorte incrível, não? —, enquanto Kaminsky exultava por ter encontrado o morto certo, acreditava ele, que, aliás, não passava de um moribundo, e aquilo me atormentava, durante esse tempo eu recitava as frases de encantamento do fim do romance de Faulkner, quando Rosa Coldfield e Quentin Compson descobrem Henry Sutpen, escondido na casa da família para onde ele voltou para morrer.



Dois anos antes — toda uma vida: vários mortos antes — uma moça me dera para ler um romance de William Faulkner, *Sartoris*. Minha vida tinha sido mudada por ele. Quero dizer, minha vida sonhada, ainda bem improvável, de escritor.

Uma moça bem jovem me fizera descobrir William Faulkner. Foi na Paris austera e fraterna da Ocupação, em um Café de Saint-Germain-des-Prés. Já me aconteceu de

evocar o fantasma dessa moça de olhos azuis... (De repente, lamento não poder aqui mudar de língua, para falar dela em espanhol: seria tão melhor poder evocá-la em espanhol, ou ao menos misturar as duas línguas, sem por isso desanimar o leitor!) Pois temos o direito de fazer um leitor sobressaltar, de surpreendê-lo ao arrepio, de provocá-lo para refletir ou para reagir no mais profundo de si mesmo; podemos também ficar insensíveis a ele, é claro, passar a seu lado, perdê-lo ou deixar saudades. Mas nunca se deve confundi-lo, não temos esse direito; ele nunca deve, efetivamente, não saber mais onde está, em que caminho, mesmo quando ignora aonde esse caminho vai dar.

Eu precisaria ter leitores bilíngues, quaisquer que fossem, que pudessem passar de uma língua a outra, do francês ao espanhol, e vice-versa, não apenas sem esforço, mas também com alegria, no prazer dos recantos e dos jogos da língua!

Resumindo, se eu pudesse evocar em espanhol a lembrança dessa moça, eu diria que ela "tinha fantasma", *que tenía duende*, que "tinha anjo", *tenía angel*. Que outra língua vocês conhecem em que, para falar do charme de uma mulher, se diz que ela tem anjo ou fantasma? Em outro lugar, em outras narrativas, dei, às vezes, a essa moça seu verdadeiro nome, às vezes, mascarei-a sob outros nomes romanescos: tudo era válido, tudo em certo, sinceridade, ardil narrativo, pretexto ou capricho de escritura, contanto que ela aparecesse entre as linhas da memória, no batimento do sangue perturbado.

Mas não foi em Buchenwald, é claro, que guardei o nome do tradutor de *Absalom, Absalom!*, Hermann Stresau, nem onde notei que a primeira tiragem da tradução alemã de março de 1938 tinha sido de quatro mil exemplares. Foi em Munique, na casa de Hans Magnus Enzensberger, que soube desses detalhes. Mais de cinquenta anos depois, em 1999, no fim de um século cheio de ruído e de furor, mas também de rosas e de vinho.

Eu estava em Munique para um colóquio, uma conferência ou algo parecido. O dia estava bonito: maio ou junho, provavelmente. Tinha almoçado com Hans Magnus naquele dia. Na hora do café, estávamos na casa dele. Ou melhor, em seu local de trabalho: um apartamento luminoso, com espaços claros, cheio de livros, decorado com alguns raros objetos preciosos. Bem raros, muito preciosos. Sendo dois ou três pequenos quadros da época antiga, misteriosamente radiantes de azul Patinir.

À noitinha, eu tinha uma *Lesung*, uma leitura, hábito alemão estranho e gratificante. As pessoas pagam por seus lugares, enchem um teatro, para escutar um escritor ler trechos de sua obra. Eu lia em alemão, é claro, não precisava de tradutor.

Para aquela noite, eu tinha preparado uma espécie de colagem ou de montagem, com passagens de meus três relatos sobre a experiência em Buchenwald ligados entre

si pelo trabalho, interminável, tônico, desolador, da anamnese. Bisbilhotando nas prateleiras, descobri, de repente, os volumes encadernados amarelos, livros de Faulkner, publicados pela Rowohlt.

Sempre dou uma olhadela na biblioteca da casa das pessoas de quem sou convidado. Às vezes, pareço inconveniente demais, insistente ou inquisidor demais, já me criticaram por isso. Mas as bibliotecas são apaixonantes, reveladoras.

Eu olhava a biblioteca de Enzensberger, muito bem arrumada, aliás. Por áreas temáticas, em ordem alfabética dentro de cada área.

De repente, vi os romances de William Faulkner. Peguei o volume de *Absalom, Absalom!* com o coração na mão.

Enquanto folheava o livro à procura das frases do fim, de encantamento, que tinham ficado em minha memória, meio século antes, numa noite de dezembro em Buchenwald (*Und Sie sind? Henry Sutpen. Und Sie sind hier? Vier Jahre. Und Sie kehrten zurück? Um zu sterben*), enquanto procurava essas frases, eu contava a Hans Magnus a história desse romance de Faulkner que tinha lido em Buchenwald em um inverno muito remoto.

Então, depois de ter verificado que era mesmo aquela tradução que tinha tido entre as mãos, a de 1938, de Hermann Stresau — não havia outra —, depois de ter observado que uma segunda edição de quatro mil exemplares tinha sido publicada em 1948, e uma terceira com tiragem idêntica em 1958, doze mil volumes ao todo, então, Hans Magnus Enzensberger me deu de presente seu exemplar de *Absalom, Absalom!*

Eu o tenho sempre à mão, haja o que houver. Como lembrança de Enzensberger e de nossas lembranças comuns. Mais de três décadas de lembranças comuns, desde Cuba, em 1968, quando assistimos juntos à instauração por Fidel Castro do partido comunista de tipo leninista, do qual ele precisava para transformar uma revolução democrática — que tinha prescindido desse tipo de partido para triunfar do ditador Batista — em sistema de socialismo real. Como lembrança da leitura de Faulkner, outrora, em Buchenwald, naquelas noites de dezembro de 1944, em que os soldados americanos não tinham cedido um milímetro de terreno, em Bastogne, embora não fossem fanáticos.

9

— Às seis horas no *Revier*! — havia dito Kaminsky. Estávamos quase lá: eram cinco e quinze. A noite caía, as lamparinas estavam acesas. A neve brilhava sob o feixe intermitente dos projetores que começavam a explorar o território do campo.

Logo vou saber que morto vai me habitar, em último caso, para me salvar a vida.

Kaminsky acrescentara, sarcástico: "Até lá, faça como de costume no domingo, divirta-se com seu professor e seus muçulmanos!"

Conselho supérfluo. Eu ia mesmo visitar Maurice Halbwachs e tentar, mais uma vez, reencontrar meu jovem muçulmano francês no barracão das latrinas coletivas.

Antes, voltei ao bloco 40; tinha um encontro ali com compatriotas.



Essa é uma palavra que, nos últimos anos, em meu linguajar habitual, tinha caído em desuso. Compatriotas? De que pátria, senhor? Há mais de quatro anos, desde9, no boulevard Saint-Michel, em Paris, eu decidira que ninguém mais iria me identificar como estrangeiro devido a meu sotaque. Desde que chegara ali, minha língua materna, minhas referências aos lugares de origem — à infância, em suma, radicalmente originária — haviam desaparecido, pegas no abismo do recalque e do não dito.

Às vezes, mas era provavelmente para me tranquilizar, ou tranquilizar aqueles a quem eu me dirigia, e, também, para me poupar explicações longas demais e inúteis, eu dizia que a língua francesa era a única coisa que se parecia com uma pátria, para mim. Não era, portanto, a lei do solo nem a lei do sangue, e sim a lei do desejo que se mostrava, no meu caso, decisiva. Eu desejava realmente possuir essa língua, sucumbir a seus encantos, mas também fazer com que sofresse ultrajes, violentá-la. A língua de Gide e de Giraudoux, de Baudelaire e de Rimbaud, mas também, sobretudo, talvez, bem no fundo, a de Racine: perfeição absoluta do equilíbrio entre controle transparente e violência mascarada.

Claro, nem por isso tinha me esquecido do espanhol. Ele estava ali, presente-ausente, em uma espécie de coma, de existência virtual, privado de valor de uso e de troca.

Entretanto, em caso de necessidade vital, eu poderia recorrer a ele. Um único fio, íntimo e misterioso, ligava ainda a língua de minha infância à minha vida real: o fio da poesia. Se eu fosse crente, o fio da oração provavelmente também seria mantido. Teria sido inconcebível eu dizer o Pai nosso em francês, por exemplo.

Mas eu não era crente. Portanto, assunto encerrado. O fio da poesia e, acho, o dos números e das contas. Assunto de infância também, como as continhas. Precisava sempre repetir, mesmo que em voz baixa, os números em espanhol para poder guardá-los, memorizá-los. Números de rua ou de telefone, datas de encontros ou de aniversário: devia dizê-los para mim mesmo em espanhol para gravá-los na memória.

O espanhol continuou sendo a língua de minha vida clandestina.

Mas foi sobretudo a poesia que manteve viva em mim, no pano de fundo, em um nivel profundo de graça e de gratuidade absolutas, a relação com minha língua materna.

Durante os primeiros anos de exílio e de ocupação, eu tinha até mesmo enriquecido meu conhecimento, meu emprego intimo da poesia espanhola — com Luis Cernuda, César Vallejo, por exemplo, poetas que até então eu ignorava ou conhecia mal, mais por ouvir dizer do que por ouvir-viver.

Em Buchenwald, de repente, a situação se modificou radicalmente.

Estava vivendo de novo, em uma comunidade de língua espanhola, na diversidade de sotaques, das músicas, dos léxicos das diferentes regiões da Espanha e do espanhol.

Reencontrava as palavras antigas para dizer frio, fome, finitude. Para dizer fraternidade, esperança, gratidão.

Assim, em Buchenwald, no lugar do mais remoto exílio, nas próprias fronteiras do nada — *óstlich des Vergessens*, eu diria em alemão, "à leste do esquecimento", demarcando assim o tema de um poema célebre de Paul Celan —, nos confins do desterro, de certa forma, eu encontrava minhas referências e minhas raízes, ainda mais vivas por tudo estar voltado para o futuro: as palavras da infância 1ião eram apenas achados de uma identidade perdida, obliterada, ao menos, pela vida do exílio, que, por outro lado, a enriquecia; eram também abertura para um projeto, engajamento na aventura do futuro.

Foi em Buchenwald, em todo caso, entre os comunistas espanhóis de Buchenwald, que se forjou a ideia de mim mesmo que me levou, mais tarde, para a clandestinidade antifranquista. Compatriotas, portanto, eram os espanhóis com quem eu tinha um

encontro. Ligado a eles, novamente por um sentimento muito forte de pertencimento.

Ay que la muerte me espera
antes de llegar a Córdoba!
Córdoba
lejana y sola.

Reconheço a voz de Sebastián Manglano, meu companheiro de leito. É importante, talvez até mesmo vital, poder dividir com um companheiro de verdade o espaço da cama, previsto, originalmente e de modo sórdido, para um único deportado.

Aunque sepa los caminos
yo nunca llegaré a Córdoba...

No refeitório da ala esquerda, a Flügel C, no andar do prédio de cimento do bloco 40, acontecia, quando cheguei, um ensaio do espetáculo que estávamos preparando.

Espetáculo andaluz, não ouso dizer flamenco, pois não havia um verdadeiro praticante do canto profundo entre nós. Os atores improvisados tentavam memorizar seus textos. A voz de Sebastián tem um bom timbre, é grave e clara. Lógico, sua recitação não é perfeita. Ele não consegue tirar todo proveito possível da musicalidade ensurdecida, lancinante, da vogal "a" reiterada no texto poético. Mas não se deve exigir demais: ele é metalúrgico, não ator profissional. Fez parte, no entanto, quando ainda era um jovem combatente do 52 corpo do exército republicano, na frente do Ebro, de um grupo de teatro de agitação e propaganda marxista.

Em todo caso, recitando os versos de Lorca, Manglano consegue evitar a grandiloquência castelhana, tão natural a essa língua imperiosa, imperial, de uma rotundidade sonora triunfal, que é preciso saber modular, controlar. Às vezes penso que, abandonado a si mesmo, aos tropismos de sua retórica consubstancial, o castelhano se toma pelo idioma do Deus de todas as cruzadas!

Mas Sebastián Manglano recita !Arca com naturalidade, sem ênfase. *Ay que la muerte me espera, antes de llegar a Córdoba!* Seria possível realçar esse lamento desolado, criar toda uma história. Mas meu companheiro de leito fala com um tom simples e direto. "Ai de mim, antes de chegar a Córdoba, a morte me espera", algo parecido com isso!

Posso ficar satisfeito, em rodo caso. Nossos atores improvisados decoraram seus textos e suas falas.

Entre as tarefas que a organização clandestina do PC espanhol em Buchenwald me

confiou havia uma que poderia ser qualificada por um termo hoje bem tolo, talvez até mesmo ridículo, o de animador cultural.

Uma tarefa que não era muito fácil de ser realizada. Era praticamente impossível organizar conferências, conversas, em algumas noites, entre o fim da chamada e o toque de recolher. Ou no domingo à tarde. Não tínhamos nem palestrantes nem conferencistas possíveis.

A comunidade espanhola de Buchenwald, pouco numerosa, aliás, era, efetivamente, um reflexo adaptado da composição social do exílio comunista na França: pouquíssimos intelectuais e profissionais liberais, uma imensa maioria de proletários.

Não estou reclamando disso, entendam. Nas diversas clandestinidades de minha longa vida clandestina, sempre apreciei o contato com proletários, militantes operários.

Creio poder dizer, sem ilusão retrospectiva nem bazófia, que os militantes operários, também eles, gostavam de mim.

Dessa categoria de militantes que frequentei com proveito — aprendendo com esse contato as riquezas e os mistérios da fraternidade —, excluo os dirigentes do PCE.[6] A esmagadora maioria deles, ao menos, com algumas raras exceções. Não que não fossem de origem operária. Eram, não há dúvida! Tinham uma vaidade vã disso, prerrogativa ideológica e pretensão à infalibilidade. O pertencimento originário à classe tinha, neles, degenerado em operarismo, em sentimento de superioridade ontológica sobre os intelectuais militantes. Sem falar nos simples mortais.

Seja como for, não havia intelectuais na organização comunista espanhola de Buchenwald. Impossível, portanto, organizar conferências e conversas.

Só me restava a poesia. Então, passava longas horas noturnas — ou diurnas, no *Arbeitsstatistik*, quando não havia trabalho demais — transcrevendo os poemas espanhóis dos quais me lembrava. Eu tinha, na época, uma excelente memória e podia recitar centenas de versos de toda espécie, os mais diversos poetas, sonetos de Garcilaso ou de Quevedo, mas sobretudo versos de Lorca, de Alberti, de Machado, de Miguel Hernández. E por aí afora.

Foi em torno desses textos poéticos reconstituídos, reproduzidos, lidos em comum, decorados pelos mais dotados, que tínhamos montado dois ou três espetáculos.

O próximo seria andaluz. Não ouso dizer flamenco, repito, pois os puristas não me perdoariam.

Entretanto, mesmo sendo impossível inserir ali o canto onde chegávamos, graças aos textos de Lorca, a certas canções populares encontradas na memória de um ou de

outro, a fazer sentir a desesperança andaluza, o receio inspirado pela guarda civil nas comunidades de ciganos e de camponeses sem terra.

¡Oh pena de los gitanos!
Pena limpia y siempre sola.
¡Oh pena de cauce oculto
y madrugada remota!

Pronto: tinha voltado ao pais, à paisagem, à palavra de minha infância.

— Faça como de costume no domingo — havia dito Kaminsky, sarcástico —, divirta-se com seu professor e seus muçulmanos!

Eu acabara de sair do bloco 56, onde Maurice Halbwachs definhava.

Naquele dia, em minha visita semanal, eu tinha previsto interessálo, distraí-lo, ao menos, da lenta progressão pútrida de sua morte, lembrando-lhe seu ensaio *Les cadres sociaux de la mémoire*, que eu tinha lido dois anos antes, quando fazia seus cursos na Sorbonne.

Essa ideia me veio pela manhã, no momento em que Kaminsky e Nieto interromperam meu sonho — será que não foi o contrário? Não foram os socos repetidos de Kaminsky no encosto da cama que tinham feito cristalizar imagens-lembranças esparsas, disparatadas, em um sonho coerente, em torno dos barulhos de martelo sobre um caixão (e eu sabia que era o caixão de minha mãe que estava sendo fechado, mesmo que, simultaneamente, minha própria voz interior me dissesse no sonho que era impossível, que o caixão de minha mãe não tinha sido fechado na minha frente, diante de meus olhos; impossível, além do mais, que ele aparecesse na paisagem oceânica que me rodeava ao longo desse sonho desencadeado pelos socos de Kaminsky , mas, é claro, fechado longe de minha vista no apartamento da família da rua Alfonso XI, em Madri), não foram, antes, os socos de Kaminsky no encosto da cama que tinham, a um só tempo, feito surgir e interrompido um sonho ao qual eles davam uma forma de que eu poderia me lembrar?

Em todo caso, antes mesmo de Kaminsky pedir para me vestir (eles precisavam falar comigo), tive tempo de pensar que interrogaria Halbwachs mais tarde. Todo o início de seu livro tratava desses tipos de questões: o sonho, as imagens-lembranças, a linguagem e a memória.

Mas, naquele dia, Maurice Halbwachs não foi capaz de reagir às minhas questões, de participar de uma conversa. Estávamos no fim do mês de dezembro de 1944, ele só morreria semanas mais tarde, em meados de março de 1945, mas já tinha sucumbido a uma imobilidade sonolenta, ataráxica.

Ele só acordou duas vezes, de modo fugaz. A primeira, quando tomou consciência de minha presença perto dele, em pé, encostado no leito onde ele cochilava ao lado de Henri Maspero. Ele piscou, então, algo parecido com um sorriso se esboçou em seu rosto ceroso. "*Potlatch*!", exclamou baixinho. Era uma senha, um grito de contrassenha, um desafio à morte, ao esquecimento, ao esvaecimento do mundo. A primeira vez que eu o tinha visto em Buchenwald, no outono, eu lhe lembrara seu curso sobre o *potlatch*. E evocar a Sorbonne, o ano de 1942, seus cursos sobre a economia do *potlatch* o divertiu muito.

Hoje, moribundo, acolhendo-me com a palavra *potlatch*, quase inaudível, mas gritada, provavelmente, com todas as suas forças, ele queria não apenas mostrar que havia me reconhecido, mas lembrar também, com uma única palavra, toda sua vida de antes, o mundo do lado de fora, a realidade de sua profissão de sociólogo.

Pouco mais tarde, quando falávamos à sua volta, que, com os olhos fechados, parecia prestes a sair de seu corpo miserável, Halbwachs, de repente, fixou nossos rostos, procurando, provavelmente, os que lhe eram conhecidos, para colocar uma questão decisiva.

— Bastogne? — perguntou.

Tomando a palavra ao mesmo tempo, em uma espécie de coro desafinado mas fraterno, nós lhe dissemos que os americanos estavam resistindo, em Bastogne, sem ceder um milímetro de terreno.

"Podatch" e "Bastogne": duas palavras bastaram, lançadas a esmo, para que Halbwachs afirmasse, contra a morte que o devorava, contra o nada que já o investia, seu pertencimento à vida e ao mundo.

— Às seis horas no *Revier*! — havia dito Kaminsky.

Só meia-hora de espera. Eu acabara de sair do bloco 56 com Lenoir e Otto, que faziam parte, havia duas semanas, do círculo dominical em torno de Maurice Halbwachs. Havia corrido o boato, efetivamente, não sei como, entre os intelectuais de Buchenwald: domingo, no bloco 56, acontece um círculo em torno de um professor da Sorbonne, há discussões. Víamos chegar incessantemente rostos novos. Naquele domingo, em todo caso, meu último domingo, talvez, com meu verdadeiro nome, havia me encontrado ali com Lenoir. Ou Lebrun? De qualquer forma, não era seu verdadeiro nome. Era um judeu austríaco que não se chamava nem Lenoir nem Lebrun. Ele se chamava Kirschner, Félix Kirschner, se bem me lembro. Félix, disso estou certo. Do resto não tenho tanta certeza.

Preso na França com documentos falsos em nome de Lenoir ou Lebrun — um dos dois, com certeza: não era Leblanc, nem Leroux, nem Legris; tinha a ver com noir ou com brun —, foi com esse nome que a Gestapo o deportou, sem suspeitar que sob esse

nome francês banal escondia-se um judeu vienense.

Seja como for, Lenoir ou Lebrun — sou incapaz de decidir — apareceu no *Arbeitsstatistik* no outono de 1944.

Nunca soube se ele havia sido recrutado pela via política. Se fosse o caso, eu ignorava qual Partido Comunista ele representava: o partido francês ou o austríaco? Mas talvez ele tenha sido simplesmente recrutado segundo critérios de qualificação profissional, pois falava quase todas as línguas europeias.

Todas aquelas, ao menos, dos países que forneceram seu contingente de deportados ao império das SS.

Em todo caso, Lenoir — cara ou coroa: optei por Lenoir! — era um homem discreto e culto. Parecia ter um prazer extremo em conversar, independentemente do assunto abordado, e ele podia falar de todo tipo de assunto.

Eu tinha muitas perguntas a lhe fazer, quando nos encontrávamos na pausa do meio-dia ou à tarde, durante a chamada.

Alguns anos antes, com efeito, na rua Blaise-Desgoffe, na casa de Edouard-Auguste F. (já não falei, em algum momento, desse personagem, de sua magnífica biblioteca?), eu tinha lido Homem sem qualidades, de Robert Musil. Além disso, desde 1934, ano em que as milícias operárias haviam sido esmagadas nos dois países por governos reacionários da direita católica, que faziam assim a cama do fascismo, um destino histórico comparável, sombrio, parecia obstinar-se na Áustria e na Espanha.

Eu estava, portanto, curioso para ouvir esse universitário vienense, cidadão de uma república fragilizada pela herança perversa da antiga Cacania, de Musil, depois riscada do mapa por Hitler, não apenas sem disparar um tiro, mas ainda no entusiasmo masoquista de uma grande parte dos austríacos, em 1938, ano de todas as derrotas.

Pareceu-me, desde nossa primeira conversa, que eu não perderia tempo ouvindo-o falar de seu país.

Falou, efetivamente, de uma conferência de Edmund Husserl — nada menos! — à qual ele tinha assistido (ele, Lenoir, ou seja, Kirschner, mas me vem uma dúvida: não seria Kreischler?) e cujo conteúdo ele resumiu para mim.

Em 1935 — a conferência foi em maio —, Edmund Husserl já havia sido expulso da universidade alemã, salientava Lenoir, pois era judeu, e Martin Heidegger já havia retirado a dedicatória da primeira edição de *Ser e tempo*. Dedicatória de 1926 que não devia parecer mais oportuna, nem conveniente, para Heidegger, depois de 1933, sobretudo porque expressava sentimentos tão suspeitos quanto à "veneração" (*Verehrung*) e a "amizade" (*Freundschaft*) que um judeu como Husserl não podia, em

hipótese alguma, merecer publicamente!

Podemos ainda ler com proveito, sessenta e cinco anos depois, em nossa época de construção europeia, o texto da conferência que Husserl — Lenoir acreditava se lembrar — havia também dado em Praga, alguns meses depois de Viena.

O que Lenoir não podia dizer, pois ignorava ou não tinha guardado, se tivesse sabido no próprio momento, é que o jovem filósofo que tinha organizado a ida de Edmund Husserl à Praga chamava-se Jan Patoka.

Muito mais tarde, várias décadas mais tarde, quando se tornou porta-voz da Carta 77, Jan Patoka morreu em Praga de parada cardíaca, depois de um interrogatório da polícia do regime comunista. Interrogatório, sem dúvida, vigoroso demais, excessivo demais, brutal demais. No dia do enterro desse grande filósofo, escandalosamente desconhecido na França, a policia política checa ordenaria o fechamento de todas as floriculturas de Praga para evitar o afluxo de buquês levados para o túmulo de Patoka pelas mãos fiéis das mulheres e dos homens livres.

Mas Lenoir não podia me falar de Patoka, em Buchenwald, em 1944. Em compensação, eu podia lhe dizer que foi graças a Husserl — em parte, ao menos, não posso negar a mim mesmo algum mérito pessoal — que eu tinha obtido um segundo prêmio de filosofia no concurso geral de 1941.

Graças a Husserl e a Emmanuel Levinas, que me fez descobri-lo. Durante o ano de 1941, quando eu fazia um curso de filosofia, deparei-me, na biblioteca Sainte-Geneviève, com um artigo de Levinas na *Revue philosophique*, espécie de introdução à leitura de Husserl e de Heidegger, à teoria da fenomenologia, que nunca era tratada nos cursos de nosso professor do Henri-IV, um certo Bertrand, excelente pedagogo, mas um teórico medíocre, cheio de devoção idealista de uma tradição bem francesa, victor-cousiniana — entendem o que quero dizer!

Em todo caso, Bertrand soube me transmitir o gosto apaixonado pela filosofia; filosofias em geral, a não ser a dele, inconsistente.

Era a época, lembrarei, em que Le Senne e Lavelle eram figuras filosóficas conhecidas da universidade. Jean-Paul Sartre, para nós, era apenas o romancista de A náusea, e o ensaio fundamental de Merleau-Ponty, A estrutura do comportamento, ainda não tinha sido publicado.

Emmanuel Levinas me fez, portanto, descobrir Husserl e Heidegger, ao longo do inverno de 1940-1941. Li tudo o que era acessível desses autores e tudo o que se tinha escrito sobre eles: pouca coisa! Havia, contudo, Ser e tempo, que li naquele inverno, tendo-o adquirido depois de longas hesitações, pois para tanto tive de entrar na livraria alemã do boulevard Saint-Michel, que eu tinha jurado a mim mesmo nunca frequentar.

Assim, quando me sentei, no dia 13 de maio de 1941, em uma sala do centro de exames da rua do Abée-de-l'Épée, para a redação em filosofia do concurso geral dos ginásios e colégios, e dei-me conta do assunto, cujo enunciado literal apagou-se de minha memória, mas que tratava dos problemas do conhecimento intuitivo, recorri a tudo o que tinha aprendido em Husserl sobre o assunto.

Bertrand, meu professor, ficou dividido: feliz de ver um de seus alunos destacado por um prêmio do concurso geral; pesaroso por constatar que eu tinha baseado minha reflexão nas teorias de um filósofo que perturbava seu conforto idealista.

— Não morra! — ela dissera na soleira da porta, com a voz quase baixa.

Com um gesto furtivo, mas terno, ela tocou meu rosto.

Tínhamos passado a noite juntos na rua Visconti, surpreendidos pelo toque de recolher. Era a primeira vez, entretanto, que nossos corpos se tocavam: sua mão, meu rosto, castamente.

Tive um sobressalto. Morrer? Nem pensar. Naquela primavera de 1943, estava certo de que era imortal. Invulnerável, ao menos. Por que ela estava me dizendo aquilo?

Que fraqueza, de repente?

Júlia era seu nome de guerra, assegurava meu último encontro com a MOI, a organização comunista para os estrangeiros na França. Ali me encontrei com Bruno, com Koba. Com Júlia, nos últimos tempos. Mas a decisão estava tomada: eu ia trabalhar com Jean-Marie Action, uma rede Buckmaster. Ali teria armas e eu precisava trocar as armas do discurso pelo discurso das armas.

Se recorro a essa fórmula marxista, é para que imaginem como eu era aos dezenove anos: a exigência, a ilusão, a febre, a vontade de viver.

(Morrer? Mas do que Júlia estava falando? Eu era invulnerável!) As armas: os paraquedismos, os maquis de Bourgne, Jean-Marie Action. Eu me juntaria à rede com o consentimento das pessoas da MOI. Mas era preciso cortar os laços, por razões de segurança; cada um no seu canto, nada de proliferação, funesta em caso de prisão!

Não sei mais por que, provavelmente porque tudo estava dito, porque era o último encontro, porque nossos caminhos iam se separar, provavelmente por causa de tudo isso ao mesmo tempo, Júlia começou a fazer confidências.

Nada de preciso, claro, nada de realmente intimo. Alusões a acontecimentos, comentários sobre livros que permitiam adivinhar, reconstruir fragmentos de uma biografia: austríaca, eu já sabia que ela era; vienense; provavelmente judia. Ao que parecia, tinha começado a trabalhar bem jovem — quando a conheci, Júlia devia ter uns trinta anos — no aparelho do Komintern.

Pude verificar a que ponto sua formação teórica era sólida, mas ignorava seu gosto

pela literatura. Pela poesia, em particular. Ela me falou de Bertold Brecht, naquela noite, do qual eu não sabia nada, ou quase nada.

Recitou para mim poemas de Brecht. Alguns versos ficaram em minha memória para sempre.

Recitei poemas de Rafael Alberti, traduzindo-os para ela. Ela gostou, sobretudo, de ouvidos em espanhol, pela sonoridade, pela música da língua.

De poema em poema, de descoberta em descoberta, de repente já era tarde demais: a hora do toque de recolher tinha passado. Tentei, no entanto, sair da rua Visconti, chegar a meu alojamento na época, passando rente aos muros. Não adiantou: na rua Bonaparte, os apitos dos vigias começaram a perfurar o silêncio da noite.

Bati em retirada bem depressa. Antes dessa partida precipitada, tivemos tempo de acertar um conflito pessoal. Júlia queria, efetivamente, que eu lhe devolvesse um livro que ela tinha me emprestado. Ou melhor, que ela tinha conseguido que me emprestassem. Nos últimos tempos, tinha tido a possibilidade, uma vez por semana, em um certo dia, em certa hora, de ir a um apartamento burguês do sétimo distrito. Uma senhora de uma certa idade abria a porta, precisava de uma senha. Ela me levava até uma porta escondida atrás de uma pesada tapeçaria, uma porta que dava para um cômodo abarrotado de livros.

Era a biblioteca de Ali Babá, e continha todas as obras marxistas publicadas na época. Em alemão, exclusivamente. Foi assim que pude progredir no conhecimento das obras filosóficas de Marx, ler também um certo número de textos polêmicos ou teóricos de autores que se tornaram, desde então, míticos ou infestados. Na maioria das vezes, os dois, ao mesmo tempo.

De todos esses livros, o que mais me impressionou foi o de Lukács, História e consciência de classe: um verdadeiro amor a primeira vista.

Havia dois exemplares da edição Malik na biblioteca clandestina da rua Las Cases. O que peguei emprestado era, precisamente, o objeto de litígio entre Júlia e eu. Ela queria que eu o devolvesse, no momento em que cortasse todo contato entre nós. Eu achava que ainda precisava dele para minha formação marxista.

Ela me dizia que o ensaio de Lukács tinha sido duramente criticado pelas instâncias teóricas do Komintern, que era melhor não usar um livro tão sulfuroso para minha formação teórica. Eu replicava que se Lukács era sulfuroso, era preciso retirar o livro com urgência da biblioteca de empréstimo clandestino, para não contaminar outros leitores. Na minha casa, *Geschichte und Klassenbewusstsein* ficaria inacessível às almas fracas!

Ela me chamou de sofista, mas não pôde deixar de sorrir. Em um momento dessa discussão — cansada de guerra, Júlia aceitaria, finalmente, que eu ficasse com o

exemplar do ensaio de Lukács; ele desapareceu na tormenta desses anos, com toda minha biblioteca de juventude da rua Blainville! —, já não sei mais por que, eu tinha lhe falado de meu prêmio de filosofia no concurso geral. Talvez para convencê-la de meu direito moral de conservar o livro.

Ela quis saber tudo desse prêmio.

Tenho sob os olhos uma cópia de minha redação de maio de 1941.

Há alguns anos, efetivamente, o Ministério da Educação nacional, que pretendia fazer uma cerimônia solene por ocasião do aniversário da criação do dito concurso geral — centenário? cem cinquentenário? já não sei —, mandou-me o texto de minha dissertação. Como a comemoração foi anulada, por um motivo que me escapa, talvez simplesmente porque o titular da pasta da Educação nacional tinha mudado no meio tempo, eu me esqueci porque tinha recebido essa cópia, o que esperavam de mim naquela ocasião frustrada.

Seja como for, eu tinha relido minha redação. Tudo nesse texto me desanimava, me desconcertava. Eu não reconhecia o garoto de dezessete anos que tinha sido e que o tinha escrito. Não me identificava com ele. Não reconhecia minha escritura, nem o estilo de meu pensamento, nem o método de abordagem filosófica.

O que me surpreendeu, sobretudo, se me permitem um breve instante de autossatisfação, era o fato de não haver uma única citação em meu texto: todas as referências filosóficas, aliás, bem fáceis de ser decifradas, estavam interiorizadas, integradas em meu próprio discurso. Com dezessete anos — os professores que corrigem cópias de filosofia ao longo do ano bem sabem — tem-se mais tendência a encher de citações, de referências nominativas, as dissertações que escrevemos. As citações são escoras de um pensamento ainda incerto.

Fiquei admirado por esse não ser o meu caso. Apesar de todas essas qualidades, eu não me reconhecia naquelas páginas. Era um outro, diferente de mim, que se expressava: um outro eu; eu mesmo como outro; e isso provocava minha curiosidade.

Aliás, estava convencido que teria tido uma sensação de estranheza análoga se tivesse podido reler minha cópia em 1943, quando falei dela para Júlia.

Havia ocorrido em minha vida, efetivamente, entre essas duas datas, 1941 e 1943, um acontecimento considerável: eu tinha descoberto as obras filosóficas de Karl Marx. Tinha sentido passar sobre todas as minhas ideias, sobre minha maneira de estar no mundo, o sopro abalador do Manifesto do partido comunista, verdadeiro furacão.

Não sei como fazer um rapaz de hoje compreender — tampouco se é possível, ainda menos se é útil, a um garoto de dezessete anos que estivesse cursando filosofia no final do segundo grau —, agora, que o comunismo não passa de uma má lembrança, no máximo, um objeto de pesquisa arqueológica, como fazê-lo sentir, com

toda sua alma, com todo seu corpo, o que fora para uma geração que estava nos seus vinte anos, na época da batalha de Stalingrado, a descoberta de Marx.

Que tornado, que chance dada ao espírito de invenção e de responsabilidade, que inversão de todos os valores, quando nos deparávamos com Marx depois de ter lido (um pouco) Nietzsche, Zaratustra, O nascimento da tragédia e Genealogia da moral... Merda, que envelhecida! Que alegria de viver, de arriscar, de cortar as amarras, de cantar na noite frases do *Manifesto*!

Não, sem dúvida, é impossível! Esqueçamos, terminemos o trabalho de luto, vamos nos afastar de Marx enterrado pelos marxistas em uma mortalha sangrenta ou em uma traição permanente. Impossível comunicar o sentido e o saber, o sabor e o fogo dessa descoberta de Marx, aos dezessete anos, na Paris da ocupação, época insensata, em que íamos aos bandos ver As moscas, de Sartre, escutar essa chamada para a liberdade do herói trágico, em que, depois de ler todos os livros, florescia, repentinamente, em nossas almas, a necessidade de pegar em armas.

---

[6] Sigla do Partido Comunista da Espanha. (N. da T.)

10

Ao amanhecer, na rua Visconti, assim que o toque de recolher acabou, depois daquela noite de conversa, estávamos na soleira da porta. — Não morra — dissera Júlia.; Sua mão direita tocara levemente meu rosto. '"[Tive um sobressalto: do que ela estava falando? Era absurdo. Como ela podia imaginar que eu era mortal?

— Não morra, por favor — ela insistia. Em Buchenwald, lembrei-me de Júlia enquanto falava com Lenoir. Falávamos de Lukács e eu me lembrei de Júlia. Era sempre por causa de Lukács que a lembrança de Júlia voltava. Quando publiquei meu primeiro livro, Le grand voyage, o velho Lukács o leu em alemão, falou dele. Publicou comentários. A partir daquele momento, em meados dos anos 60, ele me enviava regularmente estudantes de Budapeste, garotos e garotas.

Batiam à minha porta, um jovem desconhecido estava no corredor. Ou uma desconhecida. Eu logo reconhecia o olhar desses jovens desconhecidos, garotos ou garotas.

Aquele olhar lúcido, desesperado, fraterno. O olhar do leste, da outra Europa, abandonada à barbárie. Costlich der Hoffnung, ao leste da esperança.

Todos traziam uma mensagem de Lukács, uma conversa podia começar, uma aventura da amizade.

Mas eu me lembrava de Júlia, de sua mão em meu rosto, do alento de sua voz, outrora. — Talvez Deus esteja simplesmente esgotado — acaba de dizer Lenoir — e não tenha mais forças. Retirou-se da História, ou a História se retirou Dele. Seu silêncio não seria a prova de Sua inexistência, mas a de Sua fraqueza, de Sua impotência...

Todos os três, Lenoir, Otto e eu, tínhamos nos refugiado no barracão das latrinas coletivas. Uma borrasca de neve nos açoitou subitamente, tirando-nos o fôlego, quando voltávamos do bloco 56 de Maurice Halbwachs para o Grande Campo.

Otto, terceiro ladrão de nossas conversas, era um "triângulo violeta", um Bibelforscher, uma testemunha de Jeová. Ele aparecera em nosso círculo dominical duas semanas antes. Quem lhe falara de. nossos conciliábulos? Nunca soubemos. Mas ele nos cativou de cara, com seu rigor, uma espécie de radicalidade do pensamento.

Desde seu primeiro aparecimento, ele interrompeu um de nós, que falava de um assunto insignificante:

— Escutem — disse-nos —, não tiramos alguns instantes do domingo de nossa necessidade de sono, de nossa fome permanente, da angústia do dia seguinte, para

dizer banalidades! Se for isso, é melhor voltarmos para nossos blocos depois da chamada do meio-dia e da sopa de massas para tentar dormir algumas horas a mais. Aliás, o sono é alimento...

Dissera as três últimas palavras em francês, voltado para Lenoir, que ele podia adivinhar que era vienense, judeu, já que tinha um "F" impresso sobre seu triângulo vermelho.

Lenoir teve uma reação curiosa, difícil de se compreender. Disse rapidamente uma série de provérbios.

— Efetivamente, o sono é alimento — exclamou ele. — Tanto vai o cântaro à fonte que um dia vem quebrado. Onde entra o sol não entra o médico. Mulher, vento e ventura, a qualquer hora muda...

Nós o olhávamos consternados. Mas Otto, a testemunha de Jeová, não tinha a intenção de deixar por tão pouco que a atenção de seu propósito fosse desviada.

— Há um assunto, e um único assunto, que merece que façamos o sacrifício de algumas horas de sono!

Conseguira atrair, talvez até mesmo cativar, nossa atenção. — É o da experiência do Mal! Ela domina todas as nossas experiências em Buchenwald... Até mesmo a da morte que, no entanto, é crucial...

Acontece que o ensaio de Kant, A religião nos limites da simples razão, que acabava de ser traduzido, em 1943, tinha sido uma de minhas últimas leituras. A Gestapo deve ter encontrado um exemplar dele no quarto que eu às vezes ocupava na casa de Irène Rossel, em Épizy, periferia de Joigny. O livro de Kant e A esperança, de Malraux. — Das radikal Bõse, a experiência do Mal radical, por que não? — disse a Otto.

Ele olha para mim, jubila. — É isso, é isso! Você era estudante de filosofia? Philosophiestudent, isso me lembra alguma coisa. Claro: a frase de Seifert, quando ele me recebeu pela primeira vez no *Arbeitsstatistik*, em sua saleta pessoal. "É a primeira vez que vejo um estudante de filosofia aqui", ele me dissera. "Habitualmente, os colegas que me enviam são proletários! (Die Kumpel, die zu mir geschickt werden, sind Proleten)."

Mas Otto não pensava que precisássemos nos ater a Kant. Na investigação do Mal radical, pensava que precisávamos levar também em conta Schelling, suas Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana.

— Achei um exemplar em nossa "grande" biblioteca — acrescentei. Meu exemplar desapareceu no desastre da rua Blainville, com todos os meus outros livros.

Era um volume das edições Rieder, publicado por volta de meados dos anos de 1920. A tradução do texto de Schelling era de Georges Politzer e a introdução, de

Henri Lefebvre.

Foi por causa do tradutor e do autor da introdução, aliás, que o ensaio de Schelling tinha chegado às minhas mãos. Um colega do ginásio Henri IV — tínhamos estado juntos na manifestação do dia 11 de novembro de 1940, nos Champs-Élysées; juntos tínhamos conseguido escapar das batidas da policia parisiense e do batalhão da Wehrmacht que o estado-maior nazista enviara para limpar o bairro —, um colega de filosofia, que não era da Filosofia 2, como eu, com Bertrand, mas de Filosofia, com René Maublanc, professor marxista, podemos nos lembrar dele e nos felicitar, tinha me aconselhado a leitura de Schelling, por causa de Politzer e de Lefebvre, precisamente. Em suma, eu tinha lido o ensaio de Schelling, tinha na lembrança uma evidente fulgurância teórica, um núcleo duro de ideias inovadoras, sob a aparência de uma linguagem obscura, quase mística.

Alguns dias depois dessa conversa dominical, ao lado do leito de Maurice Halbwachs, Otto veio me encontrar no *Arbeitsstatistik*, durante a pausa do meio-dia.

Eu estava na sala dos fundos, lendo os jornais. Estava encarregado de fazer um resumo da imprensa nazista para a *troïka* de direção do Partido espanhol: um exemplar único e manuscrito, que Nieto dava para Falco e para Hernández lerem, nomes falsos reais de Lucas e de Celada.

Estava escolhendo os artigos mais significativos do diário Volksicher Beobachter e do hebdomadário Das Reich, que eu resumia, ou de onde citava trechos, traduzidos, é claro.

Naquele dia, não tinha mais nada para comer, não estava comendo. Em compensação, tinha um cigarro. Estava fumando, portanto, metade de um cigarro de tabaco oriental — foi Seifert, provavelmente, quem me deu de presente — e bebendo um copo da bebida quente obrigatória de Buchenwald.

A porta se abriu, Walter entrou. Ele precedia Otto. — Uma visita para você — disse Walter e foi logo embora. Otto estava com um livro na mão, o famoso ensaio de Schelling. Começou a me falar dele, a mostrar os trechos que tinha escolhido para mim.

Meiners, o "triângulo preto", observava-nos. Estávamos de costas um para o outro, é claro, até então, como de costume. Mas ele trocou de lugar para nos observar, com o olho exorbitado de surpresa indignada.

Otto, efetivamente, salientando com o dedo o trecho escolhido, no volume aberto diante de nós, lia para mim em voz alta passagens de Schelling. Fazia questão de me provar que a concepção do Mal deste último era bem mais rica, mais substancial do que a de Kant.

Qual é a relação de Deus como ser moral com o Mal, cuja possibilidade e

efetividade dependem da autorrevelação? Se Ele quis esta, quis também o Mal, e como conciliar esse querer com a santidade e a suprema perfeição que Nele estão, ou ainda, para usar a expressão corrente, como justificar Deus do Mal?

Era, efetivamente, uma questão pertinente que todas as teologias, a tomista, em particular, pretenderam esquivar ou ocultar, preservando Deus, afastando-o para sempre da linha do Mal.

Eu escutava Otto comentar o sentido profundo desse trecho e via o olho de Meiners, seu ricto de ódio.

Otto prosseguia sua leitura. Deus não cria obstáculo a essa vontade do fundo e não a suprime. Seria, com efeito, exatamente como se Deus suprimisse a condição de Sua existência, ou seja, Sua própria personalidade. Portanto, para que o Mal não existisse, seria preciso que o próprio Deus não existisse...

Nesse momento preciso, Meiners reagiu. Resmungou palavras incompreensíveis, mas certamente desagradáveis.

Eu me dirigi a ele. — *Was murmelst du? Otto ist doch ein Reichsdeutscher*! O que você está resmungando? — eu lhe disse. — Otto é um alemão do Reich!

Mais uma vez, isso o ofendeu. Meiners saiu, gritando grosserias entredentes. Otto não se surpreendeu, nem questionou.

— Babaca — ele disse. — Eu o conheço. Espero que seja julgado. Ele não vale nem sequer o preço do chumbo de seis balas na pança!

A leitura assídua da Bíblia não proibia, visivelmente, os juízos categóricos!

Um pouco mais tarde, Otto leu para mim outra frase de Schelling, que ficou em minha memória, literalmente. Daquelas que acabo de citar, em compensação, eu só tinha guardado o sentido geral. Foi preciso eu reconstituir sua literalidade procurando em um volume das obras metafísicas de Schelling, publicado outrora em uma coleção de filosofia prestigiosa, e em uma tradução mais recente que a de Politzer.

Seja como for, Otto, outrora, na sala dos fundos do *Arbeit*, acabava de me expor uma noção crucial de Schelling, segundo a qual em parte alguma a ordem e a forma representam algo originário: é uma irregularidade inicial que constitui o fundo cosmológico e existencial.

E concluindo pela fórmula que me tocou no mais íntimo, a ponto de eu a guardar para sempre: Sem essa obscuridade prévia, a criatura não teria realidade alguma: as trevas necessariamente lhe cabem...

Não apenas as trevas do sofrimento, pura passividade, eu pensava; também as trevas do Mal, pulsão ativa da liberdade originária do homem.

Foi assim que Deus fez sua irrupção em nossas conversas em tomo do leito de

Maurice Halbwachs. Era o mínimo: domingo, dia da sopa com massas e do breve lazer miraculoso, dia do Senhor.

— Talvez Deus esteja esgotado, exaurido, talvez não tenha mais forças. Seu silêncio seria um sinal de sua fraqueza, não de sua ausência, de sua falta de existir — acaba de lançar Lenoir, judeu vienense, em resposta a uma questão de Otto.

Nós três, Lenoir, Otto e eu, tínhamos entrado no barracão das latrinas coletivas ao sair do bloco 56. Eram cinco e meia, anoitecia. Logo eu saberia que morto iria, em último caso, ficar com meu nome para que eu ficasse com sua vida.

Tínhamos ido, para nos aquecer, até o meio do barracão, no vapor pestilento e quente. Acho que nenhum de nós estava realmente prestando atenção no espetáculo habitual dos deportados sem calças, sentados sobre a viga de apoio, defecando, dezenas deles. Falávamos do silêncio de Deus, de sua fraqueza fingida ou real, e o barulho, no entanto próximo e repugnante, das vísceras atormentadas pela diarreia não nos atingia, ou muito pouco.

Eu não tinha inquietude metafísica sobre o silêncio de Deus. O que havia de surpreendente, com efeito, no silêncio de Deus? Quando Ele falara? Por ocasião de que massacre passado Ele tinha deixado ouvir Sua voz? Que conquistador, que chefe de guerra cruel Ele um dia condenara? Se não quiséssemos tratar os escritos bíblicos como fábulas, se quiséssemos lhes atribuir alguma realidade histórica, ficava claro que Deus não tinha mais falado, na história da humanidade, desde o monte Sinai.

O que há de surpreendente, portanto, no fato de Ele continuar em silêncio? Por que se espantar, se indignar ou se angustiar com um silêncio tão habitual, tão enraizado na História, constitutivo, talvez, até mesmo de nossa história, a partir do momento em que ela — a História — deixou de ser santa?

O que estava em questão, eu dizia aos outros dois, não era o silêncio de Deus, e sim o dos homens. Sobre o nazismo, por exemplo, Mal absoluto. Silêncio dos homens, longo demais, receoso demais.

Mas nossa conversa foi abruptamente interrompida. De repente um deportado atravessou o barracão, tropeçando em suas galochas com sola de madeira, correndo em direção à fossa. A urgência de sua necessidade era tanta que ele tirava as calças enquanto continuava a corrida saltitante.

Ele não teve tempo de chegar à fossa. Antes de conseguir se virar para se arriar com a bunda sobre a viga de apoio, um jato de líquido nauseabundo e viscoso jorrou de suas entranhas, sujando as roupas de um grupo sentado bem perto, em círculo, três ou quatro deportados dividindo uma guimba.

Urros de indignação e de nojo; insultos sanguinários; pancadaria imediata no culpado involuntário, que acabou sendo jogado na fossa, rolando na merda.

Logo a briga se generalizou. Como o pobre cagão era francês e o grupo de tranquilos fumantes de machorka era polonês, o enfrentamento tornou-se étnico.

Todos os franceses do barracão se precipitaram, coxeando, mancando, resfolegando, em socorro de seu compatriota, para tirá-lo da fossa e punir os poloneses, que, por sua vez, se reagruparam, aproveitando a ocasião para se vingar dos franceses, em geral bem desprezados em Buchenwald pelos deportados da Europa central e do leste, por causa de sua amarga derrota de 1940 diante do exército alemão. Já estaríamos livres se esses franceses miseráveis não tivessem sido esmagados: era esse o sentimento geral na Mitteleuropa.

A chegada de um grupo de jovens russos sólidos do *Stubendienst* dos blocos do Pequeno Campo pós fim à desordem, cada um voltando imediatamente à sua ocupação dominical habitual, na lama malcheirosa de "banho público", de "aguadouro militar".

— Diga a esse "velho crente" para se afastar por um instante... Preciso falar com você sozinho!

Nikolaï, o *Stubendienst* do bloco 56, está diante de nós. Otto e eu estamos na entrada do barracão das latrinas. Na confusão e no tumulto, Lenoir caiu fora: não tinha a menor vontade de tomar partido na briga entre poloneses e franceses. O "F" preto sobre seu triângulo vermelho podia levá-lo a isso: teria sido o cúmulo para um judeu vienense! Nikolaï apontava um dedo para Otto, a testemunha de Jeová. Tinha falado em alemão, como de costume. Mas tinha dito *raskolnik* para "velho crente". Traduzo do russo, para a comodidade do leitor. Estávamos na entrada das latrinas: dentro de alguns minutos, eu ia me dirigir para o *Revier*, para encontrar Kaminsky. Para conhecer enfim o morto cujo lugar talvez eu fosse tomar. E quem, nesse caso, por sua vez, tomaria o meu.

Nikolaï apareceu, sempre impecável: botas brilhantes, apesar da lama de neve; calças de cavaleiro; boné de oficial soviético sobre a cabeça. Eu tinha notado sua presença na equipe de jovens russos que viera pôr ordem com uma eficácia brutal.

Otto faz um gesto.

— Vou deixá-los — ele diz. Depois, dirigindo-se a Nikolaï: — *Raskolnik* não é, com certeza, a melhor tradução para *Bibelforscher*!

— Não é tão ruim, já que me compreendeu!

Otto se afasta na noite.

— Então? — digo a Nikolaï. — Seja breve, estou com pressa!

— Encontro amoroso?

Ele me faz rir.

— Talvez — respondo —, de um certo ponto de vista!

Versos espanhóis me vêm à memória. Versos de Antonio Machado sobre o assassinato de Lorca. A morte, moça cortejada. Ou então, que o corteja. Morte cortesã, por que não?

— A propósito — continua Nikolaï —, se tiver vontade de enrabar um garoto, pode me falar!

— Álcool, botas de couro, garotos: a casa fornece tudo!

Ele balança a cabeça, afirmativamente.

— Cerveja, margarina, estampas obscenas, cu, é isso! — continua ele. Seu olhar se fixa, endurece. — Dinheiro também. Divisas, é claro!

Ele disse *valuta*, a palavra russa apropriada. Que é, aliás, um germanismo.

— Até mesmo dólares?

— Precisa de dólares, pois são os americanos que vão ganhar a guerra!

Ele xinga, manda alguém foder sua mãe. Temo ser eu. Decido não ficar ofendido.

Ele zomba: dentes bem brancos, carniceiros.

— Dólares, justamente!

Sua mão direita segura o avesso de meu capote azul. É possível interpretar esse gesto com uma ameaça ou um aviso.

— Queríamos que mandasse uma mensagem ao Acordeonista...

A passagem do "eu" ao "nós" é significativa. Segunda mensagem. Ele não está sozinho; é um grupo, um bando, uma gangue. Um poder, em suma.

— Diga lá.

O Acordeonista é o acordeonista: só há um, em Buchenwald. Um único que, ao menos, pratica sua arte, um francês. Ele vai de um bloco a outro, antes do toque de recolher. Sobretudo domingo à tarde. Toca: pequenos recitais em troca de um pedaço de pão, um pouco de sopa, de margarina. Muitos chefes de bloco o aceitam: isso relaxa os deportados, ameniza sua aflição. O acordeão é um sucedâneo gratuito do ópio do povo.

Quando ainda estávamos em quarentena, no 62, Yves Darriet me apresentou ao acordeonista.

— Dólares, ele tem, justamente, escondidos — conta Nikolaï. — Fomos nós que recuperamos seu instrumento na *Effektenkammer*. Se ele quiser continuar tocando, ganhando seu pão com o acordeão, deve nos pagar a quantia combinada. Que ele não tente nos passar a perna. Último aviso antes de esmagarmos seus dedos, um por um, um por dia! — Por que eu? — Por que você o quê? Eu explico: — Por que você me escolheu... Ele me interrompe. — Nós te escolhemos! Porque você o conhece desde a quarentena, porque ele sabe — nós também — que você não tem interesse algum nesse negócio, é imparcial. E, além disso, você é um *Prominent*, Seifert vai com a sua

cara, nós sabemos, inspira confiança!

Eu poderia ficar lisonjeado, disse a mim mesmo. Mas isso me chateia. Mas talvez Kaminsky vá me tirar dessa, se for obrigado a me fazer desaparecer.

— Não quero me chatear com um negócio podre — digo. — Dê-me dois dias para te responder.

— Dois dias, significa o quê?

— Significam quarenta e oito horas. Estamos no domingo, na terça você terá minha resposta. Deixe-o em paz até lá.

Ele balança a cabeça, aceita.

— Até lá, estaremos de olho nele. Que ele não tente esconder seus dólares em outro lugar: não vamos perdê-lo de vista!

Imagino que seus dólares, se dólares há — mas com certeza ele tem —, estejam escondidos no próprio instrumento, o acordeão, que não o deixou após prisões e viagens.

Mas não é problema meu. Nikolaï vai embora, voltando logo em minha direção.

— O seu professor não abre mais os olhos!

— Não — respondo —, mas ele vê. Ele vê claramente sem abrir os olhos.

Ele não compreende, não faz mal.

— Chame seu *raskolnik* — ele me diz —, mas nem uma palavra!

Desaparece na noite.

— Notou o boné dele? — Otto me pergunta, alguns instantes mais tarde.

Ele veio até mim. É hora de eu ir para o *Revier*. — Um boné do NKVD, sim! Nikolaï está todo prosa com ele. Um boné de oficial das unidades especiais da polícia...

— Assim — interrompeu-me Otto —, sem trocar de boné, ele poderia mudar de status: em vez de ser deportado para um campo nazista, ele poderia ser um guarda em um campo soviético.

Sinto um frio glacial envolver meus ombros.

— O que você quer dizer, Otto?

— O que estou dizendo: que há campos na URSS...

Eu o encaro.

— Eu sei... Escritores falaram disso... Gorki falou disso, a propósito da construção do canal do mar Branco. Criminosos de direito comum vão para os campos, trabalhar ali utilmente, em vez mofar de modo babaca na prisão. Campos de reeducação pelo trabalho...

Otto sorri.

— É isso... *Umschulung*... É a mania dos ditadores, a reeducação! Mas não quero

discutir com você: você está decidido a não me ouvir. Posso te apresentar a um deportado russo, um cara notável. Um *raskolnik*, realmente, um "velho crente". Uma testemunha, não apenas do Cristo... Ele te contará sobre a Sibéria!

— Eu conheço a Sibéria — digo-lhe com raiva. — Li Tolstoi, Dostoievski... — Era a prisão tzarista...

— Meu *raskolnik* te falará sobre as prisões soviéticas!

Não tenho nem um minuto a mais a perder: Kaminsky ficará furioso se eu chegar atrasado.

— Escute — digo-lhe —, tenho um encontro importante, agora, no *Revier*... Domingo que vem você me conta tudo isso!

Otto vai embora, levantando a gola de seu capote, encolhendo a cabeça entre os ombros, para se proteger do vento glacial.

No domingo seguinte, ele me espera perto do leito de Maurice Halbwachs.

— Então? — pergunto-lhe. — Quando vou ver seu *raskolnik*?

Ele não parece estar muito bem. Evita meu olhar.

— Ele não quer — ele me diz depois de uma longa hesitação. Espero o resto, que demora a vir. — Ele não vai falar com um comunista espanhol — diz com uma voz apressada. Esforça-se para sorrir. — Não falará nem mesmo com um jovem comunista espanhol!

— Que babaquice é essa?

— Você nunca vai querer saber a verdade. E, além disso, você pode falar sobre isso com seus colegas alemães, que aqui têm direito de morte. Quando ele soube que você trabalhava no *Arbeitsstatistik*, ele recusou categoricamente.

Fico um pouco desamparado, com raiva.

— Você não disse que estava enganado, não o tranquilizou? O que disse a ele?

Ele balança a cabeça, coloca uma das mãos sobre meu ombro.

— Que você não acreditaria nele, provavelmente. Mas guardaria isso para você, não falaria com ninguém!

Tento me vingar.

— Testemunha engraçada, seu *raskolnik*! Não muito corajosa...

— Ele previu sua reação — me diz Otto. — Não é uma questão de coragem, ele me pediu para te dizer. Mas que é inútil falar com quem não quer escutar, nem pode ouvir. Um dia chegará sua vez, ele tem certeza.

Estamos em pé, silenciosos agora, encostados no leito de Maurice Halbwachs.

É verdade que eu não ia querer ouvir o *raskolnik*, não ia poder escutá-lo. Para ser realmente sincero, creio que fiquei aliviado, de certo modo, com a recusa do "velho crente". Seu silêncio permitia que eu me sentisse confortável com minha surdez

voluntária.

Segunda parte

11

Schün war die Zeit da wir uns so geliebt...

Escorrego na neve do caminho. Talvez de surpresa ou de perplexidade. Haveria com o que se surpreender, em todo caso.

A voz de Zarah Leander me pega de surpresa enquanto corro para o pequeno bosque onde ficam os barracões do *Revier*. Ela cai sobre mim, quente, cativante, sombria; me envolve como a ternura de um braço sobre o ombro, a tepidez de uma echarpe de seda macia. Parece se dirigir unicamente a mim, sussurrando em meu ouvido palavras de amor, "*heureux le temps où nous nous aimions tant*,[7] de uma banalidade pungente, de uma universal vacuidade nostálgica.

Na realidade, é o circuito dos alto-falantes destinados a transmitir em alto e bom tom as ordens das SS, que difunde no campo inteiro a voz metálica de Zarah Leander.

É possível ouvi-la nos dormitórios, nos refeitórios, nas saletas dos chefes de bloco e dos kapos, nos escritórios dos comandos internos de manutenção e também na praça da chamada.

Em toda parte, até no menor canto de Buchenwald. Apenas o barracão das latrinas do Pequeno Campo, único prédio que não está ligado ao sistema de alto-falantes, escapa ao poder das SS.

Lá em cima, na torre de controle que fica acima da entrada monumental do campo, o *Rapportführer* lançou a esmo essa voz tonitruante que, no entanto, só se dirige à nossa intimidade, à nossa solidão.

Recobro meu equilíbrio, meu ânimo. Quando a voz me surpreendeu, essa voz que me fala no ouvido enquanto se difunde por toda a colina do Ettersberg, eu estava chegando no limiar do pequeno bosque que rodeia os barracões da enfermaria, o *Revier*, um grande hall para múltiplos usos: tanto sala de cinema, *Kino*, em último caso, como lugar de reunião dos deportados designados para um transporte ou uma operação maciça qualquer, corveja geral ou vacinação, por exemplo.

Nessa noite, ando a passos largos rumo à enfermaria. Tenho um encontro com Kaminsky; com o morto certo para mim, também.

— Espero que esse filho da puta de suboficial da SS coloque Zarah Leander para nós, como em todos os domingos! — exclamara Sebastián Manglano, havia pouco tempo.

No refeitório do bloco 40, o ensaio continuava. Mas nós dois tínhamos nos afastado. Fumávamos uma guimba de *machorka*. Uma tragada para cada um, com

uma exigência minuciosa de igualdade. Nada de roubo, a questão era muito importante. Por mais que fôssemos colegas, na vida e na morte, cada um de nós vigiava a progressão do círculo de brasa avermelhada sobre o fino cilindro do cigarro. Nada de permitir ao outro uma aspiração prolongada demais!

Ay que trabajo me mesta quererte como te quiero!

São ainda as palavras de Lorca que ouvimos no refeitório, mas já não é Manglano quem recita.

Ninguém recita, aliás: cantam, são cantadas. O poema de Lorca está tão próximo da copla popular andaluza por seu ritmo interno, seu fraseado musical latente, que fica fácil fazer uma versão cantada.

Mas não é Manglano quem canta. É Paquito, um deportado espanhol bem jovem.

Paquito tinha sido preso no sul da França, durante uma operação de revista do exército alemão. Por não sei mais que razões, se é que eu soube um dia, ele tinha sido confiado por seus pais a uma espécie de tio, ou de primo mais velho, que trabalhava em um campo de lenhadores espanhóis de Ariège. O dito campo servia de base e de cobertura para um destacamento de guerrilheiros, e o exército e a *Feldgendarmerie* nazistas montaram uma operação de revista na região.

Resumindo, Paquito encontrava-se, com dezesseis anos, em Buchenwald.

Era um garoto frágil e gracioso. Mandaram-no para o *Schneiderei*, o comando dos alfaiates onde faziam nossas roupas. Onde se podia também, se se fosse *Prominent* e se dispusesse de meios de pagamento (tabaco, margarina, álcool), mandar fazer roupas sob medida. Salvo da fome e dos riscos mortíferos de certas corveias, Paquito tornou-se célebre no campo assim que nós, espanhóis, começamos a organizar espetáculos. Pois ele desempenhava papéis femininos, ou melhor, o papel feminino, o único papel da mulher eterna, das *Ewigweibliche*.

Magro, com boa estatura, caracterizado e de peruca, usando um vestido andaluz rodado e de poá, que ele mesmo havia confeccionado com retalhos de pano, com uma bela voz ainda próxima das ambiguidades infantis, Paquito podia iludir.

Era a ilusão encarnada, a própria ilusão, perturbadora, da feminilidade. A princípio, nossos espetáculos eram destinados apenas à pequena comunidade espanhola, à qual eles podiam trazer o reconforto nostálgico do pertencimento, da memória compartilhada. Deportados franceses assistiam a eles com frequência, por razões evidentes de proximidade cultural e politica. Sobretudo franceses originários das regiões fronteiriças, a Occitânia e o Euskal Herria.

A performance de Paquito logo ficou conhecida e foi divulgada nos círculos mais amplos. Sua celebridade se alastrou em Buchenwald como um raio. Em algumas tardes de domingo, era preciso deixar o mundo de fora.

Tal sucesso era equivocado, pode-se imaginar. Não era apenas o gosto pela poesia e pela canção popular que o provocava. Nos refeitórios dos blocos onde ele se apresentava — ou nas salas maiores do *Revier* e do *Kino*, que às vezes obtínhamos da administração interna —, Paquito acendia um arco-íris de desejo louco nos olhos dos caras. Os que gostavam de mulheres projetavam sobre essa figura de garoto, mas andrógina, sua dor lancinante, seu desejo insaciado, seu sonho não realizado.

Como o acesso ao bordel era limitado a algumas centenas de detentos alemães, milhares de outros eram condenados à lembrança e ao onanismo, que a promiscuidade, o esgotamento e a desesperança tomavam quase impossível para a plebe de Buchenwald — difícil, ao menos, de levar a cabo e à fulminação.

Para praticar prazerosamente o prazer solitário, a solidão era necessária, evidentemente. Era necessário dispor de uma saleta privada — como para o prazer homossexual, aliás —, paraíso acessível somente para os chefes de bloco e para certos kapos.

Assim, como em todas as outras áreas da vida cotidiana, a sexualidade era determinada em Buchenwald pelas diferenças de classe.

Ou melhor, de casta. Aqueles que nunca tinham amado mulheres, ou que tinham perdido o gosto por elas, aqueles que a borrasca daquele desejo já não castigava, depois de anos longos demais no universo constrangedor, espesso, impiedoso, da masculinidade, da promiscuidade viril, olhavam Paquito com olhos vagos, exorbitados, dolentes, esfregando a braguilha, tentando adivinhar por trás dos adornos femininos um corpo jovem e ágil de garoto expondo-se à fantasia deles.

Às vezes, o ambiente tornava-se tenso, quase dramático; a respiração coletiva resfolegante, o ar sufocante.

Paquito acabou ficando com medo. Decidiu parar com aquele jogo. Para seu último espetáculo, aquele que estávamos preparando, ele ficaria imóvel no palco improvisado, sem movimentos de quadril nem saias rodadas, para simplesmente fazer a capela de alguns poemas de Lorca. Dentre os que ele estava decorando, naquele domingo de dezembro, no canto do refeitório, estava esse:

!Ay que trabajo me cuesta quererte como te quiero!
Por tu amor me duele el aire,
el corazón
y el sombrero.

Esse poema já nos encantava em Madri, no efêmero paraíso das descobertas infantis. Além de o texto ser engraçado e um pouco surreal *(Ah, que trabalho me dá / te*

amar como te amo! /Por seu amor me dói o ar, o coração e o chapéu!), o fato de ter visto Lorca lá em casa, onde ele viera jantar com outros convidados na grande sala de jantar de acaju e de palissandra, dava mais charme a esses poemas.

Na casa dos Smith Semprún, nós o recitávamos para Moraima, prima bonita, para fazê-la rir declarando para ela uma chama pela qual ela não poderia se sentir importunada. Era, sobretudo, o fim do poema que nos encantava.

y esta tristeza de hilo blanco, para hacer panuelos...

Esses dois últimos versos ("... *e essa tristeza de fio branco, para fazer lenços*...") nos deixava, outrora, sonhadores, no próprio limiar do mistério poético.



Anos mais tarde, isso continuava a ser verdade. No refeitório da ala C do bloco 40 de Buchenwald, eu ouvia a voz melosa de Paquito cantando o poema de Lorca e o frêmito vivaz de outrora vinha se imiscuir no opaco cansaço de viver, na náusea suscitada pela fome permanente, tornando habitável por um instante uma alma cujo corpo só aspirava, covardemente, ao infinito repouso da finitude.

— Espero que esse filho da puta do domingo coloque para nós os discos de Zarah Leander! — exclamara Sebastián.

Eu me surpreendia. Por quê? Ele não estava cheio da sempre eterna ladainha dominical?

Ele dava de ombros, falava com um tom peremptório.

— Não estou nem aí para as palavras! Não entendo nada... Mas a voz dá tesão... ajuda a me masturbar!

Sebastián Manglano me lembrava os arruaceiros de Vallecas, filhos de proletários ou de desempregados que vinham, outrora, desse bairro operário de Madri até os jardins do Retiro para interromper nossas partidas de bola entre filhos da burguesia do bairro de Salamanca, sob o céu azul de anil do inverno ensolarado. Como eles, ele falava de assuntos do sexo com uma simplicidade brutal.

— No domingo à tarde — ele me explica —, é incrível para mim. Você desaparece até o toque de recolher, tem reuniões, discussões, o Partido, colegas, seu velho professor: perfeito. O Partido me enche o saco, sua ladainha, em todo caso. Que me

digam o que tenho que fazer, isso me basta. Nada de muito papo, não é? Lembra da canção do Komintern? "Pão, discurso não!" É simples a perspectiva. Veja, conheço algumas palavras de sua linguagem! A perspectiva, fácil: é preciso lutar. E o inimigo, merda, não há dúvida possível: os fachos...

Preciso interromper Manglano por um segundo: "*facho*" não é um anacronismo, como se pode pensar. Se essa abreviação familiar de "fascistas" é, efetivamente, bem posterior à data de minha conversa com Manglano, ela não é, no entanto, um anacronismo, mas uma tradução. Em espanhol, diz-se *fachas* para fascistas desde a guerra civil de 1936. Manglano tinha me dito em nossa língua: "*Y el enemigo, coño, ya se sabe: los fachas!" "Fachos*", portanto, para *fachas*: uma tradução plausível e pessoal.

— O inimigo, merda — Manglano me diz —, sabemos que são os fachos! Então, na linha de montagem da Gusdoff, quando o colega alemão responsável vem me pedir escondido dos Meister e dos suboficiais da SS para falsificar uma peça do fuzil automático que nós produzimos, não precisa de longos discursos! Sei que ele foi procurar os técnicos, ao longo da linha, sei que somos os melhores especialistas, que somos comunistas, todos, e cada um de nós vai cometer um erro milimétrico sobre a peça que ele faz, e, no final da linha, o fuzil se tornará rapidamente inutilizável... Isso eu quero, estou aqui para isso, enfiado na Gusdoff para isso! Mas retomo meu negócio: no domingo à tarde, é incrível! Você parte, fico com a cama só para mim... Depois da sopa de massas, uma sesta: a felicidade, cara! E, para começar, uma boa palha.

Mas estou indo rápido demais: "palha" para *pala*, muito bem. Tradução literal. Má tradução, entretanto. Pois para, *hacerse una paja*, "se fazer uma palha", quer dizer se masturbar. Não é fácil, em todo caso, mostrar a riqueza da linguagem popular de Manglano, que dizia: "*Después de la sopa de pasta, una siesta: la dicha, macho. A tocarse la picha, ¡la gran paja*!"

É aí que entra Zarah Leander, ou melhor, sua voz. Manglano a acha excitante: facilita a *grande palha*.

Terminamos nossa guimba de *machorka*, dando as últimas tragadas, que nos queima os lábios. Desejo-lhe boa sorte: que o suboficiall da SS de serviço na torre de controle seja o que gosta das canções de Zarah Leander; que seu Alexandre esteja em forma. Manglano deu a seu órgão viril esse nome, Alejandro. Quando lhe perguntei por quê, ele me olhou com uma certa comiseração: Pero vamos: ¡Alexandro Magno! (Ora essa, Alexandre o Grande!). Manglano ficava infantilmente orgulhoso com o tamanho de seu instrumento. Mas era preciso que este último estivesse em forma. Os períodos recorrentes, de fraqueza de Alexandre lhe faziam sentir, nos últimos tempos, uma angústia atenta, uma espera angustiada. Mas Alexandre voltava sempre,

ressuscitava do nada da impotência, ao menos até aquele domingo de dezembro.

De repente, o alto-falante do refeitório cospe um ruído rouco. Logo depois, pura, grave, cativante, a voz de Zarah Leander se faz ouvir.

So stelle ich mir die Liebe vor, ich bin nicht mehr altein...

— Vai nessa — eu lhe digo. — Vai nessa, Sebastián! É agora ou nunca a *grande palha*!

Ele corre, efetivamente, para o dormitório, para a solidão dominical e deliciosa do leito, dando uma grande gargalhada selvagem.

---

[7] Felizes os tempos em que nos amávamos tanto" (N. da T.).

12

— Às seis no *Revier* — havia dito Kaminsky. Aqui estou eu. Os deportados corriam para a entrada do barracão de recepção e de consulta, grupos em turbilhão, tentando entrar. Empurravam em todos os sentidos, gritavam em todas as línguas. Se o alemão, reduzido, claro, a palavras imperativas e fórmulas gerais, era o sabir de comunicação, e portanto de comando, de Buchenwald, cada um voltava para sua língua materna para expressar ira ou angústia, para proferir a imprecação.

Um serviço de ordem de jovens enfermeiros russos, empregando, antes, o urro e a maneira forte, canalizava o fluxo dos que chegavam e filtrava as entradas.

Eram recusados, em primeiro lugar, aqueles que não tinham pensado ou conseguido limpar seus sapatos da neve lamacenta que neles se colava, quando circulavam ao ar livre. O regulamento da SS era estrito sobre isso: ninguém entra nos barracões sem estar com os sapatos limpos.

No *Revier*, era particularmente importante fazer com que ele fosse respeitado. Era a única instalação interna do campo onde os oficiais da SS exerciam ainda, sistemática e cotidianamente, seu direito de controle e de inspeção. Seu poder de repressão, portanto. Botas ou sapatos lamacentos demais dentro dos barracões da enfermaria podiam provocar represálias gerais com consequências imprevisíveis, mas fortemente nefastas.

Aqueles que não estavam com sapatos limpos eram, portanto, mandados para fora para raspar seus sapatos em barras de ferro feitas para isso, a fim de tirar as placas de neve e de lama aderidas a eles.

Em segundo lugar, os jovens russos do serviço de ordem, rápidos e precisos como os leões de chácara das boates, cassinos e outros lugares de prazer privilegiados, recusavam aqueles que se apresentavam com muita frequência à consulta no *Revier*, na esperança de conseguir um bilhete de Schonung, de isenção de trabalho.

Com um gesto, um grito, um palavrão — sempre o mesmo: tratava-se de mandá-los foder a mãe em outro lugar —, estes, assim que eram reconhecidos, eram expulsos da pequena multidão de postulantes, como penetras recidivistas e perigosos.

Somente depois começava a triagem propriamente dita. Voltando a ser enfermeiros, os jovens russos examinavam os deportados que pretendiam chegar à consulta médica propriamente dita.

Alguns, mesmo se viessem ao *Revier* pela primeira vez e estivessem com os sapatos limpos, dupla condição para ultrapassar a primeira barreira, eram

imediatamente mandados de volta para seus blocos. Não pareciam estar suficientemente mal para precisar parar de trabalhar. Mostravam vestígios cutâneos de um furúnculo mal curado, as contusões provocadas pelos golpes de um suboficial da SS ou de um trapo delinquente, mostravam os dedos machucados por falta de jeito com o martelo ou pelas tenazes, no local de trabalho, porque não eram trabalhadores manuais, e sim — quem sabe? — professores universitários. Não era o bastante: a inaptidão provisória para o trabalho não era evidente.

Os jovens enfermeiros russos julgavam baseados em provas: na aparência, portanto. Não estavam ali para escutar a queixa profunda desses homens desesperados. Será que se podia imaginar um desses jovens russos parar por um instante de bater cegamente a esmo para manter algo parecido com a ordem e prestar atenção ao pedido deles, informulável, aliás, nessas condições de tumulto brutal?

O que eles tinham para dizer, na pressa, no saber primitivo do idioma comum, era, a um só tempo, vago e vasto demais. Literalmente inescutável, portanto. Mostravam seus dedos machucados ou sua axila ainda purulenta de uma furunculose persistente, mas era no corpo inteiro que sentiam dor: era todo o corpo que recusava o obstáculo da vida, sua dificuldade, que não aguentava mais, pedia demência. Um dia ou dois de *Schonung*, de parada de trabalho, era para eles como tirar a cabeça fora d'água na hora do afogamento. Uma grande tomada de fôlego, a paisagem ensolarada, uma força reencontrada para continuar a lutar contra a corrente que o leva. Um dia de *Schonung* — mesmo que eles não soubessem alemão, que não pudessem se deleitar com as conotações lexicais da palavra — significava algumas horas de sono suplementares, uma chance de vida aumentada. Pois a maioria dos mortos dos campos de concentração — não falo, é claro, dos campos da Polônia, com a seleção e as câmaras de gás, programadas sobretudo para o extermínio do povo judeu —, a maioria daqueles mortos, portanto, as dezenas de milhares de mortos políticos, resistentes de todos os países da Europa, maquis de todas as florestas, todas as montanhas, não foram vitimas das pauladas, das execuções sumárias, da tortura: a maioria morreu de esgotamento, de uma impossibilidade súbita de superar um crescente cansaço de viver, abatidos pelo abatimento, a lenta destruição de todas as suas reservas de energia e de esperança.

Eu me aproximam da porta do *Revier*, na esperança de ver a silhueta de Kaminsky atrás da barreira que os enfermeiros russos formavam. Não tinha vontade de argumentar com eles para conseguir entrar.

Kaminsky estava lá, é claro. Ele me viu, mostrou-me com um gesto a um dos jovens russos enquanto falava com ele.

O russo afasta o agrupamento que me separa dele e berra para que me deixem

passar. Os deportados se afastam, efetivamente, e eu passo. De repente, vejo seu olhar fixado sobre meu número de matrícula e sobre o "S" sobreposto a ele. Em voz baixa, quando passo por ele, o jovem enfermeiro me diz em alemão:

— *Der Akkordeonspieler ist da drinnen*! — Com um movimento de cabeça, ele me indica o interior do barracão. O acordeonista está lá dentro.

O acordeonista? Se ele sabe dessa história, isso prova que ele faz parte do bando de Nikolaï.

Seja como for, estou ao lado de Kaminsky quando ouço alguém me chamar.

— Gérard, Gérard! — diz a voz.

Eu me viro. Na primeira fileira dos deportados que se empurram para entrar no barracão de consulta há um francês. Se está me chamando de Gérard, deve ser um companheiro do Partido. Mas não é um · companheiro do Partido, conheço o rosto deles. Os rostos de todos aqueles, ao menos, que podem se dirigir a mim chamando-me de Gérard, que conhecem esse pseudônimo da Resistência. Mas pode ser também alguém que me conhece da Resistência, precisamente, mesmo não sendo do Partido. De Joigny? Do maqui do Tabou? Da prisão de Auxerre? Não o reconheço de cara, mas aos poucos começo a delimitar sua imagem: foi na prisão de Auxerre que o conheci. É isso, Olivier, o Olivier alto e magro da prisão de Auxerre, que caiu no caso dos irmãos Horteur.

Eu me aproximo, Kaminsky se inquieta, mas não diz nada, me deixa ir. — Olivier! — digo.

Ele treme de alegria, seu rosto se ilumina. Seu rosto machucado, envelhecido, arruinado, acabado pela vida. Já que é a vida, aquela vida, nossa vida, que faz o trabalho da morte.

— Você me reconheceu? — exclama ele.

Não, não o reconheci. Não está reconhecível, aliás. Girei em torno dele, avaliei, e o reconstitui. Olivier Cretté, mecânico em uma garagem de Villeneuve-sur-Yonne, do grupo dos irmãos Horteur. Eu estava em Auxerre, na prisão de Auxerre, quando fuzilaram um dos irmãos Horteur. Toda a seção alemã da prisão de Auxerre berrava palavras de ordem antifascistas e patrióticas, cantava A Marselhesa, para dizer adeus ao mais jovem dos irmãos Horteur: uma confusão indescritível, gritos, cantos, vasilhas batidas nas grades.

Não, não o reconheci. Mas não posso dizer a ele que está irreconhecível.

— Claro — Olivier Cretté, garagista.

Ele tinha chorado. De alegria, é claro. Alegria de não estar mais sozinho.

Dirijo-me a Kaminsky. Aqui, meu companheiro, *Reichsdeutscher*, alemão do Reich, com sua braçadeira de *Lagerschutz*, é a autoridade, o poder encarnado. Eu me dirijo a

ele em espanhol.

— *Aquel francés* — digo-lhe — *que entre. Le conozco: resistente*. (Aquele francês ali, que ele entre, eu o conheço: resistente.)

— *Aquel viejito*?

Aquele velhinho?, ele me pergunta.

Claro, aquele velhinho, Olivier Cretté, garagista, trinta anos no máximo.

Kaminsky dá algumas ordens breves. Em russo, para ser rápido. Aliás, ele disse várias vezes a palavra *bistro*! O jovem russo que, com certeza, faz parte da gangue de Nikolaï faz Olivier passar a última barreira que o separa da consulta médica.

— Obrigado, meu velho! — ele me diz.

Olha atentamente meu número, a letra de identificação nacional.

— Você é espanhol? Não sabia... Em todo caso, é influente. — Ele balança a cabeça. — Pode crer: isso me espanta! É enigmático.

Mas não tenho tempo para elucidar.

Nem vontade, aliás. Kaminsky se impacienta.

— O que você tem? — pergunto-lhe.

— Diarreia. Estou indo merda abaixo... Não aguento mais.

— Onde você trabalha?

— Aqui e ali, pequenos trabalhos! Ao acaso do recrutamento, das necessidades dos kapos, de manhã na praça de chamada...

— Não é mecânico?

— Sou — me diz ele. — Quem liga para isso?

— Eu — respondo.

Ele arregala os olhos.

— Cuide-se. E depois venha me ver no *Arbeit*. Trabalho lá. Qualquer dia, antes ou depois da chamada da noite!

— E procuro por Gérard?

— Se falar com um francês, procure por Gérard; se não, procure pelo Espanhol. É simples, de qualquer jeito estarei lá, você me verá.

Mas Kaminsky não aguenta mais. Pega o braço de Olivier e o leva para a consulta. Para ser correto até o fim, coloca Olivier na fila de espera do médico deportado francês, que está de plantão naquele dia. Assim ele poderá se explicar de verdade.

Kaminsky me levou primeiro para o kapo da enfermaria, Ernst Busse, um comunista alemão. Um dos comunistas mais veteranos de Buchenwald, pelo que entendi.

Corpulento, cabelos curtos, maxilar quadrado, Busse com certeza não era um maricas. Eu já o tinha visto no *Arbeit*, visitando Seifert. Seu olhar era inesquecível:

tanta frieza determinada, desesperada; tanta acuidade glacial.

Ele não tem tempo a perder com amabilidades.

— Vamos te colocar na sala dos desenganados — me diz ele. — Ao lado do seu futuro cadáver.

Esboça um gesto, como se fosse se desculpar por sua maneira de falar. Mas eu entendi, ele vê que entendi e continua.

— A propósito, você tem muita sorte. *Mit der Glückshaube bist du geboren*!

Constato que a expressão alemã é idêntica à francesa. Continuo achando que "a flor no cu" espanhola é mais engraçada para nomear a sorte. Ainda não sei se existem expressões francesas que falam de cu. Que giram em torno do cu. Em Buchenwald mesmo, foi Fernand Barizon, um companheiro comunista, metalúrgico, antigo das brigadas, quem me fez conhecer tais expressões. Mais tarde, bem mais tarde, seria uma mulher, uma mulher lindíssima — a única que conheço que fala ainda com naturalidade, sem afetação nem presunção, o linguajar parisiense popular, idioma inventivo, cheio de humor e de achados de linguagem — que empregaria diante de mim essas expressões que designam sorte: *T'as le cul borde de médailles!* (Você tem o cu cheio de medalhas!), ou, ainda mais estranho, mais asqueroso também, *T'as te cul bordé de nouilles*! (Você tem o cu cheio de massas!).

Seja como for, no escritório de Busse, no *Revier* de Buchenwald, não tenho tempo nem possibilidade de me deixar levar por divagações de linguística comparada.

Busse continua:

— O jovem francês não passa dessa noite! Amanhã de manhã teremos tempo, conforme as noticias de Berlim, de registrar a morte sob o nome dele ou sob o seu...

Sei de tudo isso, Kaminsky já tinha me explicado. Provavelmente Ernest Busse quer frisar o papel que desempenha nesse caso.

— O único problema possível, essa noite — acrescenta ele — é que há uma troca da SS no *Revier*. Eles estão festejando o aniversário de um de seus médicos. Vão beber até cair. Nesse caso, às vezes eles improvisam visitas de inspeção, a qualquer hora... Gostam de fazer merda. Se isso acontecer, vamos te dar uma injeção. Não se preocupe, vai ter uma febre altíssima, só isso. Amanhã não estará em forma, mas estará vivo.

Ele olha para mim.

— Você não é gordo, é verdade, mas não parece um moribundo, de jeito algum... É melhor você delirar um pouco, em todo caso... Se vierem, vamos dizer que receamos, no seu caso, que seja uma doença infecciosa. Eles têm horror de doenças infecciosas...

É só isso, ele faz um gesto de despedida. Kaminsky me faz sair do escritório, me acompanha pelos corredores do *Revier*.

— Aquele seu amigo velho francês — me diz ele de repente — é inútil... Não vai durar muito!

Provavelmente é verdade, mas me chateia o fato de ele me dizer aquilo.

— Para começar, ele não é velho! E depois, nunca se sabe.

Kaminsky dá de ombros.

— Sabemos sim, sabemos até demais... Você viu o olhar dele? Está prestes a se entregar.

O olhar, de fato. É pelo olhar que percebemos a mudança súbita, o dilaceramento, quando a aflição atinge um ponto de não-retorno. Pelo olhar subitamente apagado, átono, indiferente. Quando o olhar já não é a prova, até mesmo dolorosa, angustiada, de uma presença; quando não passa de um sinal de ausência de si mesmo e do mundo. Então, compreende-se, efetivamente, que o homem está soltando a presa, perdendo o pé, como se não tivesse mais sentido se obstinar em viver; então, apreende-se na ausência a que se resume o olhar que talvez tenhamos conhecido vivo, curioso, indignado, risonho, compreendemos que o homem, desconhecido, anônimo ou um camarada, cuja história pessoal conhecemos, está sucumbindo à vertigem do nada, ao fascínio petrificante da Medusa.

— Inútil — repete Kaminsky.

Ele me chateia dizendo isso. Talvez tenha razão, mas me chateia.

— Não para mim — digo-lhe, de mau humor.

Ele para e me encara, com as sobrancelhas franzidas.

— O que quer dizer?

— Quero dizer o que estou dizendo — digo-lhe. — Que não é inútil, para mim, ajudá-lo, mesmo que de modo tão mínimo, anódino.

— Você se sente bem, é isso? Você se sente até melhor?

— Não é isso. Mas e se fosse, é proibido?

— Não é proibido, é inútil! Um luxo pequeno-burguês!

Ele não disse *kleinbürgerlich*, disse coisa pior. Disse *spiessbürgerlich*, o que agrava as conotações de mesquinharia, de estreiteza de espírito, de egoísmo atribuídas geralmente a esse adjetivo, "pequeno-burguês".

Sei o que ele quer dizer, já discutimos sobre isso. Para ele, sentir prazer por fazer um gesto, mesmo se for do lado do bem, é irrisório, não conta. Se há uma moral, aqui, não é a da piedade, da compaixão, e menos ainda uma moral individual. É a da solidariedade. Uma solidariedade de resistência, é claro: uma moral de resistência coletiva. Provisória, óbvio, mas constrangedora. Não aplicável em outras circunstâncias históricas, mas necessária em Buchenwald.

— Desde que chegou aqui — eu lhe pergunto — nunca dividiu seu pedaço de pão

com um camarada para quem já era tarde demais? Nunca fez um gesto inútil, do ponto de vista da sobrevivência do outro?

Ele dá de ombros: claro que isso já lhe aconteceu!

— Era uma outra época... Eram os "triângulos verdes", os criminosos que comandavam, não tínhamos as estruturas da resistência de hoje. A ação individual, o exemplo individual era decisivo...

Eu o interrompo.

— As estruturas de que fala são clandestinas... O efeito delas, por mais importante que seja, nem sempre é visível; a maioria dos deportados o ignoram ou o interpretam mal. O que é visível, em compensação, é seu status particular, seus privilégios de *Prominenten*... Um belo gesto inútil, de vez em quando, não faria mal...

Mas parece que chegamos no final dos corredores do *Revier*. Ele me mostra a porta.

— É ali, estão esperando por você. — Ele segura meu braço. — A noite vai ser longa entre todos esses moribundos e cadáveres... E além disso, fede a merda e a morte... Em que vai pensar para se distrair?

Não é realmente uma pergunta. É uma maneira de dizer até logo. Entro na sala do *Revier* onde me esperam.

Mandaram que eu deixasse minhas roupas em uma espécie de vestiário, colocasse um avental, sem graça, de pano rugoso, curto demais para cobrir minhas vergonhas, diria eu traduzindo literalmente do espanhol (meus órgãos genitais, dito de outro modo).

Deitam-me ao lado do moribundo, cujo lugar tomarei, se for o caso.

Viverei com seu nome, ele morrerá com o meu. Ele me dará sua morte, em suma, para que eu possa continuar vivendo. Trocaremos nossos nomes, não é pouco. É com meu nome que ele partirá em fumaça; é com seu nome que sobreviverei, se der.

Isso me dá um frio nas costas — poderia me fazer rir também, com um riso chiado e louco —, saber que nome terei, caso o pedido de Berlim seja realmente preocupante.

Mal me deito na cama, com efeito, ao lado do morto certo, como dizia Kaminsky, de manhã, um morto que era, na verdade, apenas um moribundo, quis ver seu rosto.

Curiosidade legitima, posso admitir.

Mas ele estava de costas para mim, magro, jazia nu — provavelmente tiravam o avental de algodão áspero daqueles que já estavam além da vida —, esqueleto recoberto com uma pele cinzenta e enrugada, com coxas e nádegas listradas por uma camada de líquido fecal seca, mas ainda fedorenta.

Lentamente, virei seu torso pela metade. Deveria ter esperado aquilo. "Da sua idade, com poucas semanas de diferença", tinha dito Kaminsky, de manhã, ao me

falar do morto que tinham encontrado e que me convinha totalmente. "Uma sorte inaudita, um estudante como você, parisiense também!"

Eu deveria ter pensado naquilo. Era bom demais para ser verossímil, mas era verdade. Eu estava deitado ao lado do jovem muçulmano francês que desaparecera havia dois domingos do barracão das latrinas coletivas, onde eu o tinha encontrado. Estava deitado ao lado de François L.

Acabei sabendo seu nome, ele tinha me dito. E foi isso que me fez trincar os dentes, em um riso de pavor.

Pois François, assim que chegou a Buchenwald, no mesmo transporte de Compiègne que eu, matriculado no campo a alguns números de distância do meu, era o filho, revoltado e repudiado, claro, o filho, entretanto, de um dos chefes mais ativos e sinistros da milícia francesa. Em todo caso, seria o nome de um miliciano pró-nazista que teria de carregar para sobreviver. Virei seu corpo para encará-lo, para que me mostrasse seu rosto.

Não apenas para não ver mais seus rins sujos de merda líquida, agora seca. Mas também para espreitar os possíveis sobressaltos de vida, se é que se pode chamar assim a respiração rápida, quase imperceptível, o batimento de sangue aleatório, os movimentos espasmódicos.

Para ouvir suas últimas palavras, se as houvesse. Deitado a seu lado, espreitei em seu rosto os últimos sinais de vida. Em A esperança, que eu tinha comigo para reler algumas páginas, nas últimas semanas antes de minha prisão, um episódio me tocava.

Abatido pelo caça franquista, um avião da esquadrilha internacional que André Malraux havia criado e comandava volta para a base pegando fogo. Ele consegue aterrissar, devorado pelas chamas. "os restos do avião, retiram os feridos e os mortos. Entre estes, o cadáver de Marcelino. Como ele "fora morto por uma bala na nuca, ele sangrava pouco", escreve Malraux. "Apesar da trágica fixidez dos olhos, que ninguém tinha fechado, apesar da luz sinistra, a máscara era bela."

O cadáver de Marcelino está deitado sobre uma mesa do bar do aeroporto. Contemplando-o, uma das serventes espanholas diz o seguinte: "É preciso ao menos uma hora para que se comece a ver a alma". E Malraux continua, um pouco mais adiante: "É somente uma hora depois da morte que da máscara dos homens começa a surgir seu verdadeiro rosto".

Eu olhava para François L. e pensava nessa página de *A esperança*. A alma já o tinha deixado, eu tinha certeza disso. Seu verdadeiro rosto já tinha se desfeito, destruído, nunca mais surgiria dessa máscara aterrorizadora. Não trágica, mas obscena. Serenidade alguma poderia um dia abrandar os traços aturdidos, devastados, do rosto de François. Repouso algum era concebível nesse olhar absorto,

indignado, cheio de ira inútil. François ainda não estava morto, mas já estava abandonado.

Por quem, Senhor? Era sua alma que havia abandonado esse corpo martirizado, sujo, frágil, ossatura quebradiça como madeira morta, para se queimar em um forno do crematório logo mais? Mas quem havia abandonado essa alma orgulhosa e nobre, apaixonada por justiça?

Quando a Gestapo o prendera, disse-me François, e o identificara, os policiais alemães perguntaram a seu pai, aliado fiel, colaborador eficaz no trabalho de repressão, o que queria que fizessem com ele. Devia ser poupado? Estavam prontos para fazer uma exceção. "Tratem-no como os outros, como qualquer inimigo, sem piedade particular", respondeu o pai, formado em letras, apaixonado pela cultura clássica e pela bela prosa francesa. "É incrível como a perfeição da prosa atrai os homens de direita!", disse François dando uma gargalhada, no momento de nossa conversa no barracão das latrinas coletivas. Nossa única e interminável conversa. Naquele dia, ele me falou de Jacques Chardonne, da presença deste, dois anos antes, em um congresso de escritores em Weimar, precisamente, sob a presidência de Joseph Goebbels. "Você não leu os textos de Chardonne em La NRF?", perguntou-me François.

Não, eu não tinha lido, guardado, em todo caso. Maurrassiano, antissemita esclarecido — quero dizer, para que não se enganem, citando Voltaire e não Céline, quando denunciava a "maleficência dos judeus, desterrados por essência", "incapazes de emoção patriótica e consagrados ao culto do Veado de ouro": eram estas as fórmulas estereotipadas —, o pai de François tinha sido projetado pela derrota de 1940 em um ativismo pró-nazista nutrido de desatino desesperado, de niilismo antiburguês. Homem de cultura, ele tomam-se homem de guerra com paixão. Já que era preciso lutar, melhor lutar na primeira linha, com armas na mão, na Milícia de Darnand.

"Tratem-no como os outros, como qualquer inimigo", dissera seu pai aos caras da Gestapo. Provavelmente acreditava com isso se inscrever na tradição moral dos estoicos. Os policiais nazistas interrogaram, então, François como os outros, todos os outros: sem piedade, com efeito.

Eu olhava para François L, pensava que não veria sua alma aparecer, seu verdadeiro rosto. Já era tarde demais. Começava a compreender, a entender que a morte dos campos, a morte dos deportados, é singular. Não é, como qualquer outra morte, como todas as mortes, violentas ou naturais, o sinal desolador ou consolador de uma finitude inelutável; não vem, no curso da vida, no movimento desta, fechar uma vida. De certa maneira, em todas as outras mortes, esse fim podia fazer surgir a

aparência do repouso, da serenidade sobre o rosto do trespassado.

A morte dos deportados não abre a possibilidade de ver aflorar a alma, surgir o verdadeiro rosto sob a máscara social da vida que se fez e que o desfez. Ela já não é a resposta da espécie humana ao problema do destino individual: resposta angustiante, ou revoltante, para cada homem, mas compreensível para a comunidade dos homens em seu conjunto, em seu pertencimento à espécie, precisamente. Pois a consciência dessa finitude é inerente à espécie, visto que é humana, que se distingue com isso de toda espécie animal. Porque a consciência dessa finitude a constitui como espécie humana. Imaginamos, com efeito, o horror de uma humanidade privada de sua finitude essencial, consagrada à angústia pretensiosa da imortalidade? A morte dos deportados — a de François, naquele instante, sob meus olhos, ao alcance da mão — vem, ao contrário, abrir um questionamento infinito. Até mesmo quando ela toma quase a forma de uma morte natural, por esgotamento das energias vitais, ela é escandalosamente singular: questiona, radicalmente, todo saber e toda sabedoria sobre ela.

Basta olhar, ainda hoje, depois de passados tantos anos, meio século mais tarde, as fotografias que testemunham isso, para constatar a que ponto a interrogação absoluta, frenética, dessa morte, ficou sem resposta.

Eu olhava o rosto de François L., no qual não se veria aparecer a alma, uma hora depois de sua morte. Nem uma hora, nem nunca. A alma, ou seja, a curiosidade, o gosto pelos riscos da vida, a generosidade do *ser com*, do *ser·para*, a capacidade de ser outro, em suma, de estar diante de si pelo desejo e pelo projeto, mas também de perdurar na memória, no enraizamento, no pertencimento; a alma, em uma palavra provavelmente fácil, cômoda demais, entretanto clara, a alma há muito tempo deixara o corpo de François, desertara seu rosto, esvaziara seu olhar ausentando-se.

13

Der Wind hat mir ein Lied erzählt...

A voz de Zarah Leander, novamente. Sua voz rouca, sombria, sensual.

No inicio da tarde, depois da chamada dominical, havia pouco, ela repentinamente invadiu, como uma água corrente, o refeitório da asa C do bloco 40.

"Invadir" não é, talvez, o verbo certo: é rude demais. A voz investiu, embebeu, saturou o espaço. Todo mundo se calou, o tempo de deixar essa voz se instalar em nossas vidas, se apropriar de nossas memórias. Ai está ela de novo.

Der Wind hat mir ein Lied
erzählt von einem Chick unsagbar schon...

Não eram as mesmas palavras de pouco tempo atrás. Mas era a mesma canção, o mesmo amor, a mesma tristeza: a vida. A verdadeira vida do lado de fora, de antes, essa leveza e futilidade desoladoras e preciosas que tinham sido a vida. Havia pouco, Sebastián Manglano tinha corrido para o dormitório, para a solidão dominical e deliciosa da grande masturbação, *la gran paja*.

Ele dava gargalhadas, por antecipação. Por enquanto, confesso, a voz de Zarah Leander não me deixa de pau duro. Provavelmente tenho circunstâncias atenuantes.

Eu me pergunto, deixando-me submergir por essa voz suntuosa, suave e sedosa, qual seria a reação de Sebastián Manglano na mesma situação.

Ao despertar, ele sempre me mantinha informado dos avatares de seu Alejandro Magno.

Era no lavatório, no momento da toalete matinal. Costumávamos, por disciplina de sobrevivência, levantar-nos após o primeiro apito, correr para o lavatório, com o peito nu, pés descalços, antes da confusão do despertar maciço dos deportados. A água era glacial, o sucedâneo do sabonete não garantia uma limpeza eficaz, mas era um rito que devia ser totalmente respeitado. Era preciso esfregar com água fria, com sabão arenoso, o rosto e o peito, as axilas, o saco e os pés. Longa e vigorosamente, até que a pele estivesse lavada dos odores imundos da noite, da promiscuidade, até que ficasse vermelha.

Parar de fazer esses gestos que realizávamos toda manhã, sem ao menos refletir, de modo tolo, teria sido o começo do fim, o inicio do abandono, o primeiro sinal da derrota anunciada.

Se notássemos que um companheiro negligenciava fazer sua toalete matinal e que, além disso, seu olhar se apagava, era preciso intervir logo. Falar com ele, fazê-lo falar, fazer com que se interessasse novamente pelo mundo, por si mesmo. O desinteresse, a falta de amor próprio, de uma certa ideia de si, era o primeiro passo no caminho do abandono.

Quando eu ficava sozinho, quando Manglano, meu companheiro de leito, fazia parte da equipe noturna na linha de montagem da Gusdoff, eu corria para o lavatório assim que tocavam o primeiro apito e o primeiro grito do *Stubendienst* no dormitório.

Naqueles dias, eu recitava para mim mesmo poemas em francês. O de Rimbaud, *À quatre heures du matin l'été / le sommeil d'amour dure encore*..., particularmente bem-vindo, satisfazia meu gosto inveterado pela ironia.

Quando Manglano estava sozinho, eu na equipe noturna no *Arbeit*, não sei como ele procedia, é claro. Mas quando acordávamos juntos, porque nossos horários de trabalho coincidiam, corríamos juntos para o lavatório. Naqueles dias, recitávamos, aos berros, poemas espanhóis da guerra civil, de Rafael Alberti, César Vallejo, Miguel Hernández. Era eficaz, à guisa de impulso para uma nova jornada de fome e agonia. De ira também: a ira que o mantém aquecido.

Regularmente, portanto, Manglano me informava do estado de seu Alexandre. Os dias em que ele me confiava ter tido sonhos eróticos extremamente precisos, que o tinham endurecido, eu o levava no bico dizendo que não tinha sentido nada, apesar da estreita promiscuidade da cama. Ele se indignava, não tolerando que questionassem sua masculinidade triunfante. "Da próxima vez que eu ficar de pau duro", ele exclamava, "vou te acordar pra você chupar!" (*Te despierto y me la chupas*! "Não sonhe", eu retorquia, "essa felicidade não vai te acontecer!" (*Ni sonarlo: no te caerá esa neva*!).

Em suma, tentávamos começar os dias com o melhor humor possível.

Der Wind hat mir ein Lied
erzählt von einem Herzen, das mir fehlt...

Eu escutava a voz de Zarah Leander, deixava-me entorpecer por ela. Deitado ao lado de François L, eu me preparava para sobreviver àquela noite, que poderia ser a de minha morte. Quero dizer, a de minha morte oficial, administrativa, que levaria ao desaparecimento de meu nome. Desaparecimento provisório, é claro. Era bastante perturbador pensar na ressurreição, na volta à minha própria identidade, depois de ter usurpado a de François.

Habitualmente, quando éramos apenas dois em uma cama (no Pequeno Campo,

nos barracões mortuários para inválidos e muçulmanos, eles chegavam, às vezes, a três ou quatro em um único espaço de leito), deitavam-se pés com cabeças. Os corpos se adaptavam melhor um ao outro nessa posição, ganhavam espaço.

Mas, no *Revier*, eu me deitei no mesmo sentido que François, para poder olhar seu rosto. Para poder espreitar sobre seu rosto os sinais da vida e os da morte.

Ele chegara em Buchenwald no mesmo comboio de Compiègne que eu. Talvez no mesmo vagão, não era impossível. Em todo caso, a história dessa viagem, que ele me contara, se parecia com a minha. Nada de surpreendente, na verdade, todas as histórias se pareciam. Todos nós tínhamos feito a mesma viagem.

Ele era o único de seu grupo no trem, me dissera. A maioria dos camaradas de sua rede tinha sido fuzilada. Um deles, seu amigo mais próximo, morreu torturado.

Em Compiègne, ele estava sozinho. Sozinho também no trem de Weimar. Os boatos do último dia, no campo de Royallieu, tinham sussurrado para ele que tínhamos sorte: nosso lugar de destino era um campo florestal, muito saudável. Aliás, seu nome indicava isso: Buchenwald, o "bosque de Sias".

"Se eu aguentar", me dissera ele nas latrinas, "se conseguir sair dessa, com certeza escreverei alguma coisa sobre isso. Há algum tempo, esse projeto de escritura é uma ideia que parece me dar forças.

Mas, se um dia eu escrever, não estarei sozinho em meu relato, inventarei um companheiro de viagem. Alguém com quem falar, depois de tantas semanas de silêncio e solidão. Em segredo ou na sala de interrogatório: é essa minha vida nesses últimos meses!"

"Se eu voltar e escrever, vou te colocar em meu relato", ele me disse. "Você quer?" "Mas não sabe nada de mim!", eu lhe disse. "Para que vou servir em sua história?"

Ele sabia o bastante, afirmou, para fazer de mim um personagem de ficção. "Pois você se tornará um personagem de ficção, meu velho, mesmo se eu não inventar nada!"



Quinze anos mais tarde, em Madri, em um apartamento clandestino, eu seguiria seu conselho ao começar a escrever *Le grand voyage*. Eu inventaria o cara de Semur

para me acompanhar no vagão. Fizemos aquela viagem juntos na ficção, assim apaguei minha solidão na realidade. Para que escrever livros se não inventarmos a verdade?

Ou, melhor ainda, a verossimilhança?

Em todo caso, chegamos em Buchenwald juntos, François e eu. Juntos, na mesma multidão que o acaso juntam na sala das duchas, sofremos as mesmas provas iniciáticas da desinfecção, da raspagem, da vestimenta. Vestidos de qualquer jeito com roupas que vinham nos jogar na cara, ao longo do balcão do *Effektenkammer*, ficamos bem próximos um do outro, nossos números de matrícula atestam isso, diante dos presos alemães que preenchiam nossas fichas pessoais.

François, no barracão das latrinas do Pequeno Campo, naquele domingo de dezembro em que os americanos não largavam as ruínas de Bastogne, tinha apreciado bastante minha discussão com o veterano comunista alemão, que ficou anônimo, desconhecido, que não queria me inscrever como estudante de filosofia, *Philosophiestudent*.

"Aqui, isso não é uma profissão", ele me dizia, "*Kein Berufi*" E eu, do alto de minha arrogância imbecil dos vinte anos, do alto de meu conhecimento da língua alemã, tinha jogado na cara dele: "*Kein Beruf aber ein Berufung*!", ou seja, não é uma profissão, e sim uma vocação! Cansado de guerra, eu dissera a François, vendo que eu não queria compreender nada, o preso alemão me mandou embora com um gesto irritado. E, com certeza, escreveu na velha máquina de escrever: *Philosophiestudent*. François gostava da anedota.

Ele, em todo caso, tinha respondido *Student* à questão ritual sobre sua profissão ou ocupação. Estudante, sem mais, sem precisar a especificidade de seus estudos.

"Latinista!", exclamava François. "Imagine a cara que ele teria feito se eu tivesse respondido latinista!"

O preso alemão que preenchia a ficha de François olhou para ele, deu de ombros, mas não fez comentário algum, nem tentou dissuadido.

Er weiss was meinem Herzen.

François está imóvel, com os olhos fechados; será que ainda está vivo? Aproximo minha boca da sua, para roçá-la. Ainda está vivo, sim, um sopro morno, quase imperceptível, exala de seus lábios.

Durante a quarentena éramos vizinhos: ele tinha sido mandado para o bloco 61, e eu, para o 62.

Mas sua história logo desandou, a má sorte obstinava-se nele. Primeiro, um grupo de resistentes gaullistas que o tinham descoberto e adotado, desde os primeiros dias de quarentena ("Eu não estava mais sozinho, pela primeira vez desde a prisão!", me

disse ele, ainda exaltado), esse grupo tinha sido enviado em transporte, pouco tempo depois. François foi se encontrar com o chefe de bloco do 61 para lhe pedir para ser inscrito na lista do comboio, com seus camaradas. "Ficou maluco!", o outro gritou, "não sabe o que está dizendo! Aquele transporte é para Dora! Tem sorte de não estar nele!"

Dora? Esse nome feminino não dizia nada a François, é claro. O alemão lhe explicou, em poucas palavras: Dora era uma fábrica subterrânea em construção, onde os nazistas começavam a produzir armas secretas. Ele abaixou a voz para dizer que armas eram. *Raketen*! François não compreendeu imediatamente. *Raketen*? Teve de fazer um esforço de memória, uma pesquisa mental, para achar o sentido da palavra. Foguetes, é isso! Em todo caso, era o campo exterior mais terrível, o mais mortífero de Buchenwald! As SS entregou aos "triângulos verdes", os criminosos comuns, a administração do campo, o poder interno. O ritmo era terrível, os espancamentos, constantes. Trabalhavam na escavação de um túnel, na poeira que atacava os pulmões. Comparando-se os dois, Buchenwald era um sanatório!

No entanto, François insistiu para figurar na lista do transporte. Qualquer que fosse o horror de Dora, ele não estaria sozinho: havia reencontrado um grupo de verdadeiros resistentes, um pertencimento, uma possibilidade de troca, de palavras comuns, de sonhos compartilhados.

O chefe de bloco do 61 olhou para François, para sua aparência frágil de adolescente burguês. Balançou a cabeça, negativamente. "Escute", lhe dissera, oferecendo-lhe metade de um cigarro, "você fala alemão, muito bem, aliás, vai achar trabalho aqui, em um dos escritórios. Agora que tem cada vez mais deportados não alemães, precisamos de estrangeiros que falem a língua oficial." François achava que a língua oficial tinha sido reduzida a algumas palavras de ordem odiosas: *Los, los! Schnell! Scheisse, Scheisskerl! Du Schwein! Zu fünf*! Mas talvez falassem outra língua nos escritórios, talvez ali falassem o verdadeiro alemão. Em suma, François não tinha conseguido convencer seu chefe de bloco, e permaneceu em Buchenwald. Ficou novamente sozinho, aliviado apenas pelo fato de o outro tê-lo feito seu intérprete, *Dolmetscher*.

Alguns dias mais tarde, François foi pego numa corveia de pedreira, Steinbruch. Mas não teve a sorte de cair, como eu, com um anjo guardião russo. Ninguém o ajudou a carregar a pesada pedra que o suboficial da SS lhe tinha atribuído. Ninguém o tinha chamado de *Tovaritch*. Tinha sido tão espancado pelo Scharführer que teve que ser admitido na enfermaria, com lesões e fraturas múltiplas.

Daí datava seu infortúnio. Sua saída do *Revier* coincidiu com o fim do período de quarentena, com sua chegada ao Grande Campo. Mas seu estado físico deplorável,

sua semi-invalidez o marginalizaram, o excluíram do sistema de produção. Quando amanhecia, na praça da chamada, ele ficava entre as centenas de deportados que não tinham atribuição estável, permanente, para um comando de trabalho. Os kapos vinham recrutar nessa massa anônima a mão de obra de que precisavam esporadicamente para substituir os deportados ausentes, mortos ou isentos de trabalho por uma hora de *Schonung*, ou então para tarefas não qualificadas e precárias em algum comando de limpeza ou aterro. Resumindo, os únicos postos de trabalho acessíveis a François eram aqueles para os quais era preciso, justamente, ser forte e ter boa saúde: cada dia em um dos comandos para onde era enviado o afundava mais na miséria física e moral.

Dois meses de sofrimento e desamparo mais tarde, François foi novamente enviado ao Pequeno Campo, para um dos barracões onde definhavam os inválidos e os excluídos, marginalizados pelo despotismo produtivista do sistema de trabalho forçado, os muçulmanos.

14

Der Wind hat mir ein Lied erzählt
von einem Gbück unsagbar schön.
Er weiss was meinem Herzen fehlt...

De repente reconheço as palavras. A melodia me escapa, em compensação. Não a reconheço. Devo dizer que não sou bom para guardar ou reconhecer as melodias. Tampouco para reproduzidas: Canto em falso, sou desafinado como um velho piano!

Quando éramos jovens, há séculos, há tantas noites, tantas mortes e vidas, e cantávamos em coro La jeune garde, ou Le temps des cerises, ou El ejército del Ebro, havia sempre um companheiro, uma companheira, que levava a mão às orelhas, em um gesto de rejeição, de surpresa: eu acabava com o acordo do canto coral, com sua harmonia.

Não reconheço a melodia, mas as palavras, de repente, me são familiares. *Der Wind*, mas claro, *der Wind har mir ein Lied erzählt!* Não é Zarah Leander, é Ingrid Caven, no dia 28 de novembro de 2000, no palco do Odéon. Com uma cadência a um só tempo branda e abrupta, fluida e angulosa, ela tomou conta do espaço cênico.

Tornou habitável o grande vazio do palco, marcou seu território com o passo dançante, felino, e, no entanto, autoritário. Quero dizer, exalando uma aura carnal de presença indiscutível. Bem no início, mal prestei atenção na voz, na sua maneira de quebrar as melodias, os ritmos estabelecidos, as rotinas do canto, de saltar para o contralto. Estava fascinado por seu controle em habitar aquele espaço, em ocupá-lo, torná-lo visível e vivo na fluidez de seus movimentos.

É um animal de palco, uma bela fera outonal e ruiva que parece rejuvenescer a olhos vistos, à medida que o tempo passa, que a cena se domestica, que a sala é conquistada, a nostalgia reavivada, tornada vontade de futuro.

Em seguida, a voz se impôs. Uma voz capaz de arrulhar, de se irisar no glissando, de se exasperar nos agudos e nos graves, de se quebrar ou de se apagar voluptuosamente, para renascer na insolência.

As palavras, subitamente, as palavras dos domingos de outrora, em Buchenwald.

Nenhum lugar se presta, no entanto, à primeira vista, tão mal, tão pouco, ao esplendor, à dor da memória, quanto essa sala do Odéon, no dia 28 de novembro de 2000.

A não ser por um detalhe: há a Alemanha como pano de fundo. *Deutschland,*

bleiche Mutter, dissera cá comigo ao ouvir as primeiras canções alemãs do recital de Ingrid Caven: *Alemanha, mãe pálida*!

Logo me lembrei de Júlia, da rua Visconti. Júlia tinha me falado de Brecht naquela noite remota. No Odéon, pensei que Ingrid Caven, em 28 de novembro de 2000 poderia — mas em que estava me metendo! — compor um recital inteiro com poemas de Brecht. Com a violência, a ternura e a ironia dos textos poéticos de Bertold Brecht, que pareciam escritos para ela: terna, violenta, irônica.

Lembrei-me dos versos de Brecht que Júlia tinha recitado para mim, outrora: *Deutschland, du blondes, bleiches, / Wildwolkiges mit sanfter Stirn*...

Foi na Alemanha loura, de rosto pálido como nos filmes do novo expressionismo, nessa jovem Alemanha de fronte serena, mas coroada de nuvens selvagens, que pensei naquela noite, escutando Ingrid Caven cantar as palavras de outrora, as palavras de Zarah Leander nos alto-falantes de Buchenwald, no domingo.



Alguns anos antes, Klaus Michael Grüber me pedira um texto dramático sobre a memória alemã: memória do luto e luto da memória. Eu o chamara de *Bleiche Mutter, zarte Schwester* (Mãe pálida, terna irmã), e o construí em torno do personagem de Carola Neher, que eu havia descoberto em um poema de Brecht. Loura, pálida e bela, Carola Neher, atriz fetiche dos anos de 1920 na Alemanha, exilada depois da tomada de poder por Hitler, presa em Moscou no momento de uma depuração stalinista de meados dos anos 1930 (*Säuberung*, depuração ou purificação, palavra-chave do século XX, política ou étnica), desaparecida em um campo do Gulag, Carola Neher me parecia encarnar — como Margarete Buber-Neumann, outro exemplo — o destino da Alemanha.

Hanna Schygulla desempenhava o papel de Carola Neher nessa peça que Grüber dirigiu para umas quinze representações, ao ar livre, no crepúsculo, entre os túmulos de um antigo cemitério militar soviético, em Weimar, ao pé do castelo do Belvédère.

Assim, em meio aos anos dourados do teatro do Odéon, as palavras de uma canção alemã, na versão de Ingrid Caven, menos melodiosa, menos açucarada, mais rude, mais inquietante, trabalhando as entranhas da memória, levaram-me de volta a

um remoto domingo no *Revier* de Buchenwald.

Levam-me de volta à orgulhosa e mortífera solidão de minha singularidade de espectro.

Provavelmente sou o único, naquela noite, naquele lugar, a possuir uma memória parecida, a ser nutrido e devorado por essas imagens que surgem em turbilhão. E faço questão dessa singularidade, desse privilégio, mesmo se ele me destrói. Pois essa canção não evoca apenas o ardor da juventude, ela anuncia também, sem agressividade, de maneira sorridente e terna, a proximidade da morte.

> *Allein bin ich in der Nacht,*
> *meine Seele wacht*.

É verdade: estou só na noite, minha alma vela.

15

Pouco depois de me instalar no leito, François abriu repentinamente os olhos, em um sobressalto.

Nossos rostos estavam a alguns centímetros um do outro. Ele logo me reconheceu. — Não, você não — disse ele com uma voz quase inaudível. Não, eu não, François, não vou morrer. Não nessa noite, prometo. Vou sobreviver a essa noite, vou tentar sobreviver a 1 muitas outras noites, para me lembrar.

Provavelmente, e de antemão peço-lhe desculpas, vai acontecer de eu esquecer. Não poderei viver o tempo todo nessa memória, François: você bem sabe que é uma memória mortífera. Mas voltarei a essa lembrança, como se volta à vida. Paradoxalmente, ao menos à primeira vista, à curta vista, voltarei a essa lembrança, deliberadamente, nos momentos em que precisar tomar novamente pé, recolocar o mundo em questão, e eu mesmo no mundo, repartir, relançar a vontade de viver esgotada pela opaca insignificância da vida. Voltarei a essa lembrança da casa dos mortos, do mortuário de Buchenwald, para reencontrar o gosto pela vida.

Vou tentar sobreviver para me lembrar de você. Para me lembrar dos livros que você leu, dos quais me falou, no barracão das latrinas do Pequeno Campo. Aliás, não será difícil. Lemos os mesmos livros, gostamos dos mesmos. Em um último sobressalto de coquetismo intelectual, você quis me impressionar com Blanchot.

Mas *Aminadab* e *Thomas l'obscur* faziam parte de minhas descobertas da época. Quanto a Camus, sem sombra de discussão: *O estrangeiro* foi com certeza um estrondo em nossas vidas. E como não era possível abordar o território de Camus sem fazer uma excursão metafísica, concordamos sobre um ponto capital: entre todos os filósofos franceses vivos, Merleau-Ponty era o mais original. *A estrutura do comportamento* era um livro inovador, pelo lugar dado ao corpo, à sua materialidade orgânica, à sua complexidade reflexiva, no campo da pesquisa fenomenológica.

Apenas sobre dois escritores não conseguíamos, em uma única noite, concordar nossos pontos de vista: Jean Giraudoux e William Faulkner. François achava o primeiro precioso demais, afetado demais. Eu sabia de cor muitos trechos dele, recitava para ele. Minhas tiradas só faziam com que ele fortalecesse sua opinião negativa; mas firmavam a minha, encantada, deslumbrada. Vendo que não conseguiria de mim uma mudança de opinião sobre os romances de Giraudoux, atacou seu teatro. Proclamou com ênfase que daria toda a obra dramática de Giraudoux pela única *Antigone*, de Anouilh. Com a mesma grandiloquência, eu

declarava que a única coisa que me deu raiva, no momento de minha prisão pela Gestapo, em setembro de 1943, em Joigny, foi que ela me fazia perder a estreia de *Sodoma e Gomorra*!

Para terminar, constatando que nada adiantava, denunciou o antissemitismo, provavelmente superficial e convencional, entretanto indiscutível, de alguns textos de Giraudoux.

De má fé, eu lhe retorqui que se ele não gostava de Giraudoux, não era por causa de seu suposto antissemitismo, era, provavelmente, porque apreciava mais, como todas as pessoas de direita, a bela prosa polida e aparada, policiada, de Jacques Chardonne, no extremo oposto da exuberância de Giraudoux. Resumindo, criou-se um impasse sobre Giraudoux. E também sobre William Faulkner. Mas, neste caso, uma questão pessoal logo se misturou ao nosso desacordo literário. Nem um nem outro a formulou claramente, ela ficou no limiar da fala, na fronteira incerta do não dito.

Não era impossível, com efeito, que François tivesse conhecido Jacqueline B., a moça que tinha me dado os romances de Faulkner para ler. Ela apareceu em seu relato em um determinado momento. Apareceu, ao menos, uma moça que se parecia estranhamente com ela: olhos azuis, cabelos longos e pretos até os ombros, magra, de porte livre. No relato de François, ela estava descalça, em um dia de verão, na praça Furstenberg, debaixo de um temporal. Claro, não foi ela, esse fantasma, que lhe fizera ler Faulkner; François já conhecia o escritor americano. Foi Jacques Prévert que Jacqueline B. — só podia ser ela: descalça, ela tinha esse hábito, no verão, de fato, rosto ereto debaixo da chuva: ela, sem dúvida —, foi Prévert que a moça lhe fizera conhecer. Eu estava no mesmo caso: Jacqueline também me trazia poemas de Prévert datilografados, folhas soltas, insolentes, de poesia do cotidiano.

Nunca perguntei a François o nome da moça que vagava em seus relatos. Tinham muito medo que me confirmasse que era mesmo Jacqueline. Jacqueline B. Uma vez, na digressão de um comentário, ele deixou supor que tivera, como se diz, uma aventura com ela, com essa desconhecida, inominada ao menos, inominável para mim. Foi o que achei ter compreendido. E a ideia de que François tivesse podido ter em seus braços Jacqueline B. era-me insuportável.

Eu preferia a incerteza. Esse não dito, em todo caso, habitou a discussão propriamente literária sobre os romances de Faulkner, que François achava complicados demais, rebuscados, construídos de modo arbitrário demais: em suma, eles enchiam o saco. Eu me lembrava do ardor de Jacqueline quando ela me falava de *Sartoris*.

Algo que François não compartilhara com ela. A gente se consola como pode.



Alguns meses mais tarde, nos primeiros dias do belo mês de maio, em 1945, uma carta de Jacqueline B. chegou em meu nome ao endereço de minha família: 47, rue Auguste-Rey, Gros-Noyer-Saint-Prix, Seine-et-Oise. Eu estava voltando de Buchenwald. Mal tivera tempo de ver a neve cair, em uma borrasca súbita, sobre as bandeiras do desfile operário do 1º de Maio. Apenas o tempo de constatar a que ponto a verdadeira vida era estranha, a que ponto seria difícil me acostumar novamente com ela.

Ou reinventá-la.

Por que nos perdemos de vista? Jacqueline B. se perguntava, me perguntava. É verdade, nós nos perdemos de vista. Por pouco não nos perdemos de vida. Era simples de explicar, no entanto. A partir de um certo momento, o trabalho de Jean-Marie Action me obrigou a perder de vista meus amigos de então.

Jacqueline me deu um endereço onde encontrá-la, caso eu tivesse vontade de revê-la. Eu tinha vontade, certamente. Ela morava na rua Claude-Bernard, um número ímpar.

Tenho certeza porque eu descia a rua Gay-Lussac e, em seguida, ia pela calçada da direita. É sem dúvida um detalhe insignificante, uma certeza que não tem importância alguma. É perfeitamente possível imaginar uma narrativa que ocultasse esse detalhe insignificante. Que o omitiria, para ir ao essencial, ao ponto mais vivo do assunto. Mas era um momento de flutuação em minha vida, aquele mês de maio de 1945, eu não sabia bem quem eu era, nem por que, nem para que servia, dali em diante. Então, a lembrança desses detalhes insignificantes, dessas certezas mínimas fortalece a ideia, entretanto discutível, volátil, de minha existência.

Era eu mesmo, até existia realmente, o mundo estava presente, habitável, transitável ao menos, já que me lembro que chegava da rua Gay-Lussac, que a calçada dos números ímpares começava a ficar na sombra — fazia sol em Paris, naquele mês de maio —, já que me lembro que eu tremia de emoção com a ideia de revê-la.

Ela morava no térreo, entre o pátio e o jardim, com a mesma família que a acolhia já havia três anos, quando eu a conhecera, na Sorbonne. Eu nunca soube, aliás, quais

eram seus laços com a dita — ou melhor, não dita — família, que descendia em linha patronímica direta de um célebre cirurgião real do século XVIII, também um dos fundadores da escola econômica dos fisiocratas.

Jacqueline era a dama de companhia da mãe de família? (Pai algum foi um dia perceptível no horizonte.) Ou a preceptora da irmã mais jovem? Ou a companheira de um dos irmãos?

Seja como for, reatamos nossas longas conversas intermináveis em torno de um copo d'água, de um café com creme, retomamos nossos passeios por Paris. Ela não me perguntava nada sobre meus dois anos em Buchenwald; provavelmente tinha adivinhado que eu não responderia.

Um dia de pleno verão, saíamos de um cinema, na praça Saint-Sulpice. Tinha chovido, a chuva tinha refrescado a atmosfera pesada, as pedras da calçada ainda estavam molhadas. Ela riu, tirou os sapatos baixos para andar descalça.

Eu a olhava, imóvel, fulminado pela lembrança de uma história de François L. Será que ele a tivera, outrora, realmente em seus braços?

Praça Saint-Sulpice, descalça, vestida com uma camisa masculina de cor e corte militares, com mangas dobradas, e uma saia de pano cru, evasê, rodada, a cintura apertada por um cinto largo de couro, Jacqueline olhava para o céu, procurando a água viva de uma nova chuva.

Seis meses antes, em dezembro, no dia em que os americanos não cediam um milímetro de terreno aos soldados de von Rundstedt, em Bastogne, eu procurava no rosto emagrecido, quase translúcido, de François L. o último movimento, o último fôlego. A última palavra, talvez. Até mesmo a lembrança de Jacqueline B. poderia tê-lo reconfortado, arrancado dele o menor sorriso, presenteado com a menor esperança. Eu espreitava seu rosto, a alguns centímetros do meu. Sabia que sua alma já o tinha deixado, que ela não depositaria mais sobre seus traços, abandonando-o uma hora depois de sua morte, o véu impalpável da serenidade, da nobreza interior, do retorno a si.

Naquela sala de espera da morte, os chiados, os gemidos, os frágeis gritos de pavor haviam se calado, apagado, um após o outro. Só havia cadáveres em torno de mim: carne para crematório.

Em um sobressalto de todo o corpo, François abriu os olhos, falou. Era uma língua estrangeira, algumas breves palavras. Somente depois compreendi que tinha falado em latim: tinha dito duas vezes a palavra *nihil*, eu tinha certeza. Falou bem rápido, com uma voz bem fraca: além desse "nada" repetido, não pude captar o sentido de suas últimas palavras.

Logo depois, seu corpo se enrijeceu definitivamente. O mistério das últimas

palavras de François L. se perpetuou. Nem em Horácio, nem em Virgílio, cujos poemas eu sabia que ele recitava, como eu mesmo recitava para mim Baudelaire ou Rimbaud, eu nunca encontrei um verso onde a palavra *nihil*, nada, se repetia.

Décadas mais tarde, mais de meio século depois da noite de dezembro em que François L. morrera a meu lado, em um último sobressalto, proferindo algumas palavras que eu não compreendera, mas que eu tinha certeza que eram latim pela repetição da palavra *nihil*, eu trabalhava em uma adaptação das *Troianas*, de Sêneca. Eu estava encarregado de escrever uma nova versão em espanhol para o Centro Andaluz do Teatro. O diretor que me propusera participar dessa aventura era um francês, Daniel Benoin, diretor da Comédia de Saint-Étienne. Eu trabalhava simultaneamente no texto em latim estabelecido por Léon Herrmann para a coleção das *Universités de France*, mais conhecida sob o nome de *coleção Budé*, e numa tradução espanhola, bem literal, bem desprovida do sopro trágico também.

Um dia, depois de ter concluído minha versão da cena crucial entre Pino, filho de Aquiles, e Agamenon, eu trabalhava num longo trecho do coro das Troianas. Traduzindo o texto em latim que tinha sob os olhos, eu acabava de escrever em espanhol: *Tras la muerte no hay nada y la muerte no es nada*... De repente, provavelmente porque a repetição da palavra nada tinha confusamente despertado uma lembrança enterrada, não identificada, mas carregada de angústia, eu volto ao texto latino: *Post mortem nihil est ipsaque mors nihil*...

Assim, mais de meio século depois da morte de François L., em Buchenwald, o acaso de um trabalho literário me fazia reencontrar suas últimas palavras: "Não há nada depois da morte, a própria morte não é nada". Não tive dúvida alguma: eram mesmo as últimas palavras de François!



Mas, em julho de 1945, no verão de meu retorno, na praça Saint-Sulpice, eu ainda não tinha encontrado a origem dessas últimas palavras.

Eu olhava para Jacqueline B., com os pés descalços no asfalto molhado, as sandálias na mão. Ela parecia esperar, com o rosto voltado para cima, a água do céu, e a chuva começava a cair novamente, a cântaros.

Ela veio se refugiar em meus braços, sua camisa encharcada logo acentuou a forma de seus seios. Eu deveria ter murmurado em seu ouvido o segredo de meu desejo. Dizer-lhe o quanto tinha pensado nela, e como, com que violência. Seu corpo desconhecido, adivinhado, entrevisto às vezes na negligência fogosa das roupas de verão, a fantasia de seu corpo tinha nutrido meus sonhos de Buchenwald.

Sob a água quente do chuveiro — chuveiro de privilegiado, de *Prominent* no *Arbeit*, tínhamos uma escolha de dias e de horas bem mais ampla do que os simples mortais, que, aliás, não tinham escolha alguma; ducha obrigatória com hora marcada, semanal; além disso, não estávamos amontoados na sala dos chuveiros como os outros mortais, quantos!, éramos, na maioria das vezes, apenas quatro ou cinco na grande sala ladrilhada —, sob a água quente do chuveiro, a evocação de seu corpo podia ainda, nos bons dias, provocar o afluxo generoso do sangue, concretizando o sonho.

Não disse nada, claro, não murmurei nada em seu ouvido. Com meus braços que a enlaçavam, protegi seu corpo da chuva. A chuva parou, meus braços se abriram, ela se afastou, com seus seios arrogantes sob a camisa encharcada.

Um ano depois, casei-me com uma moça que se parecia estranhamente com ela. Foi um desastre, claro.

16

Subitamente, golpes surdos, insistentes, no fundo de meu sono. Um sonho tinha se congelado em torno desse barulho: estavam fechando um caixão em algum lugar no fundo de meu sonho. Em algum lugar à esquerda, ao longe, no território sombrio do sonho.

Eu sabia que era um sonho, sabia qual caixão estava sendo fechado nesse sonho: o de minha mãe. Sabia que havia erro, mal-entendido, confusão. Sabia que minha mãe nunca tinha sido colocada em um caixão em uma paisagem daquelas: um cemitério à beira do oceano, sob o voo compassado das gaivotas. Sabia que era falso, mesmo estando certo, de algum modo, que era minha mãe que levavam para a terra. Sabia, sobretudo, que ia acordar, que os golpes repetidos — um martelo, sobre a madeira do caixão ? — iam me acordar de um instante para o outro.

A angústia do sonho era insuportável. Não porque estavam fechando o caixão de minha mãe. Esse saber, por mais preciso que fosse, não evocava, curiosamente, imagens de luto. Muito pelo contrário. Eu ouvia o barulho do martelo sobre a madeira do caixão de minha mãe, mas as imagens que apareciam não eram fúnebres. Não, a angústia não podia provir das imagens triunfantes, ternas ou tocantes que eram evocadas. A angústia provinha de outro saber. Eu tinha certeza de já ter tido aquele sonho, de já ter acordado daquele sonho, é isso. Tinha uma lembrança bem precisa, fulgurante, na instantaneidade do despertar, do que tinha acontecido, depois desse primeiro sonho, desse primeiro despertar: Kaminsky e Nieto, o morto certo, François L., na sala dos sem esperança.

Essa certeza era angustiante, a ideia que eu ia reviver o que já tinha vivido, nas últimas quarenta e oito horas. Abri os olhos, a contragosto. Não era Kaminsky que estava a meu lado, era Ernst Busse, que batia com seu punho fechado na cabeceira da cama.

A angústia desapareceu, tudo voltou ao lugar: eu estava pronto.

— Você nem liga! Consegue dormir?

O tom de Busse era meio rabugento, meio admirativo. Não tive tempo de lhe dizer que, com efeito, eu conseguia dormir, em qualquer circunstância, até mesmo entre dois interrogatórios da Gestapo.

— Você dormia tão profundamente, há cinco minutos — prosseguiu Busse, sarcástico —, que os *Leichenträger*, os carregadores de cadáveres, quase te levaram para o crematório!

Ele joga no leito minhas roupas. Eu me livro do avental, visto-me rapidamente.

A sala do *Revier* onde passei a noite está vazia agora. Vão poder enchê-la com uma nova fornada de moribundos.

Eu tinha visto François morrer, mas não assisti à sua partida para o crematório.

— Legal — diz Busse — se você tivesse acordado no último minuto, sobre o monte de cadáveres levados para o forno.

Legal, verdade.

Durante a noite, logo depois que François pronunciou as poucas palavras que me pareceram ser latinas por causa do *nihil* repetido duas vezes, um enfermeiro se aproximou de meu leito. Estava com uma seringa na mão. Falou comigo em russo e em voz baixa. Entendi que ele queria me dar uma injeção. Lembrei-me do aviso de Busse: uma injeção para fazer a febre subir, caso as SS decidissem terminar a festa deles com uma revista no *Revier*.

No momento em que o jovem enfermeiro se debruçou sobre mim, procurando uma veia para enfiar a agulha, pensei reconhecê-lo. Pareceu-me que era o russo que tinha me salvado, durante a corveia de pedreira, nove meses atrás. Mas não tive a oportunidade de verificar: Ernest Busse estava chegando, apressado. Interrompeu o gesto do russo.

— No último minuto — ele me sussurrou — mudaram de ideia. Vão terminar a noite no bordel!

Ele levou o enfermeiro, deixando-me sozinho novamente, deitado ao lado de François L.

Em todo caso, não acordei sobre o monte de cadáveres no pátio do crematório. Foi Busse quem me tirou do sonho repetido em que estavam fechando o caixão de minha mãe. Outro barulho em meu sonho tinha se superposto àquele do martelo na madeira do caixão. Enquanto seguia Busse, deixando atrás dele a sala dos sem esperança, identifiquei o outro barulho.

Em minha memória infantil, o dia 14 de abril de 1931, dia em que a república foi proclamada na Espanha, em que seu irmão mais novo, Miguel Maura, saía da prisão de Madri, a *Cárcel Modelo*, para se tornar o ministro do Interior do novo regime, minha mãe colocou na varanda de nosso apartamento, na rua Alfonso XI — onde alguns meses mais tarde ela morreria —, auriflamas tricolores com cores republicanas: vermelho, ouro, violeta.

Mal essas bandeiras tinham começado a ondular ao vento da primavera, em uma das ruas mais calmas e ricas desse bairro burguês, todos os vizinhos fecharam suas venezianas para não ter sob os olhos aquele espetáculo insustentável.

O barulho das persianas de madeira sendo fechadas às pressas se sobrepunha ao

do martelo no caixão, os barulhos da vida aos barulhos da morte. Em minha cena primitiva — pois é uma, de modo pesado — não há, portanto, sexo. Tampouco há pai. Há uma mãe, jovem e triunfante, bela, ereta com uma gargalhada provocante. Há as auriflamas da república. Eu seguia Busse, no labirinto dos corredores do *Revier*. O circuito dos alto-falantes difundia os rumores que provinham da praça da chamada, ordens dos suboficiais das SS, tumulto da multidão dos deportados se reagrupando nos comandos de trabalho, uma vez deslocada a formação por blocos.

Sobre esse rumor profundo, vasto, agitado, retumbavam os estribilhos da orquestra do campo tocando as marchas arrebatadoras que acompanhavam ritualmente a partida matinal dos comandos.

Era a música oficial, a da *Lagerkapelle*, cujos músicos vestiam uniformes de circo, calças bufantes de cor vermelha e casacões verdes (ou vice-versa: não farei esforço algum para verificar esse detalhe) e se postavam na praça de chamada, de manhã e à noite, a fim de animar a partida para o trabalho e o retorno dos comandos.

A verdadeira música, no entanto, de Buchenwald, não era aquela. A verdadeira música, para mim ao menos, era a que, às vezes, os suboficiais difundiam, sentimental e nostálgica, no circuito dos alto-falantes. Música e voz do domingo, cujo paradigma eram as canções de Zarah Leander. E depois, sobretudo, a música de jazz da orquestra clandestina de Jiri Zak.



No domingo precedente, sob a habitual borrasca de neve de dezembro, eu caminhava para o *Kino*. Jiri Zak, um companheiro tcheco da Schreibstube, a secretaria, tinha marcado um encontro comigo lá. "Venha", me dissera ele, "durante a chamada do meio-dia. Venha ao *Kino* daqui a pouco. Descobri um novo trompetista. Um estudante norueguês, famoso, você vai ver! Vou pedir para ele tocar trechos de Armstrong... E, além disso, teremos sossego para conversar: tenho uma mensagem para você da parte de Pepikou!" Pepikou é o diminutivo afetuoso de Josef. E Josef é Frank, Josef Frank. Ele trabalha, como eu, no *Arbeitsstatistik*. Poderia, portanto, falar diretamente comigo, a qualquer momento do dia. Mas prefere, sem dúvida, que não nos vejam muito juntos, confabulando.

Eu tinha lhe pedido, na verdade, para me ajudar a montar uma operação particular, tão confidencial que é melhor deixar de lado o próprio aparelho clandestino.

Trata-se de preparar uma evasão por conta do PCF. Foi Pierre D. quem fez contato comigo, da parte de Marcel Paul. Não falei com Seifert, ligado demais à burocracia detalhista da organização comunista alemã. Seifert não teria acreditado em minha palavra. Não que não tivesse confiança em mim, mas era obrigado, visto seu posto na hierarquia clandestina, a falar com as instâncias superiores, que teriam feito uma investigação junto ao PCF, de Marcel Paul.

Era verdade que esse último pretendia organizar sua evasão? Tinha realmente entrado em contato comigo? Era uma decisão correta, de qualquer maneira? Podia tomá-la sem consultar o comitê internacional, tendo em vista as consequências que um fracasso, sempre possível, traria? Em suma, haveria discussão, conversas e lengalengas. Gente demais acabaria sendo informada de um projeto que devia permanecer ultraconfidencial, até mesmo para as instâncias regulares da organização comunista internacional de Buchenwald. Era um negócio que seria melhor proceder segundo métodos de trabalho FTP, teria dito Daniel Anker. *À la guerrillera*, eu diria em espanhol. Um negócio entre comunistas, em que o Partido, como instituição, só podia atrapalhar. Decidi, então, falar com Josef Frank. Sabia que ele me responderia sim ou não sem consulta prévia, por conta própria. Pois ele era o chefe! E isso me convinha.

Frank tinha responsabilidades importantes no *Arbeit*, ao lado de Seifert. Era encarregado do recrutamento de especialistas, técnicos e operários qualificados destinados às diversas fábricas de armas de Buchenwald, a Gustloff, a DAW, e assim por diante. Era o aspecto, digamos, oficial de seu trabalho, do qual teria de dar conta, em último caso, ao comando da SS. Por trás dessa fachada — o uso revolucionário de todas as possibilidades legais de atividade é, sem dúvida, uma das práticas políticas mais universais e percucientes do bolchevismo —, Frank era encarregado pelo aparelho clandestino de selecionar, na medida do possível, militantes experientes para os postos de trabalho disponíveis nesse setor.

A estratégia global da organização comunista clandestina visava, com efeito, penetrar no sistema produtivo de Buchenwald com um duplo objetivo: preservar o máximo de operários, de combatentes antifascistas, em geral, colocando-os nos melhores lugares do dispositivo de produção; e, em segundo lugar, apoiar-se neles mesmos para organizar a desaceleração sistemática e, pontualmente, a sabotagem da produção de armas.

Josef Frank, como a maioria de seus compatriotas originários do protetorado de Boêmia-Morávia, fazia parte dos *Prominenten*, da aristocracia vermelha de

Buchenwald. Era, porém, diferentemente de tantos outros *kapos* comunistas, um homem calmo, atencioso, cortês em alguns casos. Nada de arrojos de arrogância ou raiva; nada de insultos ou grosserias no seu linguajar alemão bem cuidado.

Claro, ele não se entregava facilmente, não se ligava, mantinha distância, preservando sua reserva. Eu podia compreendê-lo. A promiscuidade, inevitável e permanente, era um dos flagelos mais funestos da vida cotidiana em Buchenwald. Se se interrogasse hoje os sobreviventes — raros, felizmente! Logo se terá atingido o ponto ideal ao qual aspiram os especialistas: não haverá mais testemunhas, ou melhor, só haverá "testemunhas verdadeiras", ou seja, mortos; logo ninguém mais virá chatear os especialistas com o incômodo vivido, *Erlebnis*, vivência, de um morto do qual seríamos, antes, apenas os sobreviventes, os espectros —, se se interrogasse os sobreviventes ou os espectros, aqueles, ao menos, que seriam capazes de um olhar lúcido, não complacente, livres dos estereótipos do testemunho choroso, por mais verídico que fosse, é provável que a fome, o frio, a falta de sono aparecessem em primeiro lugar em uma classificação peremptória e visceral dos sofrimentos.

Parece-me, entretanto, que esses mesmos sobreviventes, se chamássemos sua atenção e reavivássemos sua memória para esse assunto, reconheceriam rapidamente os estragos que a inevitável promiscuidade provocava. Esta era um atentado mais insidioso, menos brutal, sem dúvida, menos espetacular que os perpétuos espancamentos, mais desconcertantes também, por causa de seu aspecto na maioria das vezes grotesco, às vezes até mesmo hilário, à integridade da pessoa, da íntima identidade de cada um.

Não sei se se pode medir, objetivamente, um dado desses. Medir as consequências do fato que nem um único ato da vida privada podia ser realizado de outro modo se não sob o olhar dos outros. Não importava que esse olhar fosse, por vezes, fraterno ou piedoso, era o próprio olhar que era insuportável. Não há nada pior do que a transparência absoluta da vida privada, onde cada um se torna o *big brother* do outro. Adormecer com o arfar coletivo, os miasmas comuns do mau sono, os roncos e os gemidos, o ruído imundo das vísceras; defecar sob os olhos de dezenas de caras agachados como você nas latrinas coletivas, na deliquescência fedorenta, barulhenta, das entranhas doloridas: nem um único instante de intimidade separada da exibição, da infernal presença do olhar do outro.

Em Buchenwald, se se fizesse parte da plebe no que tange a vida cotidiana — era esse o meu caso —, só havia duas maneiras de desviar ou de atenuar provisoriamente a agressividade, involuntária, provavelmente, mas inevitável, do dito olhar.

A primeira consistia em se evadir na beatitude fugaz de um passeio solitário.

Isso era possível em algumas épocas do ano (depois do inverno e das borrascas

glaciais de neve e de chuva) e em certas horas do dia. No momento da pausa do meio-dia, por exemplo, ou depois da chamada da noite, entre essa chamada e o toque de recolher. E aos domingos à tarde, é claro.

Havia itinerários que deviam ser preferidos. Como o pequeno bosque em torno do barracão do *Revier*. Ou a vasta esplanada entre as cozinhas e o *Effektenkammer*, que oferecia como brinde a possibilidade de contemplar a árvore de Goethe, o carvalho sob o qual a lenda do campo de concentração dizia que ele gostara de pavonear-se com o idiota do Eckermann e que as SS preservaram para mostrar seu respeito pela cultura alemã!

Para tais passeios, era preciso, sobretudo, evitar os lugares, por mais vastos e agradáveis que fossem, expostos de modo direto demais ao olhar das sentinelas da SS de guarda nos mirantes que balizavam o circuito da muralha eletrificada. Era preciso também evitar a aleia, bem abrigada, entretanto, do olhar nazista, ao longo do crematório: nesse lugar, era quase inevitável se desviar da felicidade efêmera da solidão, do retorno sobre si mesmo, com a chegada de uma charrete transportando para os fornos o monte de cadáveres do dia. Não que tal encontro tivesse algo surpreendente: estávamos acostumados com a presença dos cadáveres, com o odor do crematório. Para nós, a morte não tinha mais segredo, mais mistério. Não outro segredo, ao menos, não outro mistério que aquele banal, reconhecido em todos os tempos, insondável, no entanto, do próprio trespasse: passagem que não se pode viver, em todos os sentidos.

Mas era realmente inútil se fazer lembrar dessa onipresença da morte. Era melhor passear em outro lugar.

Além do passeio, só havia outro meio de enganar a angústia pegajosa da promiscuidade perpétua: era a recitação poética, em voz baixa ou em voz alta. Esse meio tinha uma vantagem considerável sobre o passeio higiênico, mesmo que fosse, evidentemente, menos salutar para o corpo em derrelição: era a de poder ser praticado a qualquer momento, independentemente da condição climática, em qualquer lugar, a qualquer hora do dia.

Bastava ter um pouco de memória. Assim, mesmo sentado sobre a viga das latrinas do Pequeno Campo; ou acordado no tumulto dos gemidos do dormitório; ou alinhado na fileira de detentos diante de um suboficial da SS fazendo a chamada; ou esperando que o serviço de alojamento cortasse com o fio de aço o irrisório pedaço de margarina cotidiana; em qualquer, circunstância era possível se abstrair do imediatismo hostil do mundo para se isolar na música de um poema.

Nos banheiros, qualquer que fosse a pestilência e o ruidoso alívio das vísceras em volta, nada o proibia de murmurar a consolante melodia de alguns versos de Paul

Valéry.

Calme, calme, reste calme / connais le poids d'une palme / portant sa profusion… Ou: *Présence pure, ombre divine, / qu'ils sont doux tes pas retenus. / Tous les dons que je devine / viennent à moi sur ces pieds nus.*

Não sei qual era o método de Josef Frank para combater os efeitos nocivos da promiscuidade, com seu cortejo de indecência, de vulgaridade, de complacência no aviltamento.

Ele sabia se manter a distância, preservar-se, sem cair na violência arrogante de tantos outros kapos e *Prominenten*.

Foi a ele que pedi ajuda para organizar a fuga de Marcel Paul. Ele aceitou. "Mas fica entre nós", me disse. Entre nós, certo, era bom para mim. Gostava do trabalho guerrilheiro.



— Tenho uma coisa para você da parte de Pepikou!

Jiri Zak veio me encontrar durante a chamada, no domingo anterior.

Ele só tinha que percorrer o corredor, no mesmo barracão, para vir do *Schreibstube*, onde ele trabalhava, até o *Arbeitsstatistik*. Na secretaria, Zak era o adjunto do kapo, um comunista alemão. Mas este muitas vezes se ausentava por doença, e Zak praticamente assumia a direção do serviço.

Era um jovem tcheco alto, ligeiramente corcunda. Atrás dos óculos de aço, um olhar excepcionalmente atento e inteligente. Desse ponto de vista, os tchecos de Buchenwald se pareciam bastante. Ao menos aqueles que conheci em cargos de responsabilidade. Calmos, atenciosos, sempre com o mesmo humor. Cultos, além do mais, interessados pelo mundo, pelos acontecimentos a serem decifrados. Interessados pelos outros, o que era ainda mais raro.

A paixão privada de Jiri Zak era o jazz.

Tinha conseguido reunir um pequeno grupo de músicos de diversas nacionalidades. Os instrumentos da orquestra tinham sido recuperados nos tesouros do *Effektenkammer*, a loja geral onde há anos se acumulava o conteúdo das bagagens dos deportados provenientes de toda a Europa.

De toda a Europa, claro, com exceção da Grã-Bretanha, protegida por sua insularidade e sua coragem dos infortúnios da ocupação. Com exceção da Rússia soviética, por razões bem diferentes: era inconcebível que um deportado russo tivesse uma bagagem qualquer para transportar! A única bagagem dos jovens russos deportados era uma vitalidade inaudita, uma selvageria por vezes positiva: rebelião em estado puro contra a absurda ignomínia do curso das coisas; por vezes maléfica, mafiosa.

O conjunto de jazz criado por Jiri Zak, suas sessões de música públicas ou, então, na maioria das vezes, entre nós, em espécies de *jam sessions* domingos à tarde, principalmente, eram uma das coisas mais belas, mais surpreendentes e ricas que pude conhecer.

Música duplamente clandestina, aliás. Assim como os suboficiais da SS, que estavam em contato direto com a população deportada, fechavam os olhos ou toleravam as atividades culturais que as diversas nacionalidades conseguiam organizar nos domingos à tarde, eles também teriam intervindo brutalmente contra as sessões de jazz, essa música de negros!

Por seu lado, os veteranos comunistas alemães não tinham o menor gosto por essa música, decadente, afirmavam, típica dessa época de decomposição do capitalismo.

Provavelmente teriam decidido proibi-la, se estivessem realmente a par. Mas Jiri Zak, preocupado em evitar choques e discussões complicadas, dava um jeito para que as sessões de jazz ocorressem à margem do circuito normal — se assim se pode dizer! — das atividades culturais.

Não era o trompete de Louis Armstrong, claro, mas não era ruim. De jeito nenhum, francamente.

Quando entrei na sala do *Kino*, no domingo à tarde, oito dias antes daquele de que trata essa narrativa, o estudante norueguês acabava de começar o primeiro solo de *In the shade of the old apple tree*. Em volta, júbilo. Markovitch apoderou-se de seu saxofone, o baterista se soltou. Um após o outro, tomados pelo ritmo e pela imposição da estrutura temática, logo se liberavam em uma improvisação combinada, rompendo continuamente os acordes provisórios.

Jiri Zak estava no céu, seus olhos brilhavam atrás das lentes de seus óculos de aço.

Entrei no júbilo, no sentimento de extrema liberdade que o jazz sempre me deu, e ainda me dá.

Mas Zak me viu, afastou-se dos músicos e veio até mim. Quando penso nele, tentando evocar sua imagem, delimitar os traços de seu rosto, fazer surgir sua silhueta, seu olhar, seu porte, das masmorras do tempo, é sempre aquele momento que reaparece: o grande hall do *Kino*, vazio e sonoro; o pequeno grupo de deportados

em um canto, em meio círculo em torno do jovem trompetista norueguês — havia, em Buchenwald, um grupo de estudantes que tinha sido capturado na Noruega, já não sei mais por que, e que não eram submetidos ao regime geral: ficavam isolados dos outros deportados e não trabalhavam —, retomando em coro os temas musicais; Jiri Zak, bem alto, com os ombros curvados, andando em minha direção.

Entretanto, vi-o muitas vezes, em Buchenwald, depois desse domingo. E o revi bem mais tarde, na primavera de 1969. Eu estava em Praga com Costa-Gavras, que tentava ainda filmar *A confissão* na Tchecoslováquia. Fazíamos reuniões, discutíamos: ficava claro que lá a filmagem seria impossível. A normalização estava em curso, o restabelecimento da ordem, depois da invasão do país pelas tropas soviéticas.

Eu tinha pedido a cineastas amigos, que ainda não tinham se resignado com o exílio, para procurar para mim a pista de Jiri Zak.

Eles o encontraram. Um dia, ao voltar para o hotel, recebi uma mensagem: Zak me esperaria a determinada hora, em determinado lugar. Foi em um apartamento cujas janelas se abriam para a praça Wenceslas. Zak estava grisalho, mas seu olhar não tinha mudado, tampouco seu porte. Uma mulher idosa, pequena, com o rosto de maçã enrugada, o acompanhava. Era a viúva de Josef Frank, nosso companheiro de Buchenwald, Pepikou. Este tinha se tomado secretário geral adjunto do PC da Tchecoslováquia, depois de sua volta da deportação. Fora pego na engrenagem dos processos stalinistas dos anos 1950. Acusado de ter se colocado a serviço da Gestapo em Buchenwald, ele "confessara" depois de algumas torturas. Tinha sido enforcado, com Slansky, Geminder e uma dezena de outros acusados. A cinza deles havia sido espalhada numa estrada com neve, deserta: vestígio algum da existência deles devia ficar, cadáver algum para receber honras, lugar algum de lembrança, possibilidade alguma de trabalho de luto.

Naquele dia, em Praga, na primavera de 1969, lembrei-o do ensaio de seu conjunto de jazz, no *Kino* de Buchenwald, num domingo de dezembro de 1944. Ele se lembrava do jovem trompetista norueguês. Mas tinha se esquecido sobre qual tema de Armstrong ele lhe tinha pedido para mostrar seu talento. *In the shade of the old apple tree*? Não, ele não se lembrava. Provavelmente, esse tema musical não estava no centro de sua memória, no próprio cerne de sua vida.

Era o meu caso, em compensação. Em Praga, naquele dia, em 1969, eu poderia ter contado minha vida a Jiri Zak em torno e a propósito dessa música de Louis Armstrong.



No verão de meus dezenove anos, em 1943, eu tinha começado a participar de missões clandestinas para a rede de Frager, Jean-Marie Action. Ainda não tinha me instalado em Joigny, como permanente da rede. Estava voltando a Paris, depois de ter passado alguns dias no Yonne ou na Côte d'Or organizando a recepção e a distribuição das armas lançadas pelos serviços britânicos; pondo em ação o plano de sabotagem das vias de comunicação, estradas de ferro, eclusas do canal de Bourgogne.

Aconteceu de eu ir a Paris em dia de festa surpresa na casa de amigos. Escondi meus documentos falsos em nome de Gérard Sorel, jardineiro, nascido em Villeneuve-sur-Yonne (em minha mochila de ciclista, nas estradas regionais dos arredores de Joigny, eu levava os instrumentos de minha profissão), peguei novamente meus documentos verdadeiros de residente espanhol, estudante da Sorbonne, e me apresentei na festa. Se meus amigos mais próximos me vissem entrar, rapazes ou moças, paravam a música, surpreendendo assim os casais abraçados, e punham na vitrola a música de Armstrong, *In the shade of the old apple tree*. Era como um cumprimento, um gesto de amizade codificado, um piscar de olhos cúmplice.

Em Madri, mais tarde, na clandestinidade antifranquista, essa música de Louis Armstrong misturou-se igualmente a episódios significativos.

Mas não contei minha vida a Jiri Zak, em Praga, em 1969, no momento em que se dava a nova glaciação da sociedade tcheca, depois da invasão pelas tropas soviéticas.

Razão alguma, portanto, para eu contá-la aqui, para dizer tudo o que se agita em minha memória, em minha alma — se se pode diferenciar uma da outra —, com a evocação de Louis Armstrong. Em todo caso, no *Kino*, Jiri Zak veio ao meu encontro, depois das variações, das improvisações de seus músicos sobre o tema da *Old apple tree*.



Ele tinha uma mensagem para mim, da parte de Frank.

Algumas semanas mais tarde, ele mandaria me dizer, a SS ia criar um novo comando. Tratava-se de uma equipe de trabalho móvel, que se deslocaria de trem e se destinaria ao reparo das vias férreas bombardeadas pelos Aliados. Por sua mobilidade, pelas próprias circunstâncias de um trabalho que se desenrolava ao ar livre, em um espaço aberto, mais difícil de ser vigiado, impossível de ser realmente fechado, parecia que esse comando se prestaria melhor do que qualquer outro a um projeto sério de fuga.

Se o PCF concordasse com essa proposta, seria preciso tomar medidas imediatas, para que Marcel Paul e os camaradas de seu grupo pudessem ser incluídos na lista dos deportados que Frank estava encarregado de selecionar. Bem, transmitirei a mensagem e a resposta que dariam a ela. O estudante norueguês começava outro solo de trompete. Era realmente talentoso.

De todas as imagens possíveis de Jiri Zak, jovem comunista tcheco em Buchenwald, morto no exílio em Hamburgo, tendo o restabelecimento da ordem stalinista o obrigado a deixar Praga pouco depois de nosso último encontro, de todas as imagens possíveis minha memória evoca sempre, espontaneamente, a daquele domingo de dezembro no *Kino* do campo, no dia em que escutávamos o novo trompetista norueguês arriscando-se nos solos de Armstrong.

Mas não se ouve *In the shade of the old apple tree* enquanto eu perambulo nos corredores do *Revier*, atrás de Ernst Busse, o kapo. Nem sequer *On the sunny side of the street*. Também não é a voz de Zarah Leander, em *Der Wind hat mir ein Lied erzählt*... O que se ouve é o rumor surdo da praça de chamada, os estribilhos da orquestra do campo, os berros dos suboficiais da SS.

17

— Você conhece o embaixador de Franco em Paris? — Walter Bartel me pergunta, secamente. A questão me pega desprevenido, me deixa boquiaberto, é claro. Mas uma espécie de lampejo acontece ao mesmo tempo em meu cérebro: acho que sei a que leva essa questão absurda.

Ernst Busse me mandou entrar em seu escritório do *Revier*. Bartel já estava lá, sentado atrás de uma mesa. Busse se aproxima dele. Uma terceira cadeira estava prevista, para completar a *troïka* tradicional, provavelmente, a santa trindade kominterniana. Mas ficou vazia. Um tribunal. Essa ideia me veio naturalmente à cabeça, sobretudo quando Bartel me fez um sinal para me sentar na frente deles, em um banquinho.

Só então notei a presença de Kaminsky e Nieto. Kaminsky parecia desenvolto, como se estivesse ali por acaso. Teria até mesmo lido um jornal, se houvesse um exemplar do *Volkischer Beobachter* por ali, para mostrar seu desinteresse. Quanto a Jaime Nieto, principal responsável pela organização clandestina do Partido espanhol em Buchenwald, ele não parecia contente. Eu não podia adivinhar se não estava contente por ser ostensivamente relegado a segundo plano, sentado afastado de Bartel e Busse, ou se simplesmente por estar ali. Seja como for, estava emburrado: cara fechada, ar de descontentamento, talvez até mesmo de raiva, em seu olhar. Foi Bartel quem começou o interrogatório.

Lógico, era ele o chefe.

Bartel: tenho de dizer duas palavras sobre ele. Eu sempre invento personagens. Ou, quando eles são reais, dou-lhes em minhas histórias nomes fictícios. As razões são diversas, mas se devem sempre a razões de ordem narrativa, à relação que deve ser estabelecida entre o verdadeiro e o verossímil.

Assim, Kaminsky é um nome fictício. O personagem é, em parte, real. No essencial, sem dúvida. Alemão originário da Silésia, com um nome eslavo (mudei o dele para Kaminsky por causa do *Le sang noir*, de Guilloux), antigo das brigadas internacionais, internado no campo de Gurs em 1940 e entregue à Alemanha nazista pelas autoridades de Vichy: tudo isso é verdade. Mas a essa verdade acrescentei elementos biográficos ou psicológicos vindos de outro lugar, tirados de outros deportados alemães que conheci.

Não me pareceu decente manter seu verdadeiro nome quando eu lhe atribuía palavras que ele nunca tinha dito, quando lhe fazia assumir opiniões que nunca tinha

expressado.

É o mínimo, preservar sua liberdade, sua possibilidade de distanciamento, de rejeição mesmo, se ele ainda estiver vivo.

Nesse caso, o nome fictício de Kaminsky, de certa maneira, o protegerá, caso não se reconheça nesse retrato, caso se recuse a se reconhecer nele.

O caso de Walter Bartel e o de Ernst Busse são bem diferentes. É preciso, imperativamente, que eu mantenha o verdadeiro sobrenome, o nome real deles. Independentemente do estatuto narrativo é a verdadeira história deles que me interessa. Bartel e Busse são personagens históricos. Os pesquisadores, os especialistas da história dos campos nazistas, em geral, do campo de Buchenwald, em particular, já se depararam ou vão se deparar um dia ou outro com seus nomes. Documentos de arquivos que os mencionam já foram publicados, outros o serão mais tarde, provavelmente. Os pesquisadores terão que avaliar o papel que desempenharam na história de Buchenwald e na do regime comunista da Alemanha do Leste.

Mesmo se a cena que evoco for relatada com a exatidão que me esforço para reproduzir, sua verdade profunda seria destruída, ou corrompida, se eu desse a Bartel e a Busse um nome fictício por inadvertência ou leviandade. Ou por receio de assumir a responsabilidade de incluí-los sob seu verdadeiro nome em um episódio cuja prova eu não poderia fornecer, pois todas as testemunhas estão mortas. A não ser eu, claro. No momento em que escrevo, ao menos, ainda estou vivo, cinquenta e seis anos depois do acontecimento.

Em todo caso, era a primeira vez que Bartel falava comigo. Eu o conhecia de vista, claro. Às vezes ele vinha conversar com Seifert, cara a cara, na saleta privada deste último no *Arbeit*. Era um homem baixo, de uns quarenta anos, louro, rosto redondo, móvel, de uma vitalidade evidente. Não usava nenhuma das braçadeiras que distinguiam os funcionários de autoridade da administração interna do campo. Nem kapo, nem *Vorarbeiter*, nem *Lagerschutz*, nada parecido. Provavelmente fazia parte, de modo formal, de algum comando de manutenção geral, o que lhe permitia circular sem constrangimento dentro de Buchenwald. Mesmo sem sinal exterior de autoridade, a dele era perceptível. Foi ele quem começou o interrogatório, já que devia se tratar de um interrogatório, aparentemente.

— Você conhece o embaixador de Franco em Paris? — pergunta-me ele à queima-roupa.

— Não conheço — digo, depois de passado o choque da surpresa. — Mas sei quem é!

— Qual a diferença? — ele diz, levantando os ombros.

— Enorme — eu preciso. — Nenhum de vocês conhece von Ribbentrop,

certamente não... Mas todos vocês sabem quem ele é!

O olhar de Walter Bartel escurece. Não gosta disso. Com o canto do olho, observo os outros. Nieto balança a cabeça, aprovando. Kaminsky se esforça para parecer indiferente. Mas seu olhar, quando cruza o meu, é amigável. Quanto a Ernst Busse, ele está maciçamente instalado em outro lugar.

— Von Ribbentrop, justamente, von Ribbentrop! — exclama Bartel. Mas tal exclamação não tem continuidade. Ele retoma seu assunto. — Então, conhece o embaixador de Franco em Paris!

— Sei apenas quem é, só isso. José Félix de Lequerica. Basco, católico, franquista. Meu pai é católico também, mas antifranquista, liberal de esquerda, diplomata da República. José Maria de Semprún Gurrea! Antes da guerra civil, as duas famílias provavelmente se conheciam. Sabiam, ao menos, ambas, com quem lidavam. Ocasionalmente, podem ter sido amigas, não é impossível...

Bartel vê em minha resposta apenas a confirmação de sua ideia.

— Então, você conhecia a família do embaixador de Franco?

Tenho a vaga lembrança de ter dado de ombros, irritado.

— Eu não, meu pai! É apenas uma possibilidade... E foi antes da guerra civil!

— Seu pai, não, você! — exclama Bartel. — Ele está pedindo notícias de você, o embaixador de Franco em Paris!

Era mesmo, portanto, o que eu pensava, o que tinha começado a adivinhar. A nota de Berlim que se referia a mim, que eles puderam ler por inteiro pela manhã, antes de ela ser entregue à Gestapo de Buchenwald, é um pedido de informação sobre mim que vem de Paris, do embaixador de Franco em Paris, José Félix de Lequerica.

Imagino direitinho como isso aconteceu. Inquieto por não receber mais cartas minhas (toda correspondência com as famílias, autorizada uma vez por mês, exclusivamente em alemão e em um formato determinado, tinha sido interrompida pela liberação da França, depois do mês de agosto de 1944), meu pai deve ter procurado, de modo direto ou indireto, um antigo conhecido, esse embaixador, José Félix de Lequerica. E este, já que o rumo da guerra virava, definitivamente, a favor dos Aliados, não achou inútil, nem inconveniente, aceder a esse pedido, pedindo noticias minhas pela via diplomática.

— Então — diz Bartel com uma voz suave —, não fica surpreso que o embaixador de Franco em Paris peça noticias de você?

Ele não vai desistir, digo cá comigo.

— Não me surpreendo que minha família tenha tentado ter noticias minhas!

Mas Walter Bartel não muda de assunto.

— Que um embaixador fascista se preocupe com a saúde de um militante

comunista, isso não te surpreende?

— Se foi meu pai quem pediu para interceder, com certeza ele não disse ao embaixador que eu era comunista... Deve ter falado da Resistência em geral. E, além do mais, minha rede sequer é gaullista, ela depende dos serviços britânicos...

Foi um erro dizer isso, mordo imediatamente os lábios. Involuntariamente, abri uma nova frente de inquietação, de suspeita.

Vejo isso em sua excitação súbita.

— Britânico? Era agente de um serviço britânico?

Mas Jaime Nieto intervém de imediato, vigorosamente, com precisão. Kaminsky corrobora suas palavras. Pedem para não perder tempo com isso. Todas essas perguntas foram feitas quando fui reenquadrado em Buchenwald. Tudo passou pelo crivo, foi verificado: minhas relações com o PCE clandestino em Paris; o controle da MOI sobre minha atividade e assim por diante.

Walter Bartel fica insatisfeito. Teria visivelmente gostado de ir mais a fundo nesse assunto.

— Está claro que seu pai tem relações com um diplomata fascista em Paris!

Balanço a cabeça: é verdade, esse ponto parece claro. Meu pai, ou alguém em seu nome, entrou em contato com José Félix de Lequerica para lhe pedir para interceder, para tentar obter noticias minhas. Não sinto mais vontade de discutir com Bartel. Lembro-me do alojamento mais que modesto, onde mal dava para se viver, quase insalubre, que meu pai ocupava em Saint-Prix, na colina que liga Montlignon a Saint-Leu. Lembro-me que esse grande burguês sobrevivia precariamente dando aulas em um colégio religioso dos arredores. Lembro-me da pequena bandeirola tricolor da República espanhola pendurada na parede de seu quarto.

Finalmente, depois da intervenção de Jaime Nieto, Bartel admite que não sou responsável pela intervenção provável de meu pai junto a José Félix de Lequerica.

O interrogatório é abandonado. Mandam-me de volta para a vida do campo.

Walter Bartel faz um ultimo comentário ácido.

— E pensar que nos arriscamos para te proteger! Até encontramos o morto certo... E tudo isso para nada! Por causa de um pedido do embaixador de Franco em Paris dirigido a von Ribbentrop!

Aí, claro, tenho a faca e o queijo na mão. Lembro que foi o Partido alemão que insistiu para me colocar na geladeira desde domingo no *Revier*. Se tivessem me escutado, se tivessem esperado para saber, hoje, segunda-feira, qual era o conteúdo da nota de Berlim, não teria havido problema. Eu tinha dito que não devia ser nada sério!

Ele não tem nada a dizer, a sessão está terminada.

Epílogo

Finalmente, passamos a noite juntos, Jiri Zak e eu. A viúva de Josef Frank nos tinha deixado. Esperamos que ela se afastasse rumo a um ponto de ônibus, na praça Wenceslas, pequena, grisalha, sombra entre as sombras.

Era primavera, Praga estava bonita. Praga é sempre bela, o tempo todo, claro. Mas sua beleza de primavera é particular. Apesar da invasão, do ajuste gradual e sistemático, um ar de liberdade ainda circulava nas manhãs, nos jardins floridos. Nos rostos, ainda. Nos rostos das mulheres, sobretudo. Um ar de liberdade, de desafio: o último sopro, talvez. Eu tinha passado em nosso hotel para deixar uma mensagem para Costa-Gavras e Bertrand Javal, o produtor de *A confissão*: eu me encontraria com eles na manhã seguinte. Teríamos uma reunião, decisiva, com o diretor dos estúdios de Barandov.

Em seguida, andamos pelas ruas, por muito tempo, Zak e eu. Paramos, mais tarde, para tomar uma cerveja e comer salsichas grelhadas, ao ar livre, à beira do rio.

Não, Zak não se lembrava de Louis Armstrong. Quero dizer, não se lembrava mais que era uma música de Armstrong que o estudante norueguês tinha tocado naquele domingo remoto.

In the shade of the old apple tree.

A lembrança do *Kino* de Buchenwald, do trompete de Armstrong, deu-lhe uma ideia. Ele me convidou para ir a uma boate da cidade velha onde se tocava um bom jazz. Anoitecera, tomamos algumas Pilsen, uma bebida de ameixa. Zak se recusava a tomar vodca. Mais tarde, os músicos chegaram, vieram cumprimentar Jiri Zak. Eu me perguntei se sabiam da existência da orquestra de Buchenwald. Provavelmente, não, Zak era mais do tipo reservado. Em todo caso, tinham começado a tocar. Cada um por si, a princípio: esquentavam lentamente.

Nos primeiros acordes, um pouco combinados, Zak me lembrou da história da minha noite no *Revier*, em dezembro de 1944.



Na segunda-feira à noite, com efeito, quando eu retomava meu lugar no *Arbeitsstatistik*, diante do arquivo central, Zak chega da *Schreibstube*, no final do corredor do barracão.

Está com uma folha de papel na mão. — Tenho um encontro amanhã com o sargento da SS da *Poliasche Abteilung* — me diz ele. — Sobre você!

— Sei por quê!

Ele fica surpreso, eu lhe conto minha pequena história: a nota de Berlim, a decisão do Partido contra minha opinião, a noite com François L. Falo por muito tempo de François. Ele sorri por isso ter acabado com as suspeitas de Bartel.

— No entanto, não é um idiota, longe disso! — exclama Zak. — Olhe: é possível se espantar com o fato de um embaixador espanhol se inquietar por você!

— Ele não se inquieta — respondo. — Está fazendo um favor a alguém do lado oposto! Mas o lado oposto está ganhando a guerra...

Resumindo, eu lhe explico as circunstâncias concretas. Zak me interrompe:

— Deixa pra lá. Não é um problema para mim! Entendo bem as circunstâncias concretas.

Vinte e cinco anos mais tarde, em Praga, um quarto de século mais tarde, não é isso que ainda nos interessa.

— Sabe o que aconteceu com Ernst Busse e Walter Bartel?

Ele olhou para mim, ficou sombrio, de repente perdeu a voz. O tempo tinha passado, o silêncio tornou-se pesado. O silêncio entre nós dois, quero dizer, pois a caverna estava agora cheia de gente, de fumaça, de música.

— Você não sabe? — perguntou-me, finalmente.

Muito tempo depois. Não, eu não sabia: por que saberia? No início dos anos 1950, Ernst Busse e Walter Bartel foram pegos na espiral mortífera dos últimos processos stalinistas. Depois da condenação à morte de Josef Frank, em Praga, foram reabertas investigações sobre o comportamento político dos responsáveis comunistas em Buchenwald. Para os conselheiros soviéticos, com efeito, que instruíam esses processos nos "países irmãos", os sobreviventes dos campos eram presumidamente

culpados. A principal acusação oficial era: colaboração com o inimigo. Assim, Josef Frank foi forçado a confessar que tinha colaborado com a Gestapo em Buchenwald. O verdadeiro crime, entretanto, de todos esses homens era o de ter vivido, lutado, se arriscado e tomado iniciativas de maneira autônoma, longe da sombra tutelar de Moscou, nas resistências europeias, desde a guerra da Espanha.

Ernst Busse não teve sorte. Foram as autoridades de ocupação soviética que instruíram seu processo. Ele confessou crimes de guerra contra os deportados russos, que teria cometido usando seu posto de kapo do *Revier*. Foi condenado, deportado para um campo do Gulag. Morreu em Vorkuta, em 1952.

Walter Bartel se saiu melhor. Em primeiro lugar, porque não foram os soviéticos que instruíram seu processo, e sim as instâncias de segurança da República alemã. Mas, sobretudo, porque Bartel se recusou bravamente a colaborar com os procuradores, os inquisidores de seu Partido. Defendeu palmo a palmo suas posições políticas, admitindo ter cometido erros, se fosse o caso, mas sem confessar nenhum dos crimes que lhe imputavam.

— Agora — me dizia Jiri Zak para concluir, naquela noite, em Praga, na primavera de 1969 —, ele é professor de história contemporânea na Universidade Humboldt!

Então, no tumulto da boate de jazz, em meio à fumaça dos ciganos, levantamos nossos copos e brindamos à saúde de Walter Bartel.

— *Rotfront*! — exclamou Jiri Zak.

E eu lhe respondi:

— Rotfront!

Frente vermelha! Era o cumprimento dos comunistas alemães, outrora, na época sectária e exaltante, miserável e gloriosa da luta final e da palavra de ordem apocalíptica: classe contra classe!

Em uma mesa vizinha, uma moça bem jovem, bem loura e muito bonita, lançou-nos olhares indignados. Ela interpelou Jiri Zak. Este lhe respondeu, com sua voz calma e lenta, pausada, pedagógica, com sua voz de militante, de sobrevivente de Buchenwald. Teve que explicar as razões, irônicas e emocionadas, de nossa "frente vermelha".

Então, ela levantou seu copo e brindou conosco. Muito bonita, realmente.

Muito mais tarde, quando começávamos a ficar de porre — e a música, a cada instante melhor, mais controlada e mais selvagem a um só tempo —, Jiri Zak se inclinou para mim, companheiro de memória e bebedeira.

— Você que escreve, você devia escrever uma continuação do *Le grand voyage*... Ele tinha dito *Grosse reise*, claro: falávamos em alemão. Tinha lido meu livro em alemão.

— Devia contar a noite no *Revier*, ao lado do seu muçulmano. Tudo o que está

ligado a ela... Inclusive Busse e Bartel!

Talvez eu tivesse bebido demais, mas me pareceu ser uma ideia.

FIM

Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website